

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADE,  
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS  
AMBIENTAIS**

**ALINE HILSENDEGER PEREIRA DE OLIVEIRA**

**CONDIÇÕES PARA ARRANJO PRODUTIVO LOCAL  
(APL) E SUSTENTABILIDADE AO SETOR TÊXTIL DE  
ARARANGUÁ-SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense para obtenção de título de Mestre em Ciências Ambientais.

Área de concentração:  
Ecologia e Gestão de Ambientes  
Alterados

Orientador: Prof. Dr. Gilberto  
Montibeller Filho

**CRICIÚMA, SC  
2012**

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

O48c Oliveira, Aline Hilsendeger Pereira de.  
Condições para arranjo produtivo local (APL) e sustentabilidade ao setor têxtil de Araranguá-SC. / Aline Hilsendeger Pereira de Oliveira; orientador: Gilberto Montibeller Filho. – Criciúma : Ed. do Autor, 2012.  
164 f. : il. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2012.

1. Vestuário – Indústria - Araranguá. 2. Globalização.  
3. Arranjo produtivo local. I. Título.

CDD. 21<sup>a</sup> ed. 338.47687



Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão  
Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado)

---

#### PARECER

Os membros da Banca Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado) reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pelo candidato **ALINE HILSENDEGER PEREIRA DE OLIVEIRA** sob o título: “**Condições para arranjo produtivo local (APL) e sustentabilidade a indústria do vestuário de Araranguá, SC**”, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido o candidato, os membros são de parecer pela “**APROVAÇÃO**” da Dissertação.

Criciúma, SC, 2 de agosto de 2012.



**Prof. Dr. Geraldo Milholi**  
Primeiro Examinador



**Prof. Dra. Márcia Machado**  
Segundo Examinador



**Prof. Dr. Gilberto Montibeller Filho**  
Presidente da Banca e Orientador



*Dedico este trabalho aos meus pais  
Leonildo e Maria Terezinha, aos  
meus irmãos Angela e Leonardo,  
às minhas filhas Amanda e Elisa e  
ao meu amado Everaldo.*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Gilberto Montibeller, pelas contribuições, pelo tempo e esforço despendido, às sugestões, aos materiais e pelas orientações que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho.

À Universidade do Extremo Sul Catarinense e à equipe de professores do PPGCA.

Ao Instituto Federal de Santa Catarina por seu incentivo.

Às empresas por sua disponibilidade permitindo a realização desta pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho do Curso Técnico de Produção de Moda, Prof. Rafaela Bett Soratto, Prof. Ursula de Carvalho Silva, Prof. Lilian Darós Pescador, Prof. Dr. Luciane Nóbrega Juliano, Prof. Angela Kuasne, Prof. Anamélia Fontana Valentin, Prof. Lucimar, Prof. Jozimar Pelegrine, Prof. Ana Cristina Geraldo, Prof. Flávia Sá, Prof. Graziela Brunhari Kauling, Prof. Suzy Pascoali, Técnicos Roberta Lohn e Waldemir Biff.

Aos meus colegas de mestrado.

Aos meus pais Leonildo Ramos Pereira e Maria Terezinha H. Pereira, por seu amor e dedicação em todas as etapas da minha existência.

Aos meus irmãos Angela H. P. Miliolli e Leonardo H. Pereira que sempre foram meus companheiros.

À minha sogra Maria de Fátima Silva de Oliveira, e às minhas cunhadas Maria Aparecida O. da Silva e Daniela S. de Oliveira por suas palavras de conforto.

Às minhas amadas filhas Amanda H. P. de Oliveira e Elisa H. P. de Oliveira que muitas vezes suportaram minha ausência.

Ao meu amado Everaldo Silva de Oliveira que foi pai e mãe e muito ajudou no desenvolvimento do trabalho e por sua compreensão e amor.

A Deus, o princípio de tudo.





## RESUMO

O desenvolvimento econômico pós-globalização aprofundou as externalidades sociais e ambientais por sua dinâmica e estratégias voltadas essencialmente ao mercado. O setor da confecção foi fortemente influenciado pelos processos de desregulamentação econômica, resultando na necessidade de uma reestruturação socioprodutiva. No município de Araranguá este setor é representativo em termos econômicos e de geração de postos de trabalho, sem a exigência de qualificação profissional. A dimensão local não deixou de ser relevante para desenvolver a economia dos países, principalmente aqueles em desenvolvimento em que predominam as pequenas e micro empresas. Esta pesquisa teve como objetivo identificar os elementos necessários para a formação de um arranjo produtivo local no município, confrontando com os elementos existentes. Para alcançar este objetivo, desenvolveu-se um estudo com dez indústrias de confecção de Araranguá escolhidas pelo tempo de atuação no mercado, considerando aquelas com ano de fundação superior a cinco anos. Foi utilizada a pesquisa exploratória e os dados primários foram obtidos por meio de entrevistas diretas com a aplicação de questionário semi-estruturado em torno do objeto de pesquisa. Os resultados confirmaram a importância de atuação das empresas de pequeno porte na economia de Araranguá. Além disso, constatou-se que a formação de um arranjo produtivo local atenderá às demandas do setor de confecção com o objetivo de torná-lo competitivo no mercado promovendo a sustentabilidade sócio-ambiental e econômica e o desenvolvimento da região.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local. Indústria do Vestuário. Globalização. Arranjo Produtivo Local. Inovação.



## **ABSTRACT**

*The post-globalization economic development deepened the social and environmental externalities because of its dynamics and strategies essentially turned to market. The textile industry was strongly influenced by the economic deregulation processes, resulting on the necessity of a socio-productive restructuration. In the town of Araranguá, this industry is representative in economic terms and generation of employment without demanding professional qualification. The local dimension is something relevant for the economic development of countries, mainly those developing where micro and small enterprises predominate. This research's goal was to identify the elements necessary to the formation of a local productive arrangement in the town, confronting with existing elements. To reach this goal, we made a case study in 10 textile industries of Araranguá, chosen by their time in the market longer than 5 years. It was utilized the exploratory research and primary data were collected through direct interviews with the application of a semi-structured questionnaire. The results confirmed the importance of the small businesses' performance in Araranguá's economy. Moreover, it was found that the formation of a local productive arrangement will meet the demands of the textile industry aiming to make it competitive in the market, promoting socio-environmental and economic sustainability and the region development.*

*Key-words: local development; textile industry; globalization; local productive arrangement; innovation.*



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da localização Amesc .....	25
Figura 2 - Movimento da empresas manufatureiras com a globalização .....	42
Figura 3 – Foto: trabalhadores informais bolivianos.....	50
Figura 4 - Mapa Conceitual sobre a Globalização .....	57
Figura 5 - Mapa Conceitual: Proximidade geográfica e desenvolvimento local.....	63
Figura 6 - Agentes de desenvolvimento de arranjos produtivos .....	68
Figura 7 - Mapa Conceitual sobre inovação.....	82
Figura 8 – Gráfico: Número de confecções de artigos do vestuário e acessórios no Brasil.....	94
Figura 9 - Diagrama do segmento têxtil.....	95
Figura 10 - Fluxograma da cadeia têxtil e da confecção.....	97
Figura 11 – Gráfico: Pessoal ocupado em empresas de confecção com mais de 100 empregados por município.....	99
Figura 12 – Gráfico: Número de empresas de confecção por município superior a 5 estabelecimentos da AMESC .....	100
Figura 13 – Gráfico: Evolução das empresas de confecção na AMESC .....	107
Figura 14 - Grau de escolaridade do pessoal empregado em Araranguá.....	112
Figura 15 - Tamanho das empresas .....	115
Figura 16 - Destino de resíduos sólidos .....	136
Figura 17 - Empresas que possuem a CIPA .....	138
Figura 18 - Tipos de incentivos à capacitação.....	139



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro comparativo de terminologia de cluster e APL.....	69
Tabela 2 - Pressupostos para a formação de APL em Araranguá .....	92
Tabela 3 - – Potencialidades e deficiências no município de Araranguá relativos à sustentabilidade ambiental.....	104
Tabela 4 - Potencialidades e deficiências no município de Araranguá relativos à sustentabilidade econômica e sócio-cultural.....	105
Tabela 5 - Especialização do setor de confecção .....	109
Tabela 6 - Subclasses do CNAE classe 14 .....	110
Tabela 7 - Análise horizontal da cadeia têxtil na microrregião .....	113
Tabela 8 - Análise horizontal da cadeia têxtil na microrregião .....	114
Tabela 9 - Identificação das empresas pesquisadas.....	116
Tabela 10 - Relações de trabalho .....	116
Tabela 11 - – Escolaridade do pessoal ocupado .....	118
Tabela 12 - Percepção dos fatores competitivos .....	119
Tabela 13 - Inovações de produto ocorridas entre 2005 e 2010.....	122
Tabela 14 - Percepção de inovações em processos .....	123
Tabela 15 - Percepção de outros tipos de inovação.....	123
Tabela 16 - Percepção de inovações organizacionais.....	124
Tabela 17 - Participação nas vendas de produtos novos ou aperfeiçoados .....	125
Tabela 18 - Treinamento e capacitação de recursos humanos.....	126
Tabela 19 - Estrutura de comercialização das empresas pesquisadas .	128
Tabela 20 - Vantagens da localização .....	130
Tabela 21 - Empresas que são subcontratadas e tipo de atividade realizada .....	132
Tabela 22 - Avaliação da contribuição de sindicatos, associações, cooperativas locais .....	134





## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMESC	Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
APL	Arranjo Produtivo Local
ASPL	Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas
CNAE	Classificação nacional de Atividade Empresarial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
MPE	Micro e Pequena Empresa
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
QL	Quociente Locacional
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
REDESIST	Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina



# SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	23
1.2	JUSTIFICATIVA.....	27
1.2	OBJETIVOS .....	30
1.2.1	Objetivo Geral .....	30
1.2.2	Objetivos Específicos .....	30
1.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	30
1.3.1	Aspectos teóricos-metodológicos .....	30
1.3.2	Natureza da pesquisa .....	31
1.3.3	Unidade de análise.....	32
1.4	INSTRUMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	33
1.4.1	Dados secundários .....	33
1.4.2	Dados primários: entrevistas e questionários.....	33
1.4.3	Organização do questionário de entrevista .....	34
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	36
2.1	GLOBALIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DA CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL.....	36
2.1.1	A indústria do vestuário na globalização da economia.....	36
2.1.2	As questões sociais na cultura global: comportamento, processos de identificação e moda .....	43
2.1.3	A globalização e as questões da sustentabilidade .....	52
2.2	PROXIMIDADE GEOGRÁFICA E LOCALIZAÇÃO COMO ELEMENTOS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO .....	58
2.2.1	Competitividade: proximidade geográfica e desenvolvimento local .....	58
2.2.2	Terminologias e conceitos relacionados sobre APLs .....	64
2.2.3	Formação de <i>cluster</i> como perspectiva à eficiência coletiva	69
2.2.4	Aspectos para a caracterização de <i>cluster</i> .....	74
2.3	SISTEMAS DE INOVAÇÃO E APRENDIZADO COLETIVO COMO ELEMENTO DE COMPETITIVIDADE PARA OS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS.....	77
2.3.1	Inovação como fonte de vantagem para o desenvolvimento local .....	77
2.3.2	A contribuição da proximidade territorial para o aprendizado coletivo .....	84



3.	ARRANJO PRODUTIVO LOCAL COMO POTENCIALIZADOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÃO DE ARARANGUÁ-SC.....	87
3.1	PRESSUPOSTOS DE FORMAÇÃO DE APLS NO CONTEXTO DAS INDÚSTRIAS DE ARARANGUÁ.....	87
3.2	CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL E CONFECÇÃO.....	93
3.2.1	Caracterização produtiva do setor têxtil-confecção.....	94
3.2.2	Contexto histórico e econômico do setor têxtil de Araranguá-SC.....	98
3.2.3	Questões socioambientais no setor têxtil e em Araranguá-SC .	101
3.3.4	Análise de concentração espacial por meio do Quociente Locacional (QL).....	106
4.	RESULTADOS E ANÁLISE.....	115
4.1	IDENTIFICAÇÃO DAS EMPRESAS.....	115
4.3.1	Relações de trabalho nas empresas pesquisadas.....	116
4.1	Produção, mercado e emprego.....	117
4.3.1	Evolução do emprego e escolaridade do pessoal ocupado.....	117
4.3.2	Fatores competitivos considerados pelas empresas.....	119
4.3.3	Inovação, cooperação e aprendizado.....	121
4.3.4	Percepção de inovações.....	121
4.3.5	Participação em vendas das inovações nos produtos.....	124
4.3.6	Treinamento e capacitação de recursos humanos.....	125
4.4	ESTRUTURA, VANTAGENS ASSOCIADAS AO AMBIENTE LOCAL E GOVERNANÇA.....	127
4.4.1	Estrutura comercial e produtiva.....	127
4.4.2	Vantagens associadas à localização.....	129
4.4.2	Governança.....	132
4.5	RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL.....	135
5.	CONCLUSÃO.....	143
6.	REFERÊNCIAS.....	148
	APÊNDICE.....	160



# CONDIÇÕES PARA ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL) E SUSTENTABILIDADE AO SETOR TÊXTIL DE ARARANGUÁ-SC

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa, na perspectiva dos elementos necessários à configuração de um Arranjo Produtivo Local (APL), o setor de vestuário do município de Araranguá-SC, visando à competitividade e sustentabilidade. Para tanto, parte do levantamento bibliográfico sobre APLs e confronta a condição nas empresas do setor; considera, nas análises, as dimensões econômica, social e ambiental; contextualiza a dinâmica dos processos competitivos com foco nas inovações e nos efeitos da globalização sobre atividades produtivas locais e no desenvolvimento regional.

As transformações ocorridas ao longo do século passado e no presente, especialmente na área tecnológica, forçaram o setor produtivo à adaptação de novas formas de produzir bens e serviços. Aponta-se que não basta ter acesso às informações, é necessário filtrá-las para um melhor aproveitamento e transformação em conhecimento e em novas habilidades com vistas à inovação.

A competição nos tempos atuais acontece com maior intensidade, sendo que a globalização acelera os processos produtivos e de distribuição dos produtos. Assim, as atividades econômicas, na insegurança no mercado desregulamentado, se tornam geradoras de fortes impactos ambientais e sociais. O sistema de produção de mercadorias contemporâneo assume impacto multifacetado na sociedade ao considerar que

O resultado é que a globalização veio para ficar, e com ela o nivelamento por baixo em termos de salário e assistência social governamental, como regra para diminuir custos de mão-de-obra e impostos, em prol do aumento da competitividade de cada país. (CASAROTTO e PIRES, 2002, p.18)

Corroborando com os autores, a globalização ocorreu no contexto da passagem da era da informação para a era do conhecimento, na qual a competitividade via inovação se torna ainda mais pronunciada. O diferencial competitivo das organizações não é mais a tecnologia disponível, visto que esta é facilmente adquirida por concorrentes, a questão da inovação é o fator que torna as empresas especiais ou

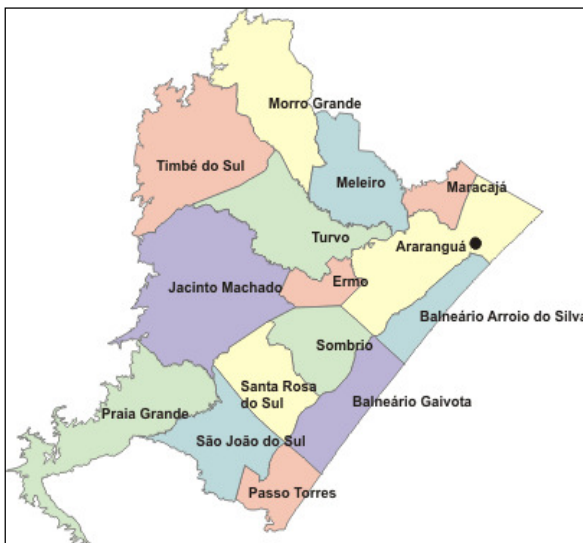
preferenciais pelo consumidor e pela opinião pública aliados à estratégia de se relacionar em grupos de cooperação ou redes. A inovação se apresenta como condição inseparável da aprendizagem e da pesquisa, com a transformação de ideias em oportunidades, pelo desenvolvimento de um aprendizado contínuo ou a “combinação renovada de idéias”. (SCHUMPETER 1934, apud PIERRE 2010, p. 2410)

Neste processo de inovação das firmas, não se desconsideram as questões relativas ao meio ambiente, pois o objetivo dos negócios é prosperar com lucro, responsabilidade social e ambiental, que são os insumos de qualquer organização. O próprio conceito da sustentabilidade, que é o de proteger os recursos para as gerações futuras, a continuidade das empresas é reconhecer a inter-relação entre os fatores econômicos, sociais e ambientais, “reforçando a rede de relacionamentos que as mantêm integradas.” (SAVITZ, 2010, p. 3). Essa questão remete à reflexão sobre o comportamento dos ciclos de produção de mercadorias e serviço confrontando com a capacidade de assimilação dos materiais e aumento do consumo energético.

A transformação ocorrida no setor produtivo têxtil por meio da globalização no qual a falta de inovação provocou um excesso externalidades sociais e ambientais, o desenvolvimento de um ambiente colaborativo propõe mitigar esses problemas.

O ambiente de estudo do presente trabalho é a região da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC), uma região basicamente agrícola, seguido pelo comércio e indústria, destacando-se o setor têxtil como impulsionador da economia local (figura 1). A escolha do setor para o estudo deve-se à atividade profissional da pesquisadora como docente no Instituto Federal de Santa Catarina, *campus* Araranguá, nos cursos técnicos vinculados ao setor. Além disso, esta atuação proporcionou maior aproximação com o setor de confecção na microrregião de Araranguá, em Içara e Siderópolis, conferindo maior entendimento aos processos e dados analisados.



Figura 1 - Mapa da localização Amesc<sup>1</sup>

Fonte: <http://tfeventosesportivos.net/direction.php?pg=dirigentes>

No setor da confecção, observou-se uma fraca interação entre os agentes sociais, econômicos e políticos, sugerindo a hipótese de que a competitividade possui ação individualizada. Foram observadas tentativas de organização de um pequeno grupo de empresários com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas de (SEBRAE), vinculados ao núcleo de confeccionistas de Criciúma-SC. Uma das maiores dificuldades enfrentadas por este setor é a falta de profissionais para atuar no setor produtivo, relacionados ao corte e à costura. Além disso, não se observa uma gestão de *design* nas empresas, demonstrando um fraco grau de inovação, produção de artigos com valor agregado, utilização de tecnologias e a gestão ambiental atende basicamente as leis governamentais, não caracterizando a responsabilidade socioambiental.

---

1

Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense. Disponível em: <http://www.tfeventosesportivos.net/direction.php?pg=dirigentes>. Acessado em 15/10/2010

A perspectiva da responsabilidade socioambiental surge no contexto empresarial como uma vantagem competitiva, por meio da melhoria da reputação, da marca e da confiança da empresa provocando impactos positivos na comunidade. Assim, as empresas buscam elementos de diferenciação por meio da abordagem do Tríplice Resultado de John Elkington, a qual pretende alinhar sustentabilidade, pessoas e lucro num conceito de que as empresas não consomem somente ativos financeiros, mas capitais ambientais (água, energia e matérias-primas) capital social (conhecimentos dos colaboradores, *stakeholders*). Segundo Elkington (2010) as empresas precisam decidir quais questões são fundamentais, pois, “o grau de relevância toma aspectos diferentes conforme se analisam um, dois ou os três tipos de valor: econômico, social e ambiental”. Nesta abordagem o conceito de *Triple Bottom Line* conecta os indicadores econômicos, sociais e ambientais.

As atividades empresariais podem ser sustentáveis gerando lucros, preservando o meio ambiente, respeitando as interações entre as pessoas com as quais mantém relacionamento, reconhecendo valores humanos como vida familiar, crescimento intelectual, moral e espiritual. Corroborar com este conceito Savitz (2010) ao dizer que sustentabilidade não é um mero mecanismo de *marketing*, nem apenas uma questão ética dos negócios, mas um princípio fundamental e inevitável de uma gestão inteligente, o que contrapõe-se ao dogma de que o resultado financeiro é único fator de sucesso.

Neste contexto, a abrangência de atuação das empresas do setor têxtil de Araranguá representa a relevância do ambiente de estudo. Por tratar-se de economia local de pequeno porte, é de fundamental importância o papel da inovação e da responsabilidade socioambiental para ganho e manutenção da competitividade, visto que a região está distante dos grandes centros de produção, consumo e de geração de ciência e tecnologia. Resulta em um problema de ordem estrutural e visa à implantação de estratégias competitivas sustentáveis que favoreçam o desenvolvimento socioeconômico e ambiental (a partir do fomento das vantagens competitivas e comparativas) do setor têxtil. Assim, a questão central da pesquisa é a identificação de elementos necessários à configuração de um Arranjo Produtivo Local (APL) e o confronto com os elementos existentes e faltantes no setor do vestuário no município de Araranguá-SC.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa é relevante como meio de contribuir para a compreensão da realidade e, então, considerar as condições para ser configurado um APL, como forma de fomentar o desenvolvimento sustentável de um setor-chave da região da AMESC. O setor do vestuário no município acima citado é um dos maiores empregadores de mão de obra e compreende indústrias de confecção de pequeno e micro porte, indústrias de tecelagem e ainda, pequenos prestadores de serviços de fações para essas empresas. Além da parte produtiva de bens e serviços, a região conta com instituições de ensino tecnológico e superior, que representam importante papel ao desenvolvimento da região.

O presente trabalho visa pesquisar a competitividade do setor, porém, considera que o desenvolvimento pautado apenas no viés econômico e em políticas e estratégias industriais essencialmente voltadas para a lógica de mercado, resultam na exploração da mão de obra e no uso inadequado dos recursos naturais. A geração de políticas públicas de educação, distribuição da renda, de conservação ambiental, de habitação e da saúde populacional de maneira participativa e democrática, são elementos necessários ao desenvolvimento local sustentável.

Assim, a equidade social deve estar presente nas atividades geridas pelas empresas objetivando o desenvolvimento sustentável para elevar a qualidade de vida da população planetária. Formas regionalizadas de estruturação das atividades produtivas constituem meios de fortalecimento e promoção da sustentabilidade. Não basta o exercício de sobreviver, mas sim o sentido mais amplo de coexistir por meio do sentimento de pertencimento, de respeito às etnias e à linguagem, as necessidades afetivas de reconstrução do ambiente.

Casarotto e Pires (2002) ressaltam alguns efeitos da globalização como a competição internacional, o fortalecimento regional e a diminuição da intervenção do Estado nas políticas assistencialistas, como formas de redução de custos e apresentam a equação de cooperativismo empresarial como alternativa ao desenvolvimento econômico e da qualidade de vida.

Historicamente, as indústrias da região de Araranguá, inicialmente a calçadista e atualmente a de confecções, sofreram e ainda sofrem pressões das importações e da concorrência mundial, chegando praticamente à extinção da indústria de calçados. Novas formas de

adaptação na produção e gestão vêm sendo buscadas pelas empresas no setor para se tornarem competitivas no mercado.

Dentre os elementos chave da competitividade na economia globalizada, está a importância da proximidade geográfica que contrapõe-se aos efeitos desse processo. Neste sentido, a gestão dos APLs é considerada um fator de competitividade, principalmente, para micros e pequenas empresas (MPEs). O Governo Estadual de Santa Catarina promove e incentiva as questões de inovação com o estabelecimento de diretrizes e políticas para o fomento da pesquisa científica, das inovações tecnológicas no ambiente produtivo como medida de incentivo para o desenvolvimento econômico e social sustentável do estado. Essas medidas de incentivo ao desenvolvimento tecnológico são regidos pela Lei Catarinense de Inovação n.º 14.328/2008 a qual assim define APL:

Arranjo Produtivo Local: aglomeração territorial de agentes econômicos, políticos e sociais, com foco em um conjunto específico de atividades econômicas, que apresentam vínculos de produção, interação, cooperação e aprendizagem; (Lei Catarinense de Inovação N.º 14.328/2008, art. 2.º, XIII).

Além da lei Catarinense de Inovação, o governo do estado por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico Sustentável criou a Câmara de Gestão do Desenvolvimento das Aglomerações Produtivas e Redes de Empresas com o objetivo de fortalecer por meio de ações os APLs do estado.

Os estudos realizados pelo grupo de trabalho e pesquisa do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) identificaram 69 APLs em Santa Catarina, dentre estes incluem a indústria de confecção do sul nas cidades de Criciúma, Cocal do Sul, Forquilha, Içara, Lauro Muller, Morro Da Fumaça, Nova Veneza, Orleans, Siderópolis, Treviso, Urussanga, Tubarão, São Ludgero e Araranguá possuindo como agente apoiador o SEBRAE. (CAMPOS et al, 2010)

A sustentabilidade ambiental, compreendida nos seus eixos social, econômico e natural, traz em si uma proposta para o fortalecimento dos APLs, abrangendo a busca da melhoria de qualidade de vida de todos nas atividades industriais “[...] com o mínimo de comprometimento ambiental, ou seja, preservando o meio para as gerações vindouras (equidade intergeracional)” conforme Montibeller

(2001, p. 95), pressupõe-se, na formação de APL, a “gestão dos recursos naturais, com vistas a uma conservação adequada das condições ambientais, garantindo que a atividade produtiva não se tornará destrutiva da qualidade ambiental”. (SEBRAE, p.43, 2004)

As pequenas e micro empresas, por sua dinâmica empreendedora ao possuir características de flexibilidade operacional e maior proximidade com os gerentes do setor de produção por meio de relações formais e informais, permitem a ocorrência de mudanças nos processos e uma “aprendizagem contínua, que permite a variedade e a inovação”. (JULIEN, 2010, p.146). A inovação é, portanto, uma condição essencial para a competitividade das empresas diante da nova economia globalizada e de receitas já experimentadas. Para Schumpeter (1934 apud JULIEN, 2010, p. 242) “a combinação renovada de ideias ou elementos existentes permite à organização distinguir-se no mercado, criando novas rotinas que serão novamente transformadas quando a inovação se renovar”. Deste modo, a inovação se manifesta por meio da aprendizagem e geralmente não acontece de forma isolada, mas como resultado de experiências, de pequenas mudanças nos processos internos ou de fontes externas como é o caso de pressões dos clientes ou da opinião pública (*stakeholders*).

O resultado da inovação é uma nova organização mercadológica e um fator competitivo e gerador de lucro. Quando esse processo é absorvido por outros setores, deixa de ser um diferencial. O efeito propagador da inovação pode trazer consequências negativas àqueles que não puderem acompanhar esse movimento, ocorrendo a marginalização do produtor levando-o à condição de assalariado ou de vulnerabilidade social.

Por estes motivos, a contribuição deste trabalho para área acadêmica é relevante no sentido da pesquisa sobre o setor de confecção de Araranguá com ênfase nas atividades cooperativas, da sustentabilidade e no desenvolvimento local. Assim, esta pesquisa apoia-se em um tema inovador: pesquisar as condições de implantação de um APL no segmento econômico. O objeto de pesquisa proposto como tema, será desenvolvido por meio de conceitos que primem pelos valores sociais, pela lógica da racionalidade ambiental e estratégias empresariais para o desenvolvimento sustentável local.

Pelo exposto, um estudo que dê tratamento especial à questão do desenvolvimento local coerente com a dinâmica setorial da confecção de Araranguá-SC, certamente contribuirá para um desenvolvimento econômico sustentável e da qualidade de vida dos colaboradores deste setor, gerando uma externalidade positiva para a comunidade local.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Identificar os elementos necessários para a formação de um arranjo produtivo local inovativo e sustentável ao setor têxtil de Araranguá-SC.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Analisar os elementos de competitividade no setor têxtil no cenário globalizado.
- Identificar as características que configuram um APL e verificar as condições existentes no setor têxtil em Araranguá com as condições necessárias para constituir-se em APL.
- Verificar como estão constituídas as formas de governança para a configuração de um APL têxtil em Araranguá.

## 1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 1.3.1 Aspectos teóricos-metodológicos

A produção do conhecimento científico está intimamente relacionado à racionalidade e todo o conhecimento é fruto das relações sociais. Os estudos sobre sustentabilidade demandam conhecimentos interdisciplinares: ultrapassam a pesquisa de dados estatísticos. Para entender as relações no ambiente competitivo e natural, aduz Brandenburg (1996) que o conhecimento especializado é incapaz de reconhecer as múltiplas dimensões da realidade, do todo e diferenciar problemas fundamentais. Este processo de construção do conhecimento é organizado em práticas metodológicas definidas em razão do objeto e da questão de estudo.

Este trabalho buscou verificar os fatores existentes ou inibidores para a formação de um arranjo produtivo do vestuário em Araranguá. Uma característica relevante do setor têxtil e do vestuário, é permitir a criação de empresas com baixos investimentos em tecnologia e o emprego de mão de obra com baixa capacitação, por este motivo promove o emprego e a geração de atividades complementares sendo, muitas vezes, informais. A grande questão está em identificar as relações existentes ou possíveis entre os atores, compreender como

ocorrem os processos de inovação e quais as possibilidades de estabelecer cooperação entre os agentes.

### **1.3.2 Natureza da pesquisa**

De acordo com os pressupostos apresentados, a característica da pesquisa mais adequada para responder às questões levantadas é a pesquisa exploratória, conforme Gil (2002, p. 98) “esta pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. Esse método comporta pesquisas bibliográficas e dados primários com entrevistas aos sujeitos selecionados e descrições tanto quantitativas quanto qualitativas. Este tipo de pesquisa compreende a investigação empírica aplicado a um pequeno número de unidades e geralmente sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem o qual são realizadas análises teóricas e empíricas. (MARCONI, 2008).

O setor pesquisado carece de estudos e de conhecimento sistematizado sobre as diversas relações e características existentes no setor do vestuário, para este fim justifica-se a pesquisa selecionada.

O método qualitativo também se revela um importante instrumento, mostrando-se mais eficiente para se conhecer com mais detalhes o problema em questão. Segundo Goldenber (2005, p. 34), “o estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família ou uma comunidade”. Considerou-se capacitação de mão de obra e processos gerenciais, como elementos que compõem a inovação em uma abordagem neoschumpeteriana.

Para avançar na delimitação da coleta de dados, parte-se da metodologia de identificação de arranjos produtivos locais proposta pela Rede de Pesquisa em Sistema Produtivos e Inovativos Locais (REDESIST), da definição Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e de um recorte setorial das indústrias de confecção de artigos do vestuário e acessórios (CNAE divisão 1412). Este estudo investiga as relações entre os diversos atores que potencialmente contribuem com a formação do arranjo produtivo de confecção do vestuário em Araranguá-SC no recorte temporal de 15 (quinze) anos entre 1990 e 2005.

Foi aplicada como técnica de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada por meio de um roteiro que primou pela identificação do conhecimento empírico dos empresários sobre as dificuldades e

desafios, as práticas sócio-econômico-ambientais, as características da estrutura produtiva e a relação entre os atores. Por possibilitar o tratamento quantitativo de dados, esse tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais. (GONÇALVES, 2006)

Parte-se da análise setorial do ambiente do vestuário, sobre as variáveis desejáveis para a implantação de um APL, principalmente nos aspectos das micros e pequenas empresas da região da AMESC. A análise recorre aos conceitos da responsabilidade socioambiental integrados com a terminologia relacionada ao APL. Desta forma enfatiza-se os aspectos da inovação, do aprendizado e da cooperação para o incentivo ao desenvolvimento territorial local.

### **1.3.3 Unidade de análise**

O setor pesquisado compreende 106 empresas de confecção de artigos do vestuário e acessórios, das quais a quase totalidade, 94%, são microempresas e 6% de pequenas empresas, portanto, nenhuma empresa de médio porte, segundo dados da RAIS-MTE (2010). Esta classificação está de acordo com o critério do SEBRAE, no qual as empresas são divididas em quatro categorias segundo o número de empregados. Microempresas são incluídas as que têm até 19 empregados; as que têm de 20 a 99 empregados são classificadas como pequenas empresas; as que possuem entre 100 a 499 empregados são classificadas como médias empresas; as que têm acima de 500 empregados são classificadas como grandes empresas.

Os questionários foram aplicados em dez empresas de Araranguá e respondidos pelos próprios proprietários. Justifica-se este número de empresas devido à similaridade quanto aos padrões gerenciais, de mercado e quanto ao grau de conhecimento empírico dos empresários. As variáveis como tamanho das empresas (micro e pequenas) e Código Nacional de Atividade Econômica (CNAE 1412) foram estabelecidos como critérios na escolha das firmas, além da acessibilidade, indicado pela disposição dos entrevistados. (VERGARA, 2007).

A opção por realizar entrevistas diretas e presenciais com todas as empresas da amostra foi no sentido de assegurar um entendimento similar das questões por parte dos informantes, em função da complexidade do questionário.

Foi considerado além dos critérios apresentados, a possibilidade de se estabelecer conexões entre as empresas cujo ano de fundação coincida com a explosão da globalização e aquelas que estejam



estabelecidas no mercado no mínimo por 5 (cinco) anos. Com foco nas diferenças e similaridades entre os atores, o maior desafio foi considerar as especificidades e múltiplas faces que o objeto de estudo requer na sua complexidade.

## 1.4 INSTRUMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

### 1.4.1 Dados secundários

Os dados secundários foram obtidos de entidades, associações de classe, institutos de pesquisa e órgãos governamentais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Estudos e *Marketing* Industrial (IEMI), Relação Anual de Informações Sociais - Ministério de Trabalho e Emprego, (RAIS-MTE), Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e relatórios setoriais da Prefeitura Municipal de Araranguá.

Para o tratamento e análise dos dados são exploradas referências bibliográficas e artigos publicados recentemente de autores selecionados sobre o objeto de estudo. Objetivando uma comparação da bibliografia com o caso pesquisado no sentido de analisar as tendências de comportamento, evolução e inovação na formação dos arranjos produtivos a análise fenomenológica dos dados é a técnica mais apropriada.

### 1.4.2 Dados primários: entrevistas e questionários

A entrevista é uma técnica que permite a interação entre o entrevistador e o entrevistado. Neste trabalho foi utilizado um roteiro de perguntas estruturadas, as quais têm uma escala de respostas e permite o tratamento quantitativo dos dados e abertas por possibilitar a exploração em torno do objeto de estudo. (GONÇALVES, 2006)

A pesquisa de campo foi desenvolvida no período entre os meses de fevereiro e abril de 2012 e procurou obter respostas sobre o tema em estudo. O nome das empresas não foi divulgado para preservar a identidade das empresas, portanto as empresas foram identificadas como Empresa A, Empresa B, Empresa C, Empresa D, Empresa E, Empresa F, Empresa G, Empresa H, Empresa I e Empresa J.

### 1.4.3 Organização do questionário de entrevista

Os questionários utilizados na pesquisa de campo foram baseados no projeto da REDESIST. A utilização dessa metodologia justifica-se por operar uma sistematização aplicada em diversos outros estudos. Desta forma, o questionário foi avaliado e dispensa testes, já que foi amplamente difundido, além de que facilita comparações com outros estudos.

O roteiro foi dividido em cinco grupos a saber:

I – Identificação da empresa

II– Produção, mercado e empregos

III– Inovação, cooperação e aprendizado

IV– Estrutura, governança e vantagens associadas ao ambiente local

V – Responsabilidade socioambiental.

A divisão dos grupos correspondem ao levantamento e organização dos dados secundários em torno dos conceitos de APL, Inovação, Cooperação, Aprendizado Coletivo, Externalidades e a análise do processo de globalização neste mercado.

As questões fechadas possuem matriz de resposta que opinam quanto ao grau de importância, intervalos de dados e respostas fechadas. Os resultados obtidos por meio da matriz de resposta são representados por um índice de ponderação calculados em planilha eletrônica na tabulação dos dados conforme o modelo da REDESIST.

A graduação das respostas permite atribuir pesos diferentes no cálculo do resultado na seguinte forma:

A	Importância nula	peso 0,0
B	Importância baixa	peso 0,3
C	Importância média	peso 0,6
D	Importância alta	peso 1,0

O modelo utilizado calcula o somatório das respostas segundo o grau de importância a fim de obter um índice representativo, dividindo as respostas pelo número de empresas, obtém-se a seguinte fórmula:

$$\text{Índice} = \frac{(0 \cdot n^{\circ} \text{Nulas} + 0,3 \cdot N^{\circ} \text{Baixas} + 0,6 \cdot N^{\circ} \text{Médias} + N^{\circ} \text{Altas})}{(N^{\circ} \text{de empresas no segmento})}$$

Investigou-se também a presença dos diversos atores apontados na literatura como indicadores para a formação de um arranjo. As perguntas abertas foram focadas nas características individuais de cada empresa como quadro de funcionários, capacitação, tamanho da empresa e práticas de responsabilidade socioambiental.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo trata do referencial teórico que foi consultado para a elaboração desta pesquisa. A literatura e pesquisas sobre sustentabilidade socioambiental em setores econômicos relacionados ao têxtil e de confecções, apresentam-se bastante limitadas o que acarretará um certo grau de originalidade no presente trabalho.

O objetivo deste capítulo é analisar o setor têxtil da região da AMESC, frente ao atual quadro de mudanças especialmente no que diz respeito à influência do processo de globalização na sociedade e na atividade econômica industrial, discorrer sobre a importância e o papel dos APLs e trazer à discussão os fatores de governança, inovação e aprendizado.

A abordagem da sustentabilidade, por sua dinâmica inter e multidisciplinar, será considerada em todos os capítulos com o objetivo de não fragmentar este saber. A investigação de temas atuais sobre o objeto de estudo será relatada em alguns casos recentes sobre o setor do vestuário.

### 2.1 GLOBALIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DA CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL

Os itens descritos a seguir tratam dos aspectos da globalização relacionando-os com o setor em estudo. Assim, são abordados neste processo o aspecto econômico que encontramos em Montibeller (2010), Savitz (2007) e Julien (2010); as questões sobre a identidade territorial são vistas em Appadurai (1998) e Avelar (2009); Castells (1999), Friedman (1999), Gonçalves (2009), Hanners (1999) citam as mudanças culturais que influenciam o setor do vestuário. As questões sobre a influência positiva da globalização de Lenhart (2008) vem se contrapor aos autores anteriormente citados. As pesquisas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) sobre o setor de têxteis e vestuário foram consultados para a presente pesquisa.

#### 2.1.1 A indústria do vestuário na globalização da economia

No contexto das sociedades modernas, o desenvolvimento foi orientado pela lógica capitalista, sem considerar a finitude dos recursos naturais não-renováveis e as questões ambientais para manter os padrões de consumo, de produção e da qualidade de vida. Segundo Leff (2001) a

degradação ambiental é decorrente do crescimento econômico e aprofunda-se com a globalização. Os movimentos ambientalistas que emergiram a partir das décadas de 1960 e 1970, influenciaram mudanças de padrões e pensamentos tradicionais que desconsideravam os impactos no meio ambiente gerados nesse processo. A crise ambiental, neste sentido, revelou uma grande contradição entre crescimento econômico e preservação ambiental.

Conforme Montibeller (2010, p. 52) o conceito de crescimento é relativo a atividades e processos quantitativos, “no sentido de mais produção, consumo, rejeitos e desgaste da natureza; a sustentabilidade, ao contrário, caracteriza-se por sua dimensão qualitativa”. A defesa dos ambientalistas é no sentido de buscar alternativas de desenvolvimento sócio-econômico e ambiental, “ênfatiza-se a necessidade de alterações na estrutura de rendas no sentido de maior equanimidade, isto é, melhor resultado social, associada às demais alterações estruturais inerentes aos processos de desenvolvimento”<sup>2</sup>. Diante das evidências de uma crise planetária ambiental, surge o conceito do desenvolvimento sustentável para atenuar e buscar alternativas para a sustentabilidade do planeta no sentido de

[...] expressar processos que compreendem avanços qualitativos na forma de produzir, na composição de produtos, no padrão de consumo com ampla disseminação social dos benefícios econômicos, acompanhados de avanços na conservação e preservação da natureza. (MONTIBELLER, 2010, p.123)

Desta maneira, o conceito de sustentabilidade considera o limite da natureza como condição ao crescimento econômico e como um princípio normativo da racionalidade produtiva vigente num processo de reapropriação da natureza e de um desenvolvimento duradouro. (LEFF, 2001, p. 15)

O termo globalização aborda com mais propriedade as questões econômicas partindo do ponto sobre as políticas de livre comércio num ambiente desterritorializado, enfatizando a economia e colocando como questão secundária o âmbito cultural e ambiental. Desta forma, é mais empregado para descrever os processos produtivos, os fluxos de mercadorias e de serviços, estabelecendo trocas no ambiente macro elevando a concorrência global.

---

<sup>2</sup> Ib., p. 56

O atual panorama está sendo modificado por três grandes forças: tecnologia, globalização e desregulamentação. O avanço tecnológico disseminado pela globalização, modificou a estrutura organizacional atribuindo-lhe maiores inovações e novas posições de mercado. Uma grande alteração, porém, aconteceu atrelada a essa evolução: os padrões conceituais da sociedade. Desde a queda do Muro de Berlim que no ano de 1990, marcou o processo de mundialização, as mudanças estruturais e culturais estão cada vez mais velozes, provocando profundas alterações no ambiente competitivo e surgem com mais urgência, os temas da sustentabilidade.

No Brasil, com menores barreiras de entrada, as empresas obrigaram-se a competir com o mercado exterior. Deste modo, a tranquilidade no mercado brasileiro de regulações políticas, tecnológicas e acordos entre fornecedores, foram postos à prova. (AVELAR, 2009; JULIEN 2010; MONTIBELLER, 2010)

A dominação dos países industrializados continuam a existir devido à procura por baixos salários e, conseqüentemente, baixos custos concorrem na medida em que a falta de flexibilidade das grandes empresas provocada pelo excesso de burocracia, deseja compensar as deseconomias de escala com baixa remuneração. (JULIEN, 2010, p. 55).

Essa disseminação tecnológica e científica, impulsiona as atividades profissionais no sentido do estabelecimento de novas áreas criando uma interdependência de uma economia informacional que envolvem as questões de mercado. (AVELAR, 2009, p. 81)

Segundo a autora, a modernização avança sobre as estruturas físicas e influencia as relações de trabalho promovendo uma maior flexibilidade e novas formas de contratação além do ambiente físico das empresas.

Apesar do fluxo de mercadorias, há existência de barreiras indiretas e pressões dos americanos pela não importação de produtos dos demais países do mundo são comuns, mesmo que sejam condenados por instâncias internacionais. Confirma esta hipótese Julien (2010, p. 54) ao dizer que “o fluxo do livre comércio não é o mesmo em todas as direções, [...] no caso dos países em desenvolvimento que continuam a enfrentar barreiras insidiosas dos países industrializados”. A promessa de melhor oportunizar aos países em desenvolvimento o acesso à tecnologia com a diminuição das barreiras de entrada, não aconteceu de maneira democrática e liberal.

A China representava desde 1990, um dos maiores competidores com o mercado brasileiro, entretanto, com o fim do Acordo de Têxteis e Vestuários (ATV) em 2005, tomado por medida de proteção à produção

interna brasileira, foi reduzida a tarifa de importação. Essa medida de progressiva redução das barreiras tarifárias de importação resultou no conseqüente acirramento da competição internacional e acarretaram no setor têxtil a diminuição dos preços dos artigos, bem como mudanças na organização mundial da produção. As principais modificações foram o deslocamento da produção de peças intensivas em mão de obra dos países como Estados Unidos, Japão e União Europeia, para países com menores custos de produção como Ásia, Leste Europeu e Caribe. (BNDES, 2009)

Nesse contexto, com a diminuição das alíquotas de importação somada ao aumento da participação dos produtos chineses, o Brasil, sendo um país produtor/consumidor não obteve tempo de resposta rápida para competir com a economia globalizada. No princípio, as indústrias brasileiras buscaram se organizar para manter a sobrevivência, e posteriormente, atualizaram seu parque fabril com vistas à modernização de suas estruturas e à competição do mercado mundial. Somente após cinco anos do processo de liberação da economia, algumas medidas foram tomadas para a expansão do setor têxtil como a elevação parcial da tarifa de importação para alguns bens de capital, incentivo fiscal para exportação e linha de crédito para reestruturação setorial. (CAMPOS et al, 2000)

A mão de obra é o principal centro de custos dos produtos do vestuário, justificando o deslocamento da produção entre os países. O desempenho do setor têxtil e confeccionista brasileiro no período de 2006 a 2010 segundo o Instituto de Estudos e Marketing Industrial IEMI (2011), os principais produtores têxteis/vestuário mundiais localizam-se na Ásia - China/Hong Kong (49% do total produzido). O Brasil neste mesmo período, ocupa o 5º. lugar no ranking dos produtores têxteis mundiais, na exportação ocupa o 24.º lugar no ranking e na produção de vestuário, é o 4.º do mundo.

Em 1990, a cadeia têxtil e de confecção compreendia 14% dos empregos gerados na indústria de transformação. Nesse período, importantes investimentos em tecnologia foram efetuados no setor. O incremento nos parques industriais resultou no valor do total comercializado extraordinariamente maior; o crescimento do segmento dos têxteis foi de 109% enquanto o de vestuário foi de 188%, dado o maior valor agregado de seus itens (BNDES, 2009).

Considerando os dados acima, mesmo diante desta representatividade do setor têxtil e de confecção na economia do Brasil, no período entre 1990 e 2006 a participação no comércio mundial caiu de 0,7% para 0,3%. Porém, este decréscimo não diminuiu a importância

do setor no cenário global: o comércio internacional de produtos da cadeia têxtil e de confecção “atingiu o montante de US\$ 530 bilhões, um aumento de 50% em relação a 2000 e de 150% em relação a 1990”<sup>3</sup>.

O processo de abertura de mercado acentuou a concorrência em nível global, o que levou a cadeia têxtil e de confecção a reestruturar seus processos produtivos e a decidir entre produzir internamente ou importar livremente. Para isto, algumas etapas da produção se automatizaram para elevar sua eficiência e agilidade ao longo da cadeia, o que trouxe como mudança, o aumento do número de lançamento de coleções representando o retorno aos desejos dos consumidores. (AVELAR, 2009)

Durante o período analisado, as maiores dificuldades encontradas pelo setor foram baixos investimentos em tecnologia e grande informalidade, reduzindo o tamanho das empresas e a capacidade de investimento. Mudanças em direção à inovação com foco no *design* e *marketing*, na pesquisa e desenvolvimento (P&D) e na criação (processo desenvolvido pelos estilistas na concepção dos croquis) acrescentam valor nas atividades industriais. Como consequência, orientam a competição para produtos com qualidade e desempenho socioambiental em contrapartida com a competição somente via preços, conforme apontado no referencial teórico.

O impacto da globalização no setor do vestuário na década de 1990 trouxe consequências negativas ao setor devido a sua fraca interação entre os atores da cadeia têxtil e a defasagem do seu parque fabril o que levou ao fechamento de indústrias e ao desemprego. A exemplo disso, indústrias centenárias como a Tecidos Carlos Renaux de Brusque-SC, anunciou em 22 de fevereiro de 2011 a venda de sua fiação, em decorrência da alta do preço do algodão e como estratégia para alavancar o negócio, 30% do seu faturamento deverá vir da distribuição de tecidos importados chineses. Afirma o diretor da indústria, Rolk Bückman, que é um processo de desindustrialização pelo qual passa a cadeia brasileira têxtil (GAZZONI, 2011). A administração atual da fiação passou a cargo da Irmãos Fischer S/A Indústria e Comércio, do ramo metalúrgico na mesma cidade. Outro caso recente, é uma das três maiores indústrias têxteis catarinenses, a Cia Industrial Shlösser, igualmente fabricante de tecidos, encerrou sua produção em janeiro de 2011, a empresa sobreviveu às três maiores crises internacionais a de 1929, 1990 e de 2008, porém, em 2011 optou por

---

<sup>3</sup>*Ib.* 2009, p. 165



fechar suas portas e negociar sua venda com um empresário e um banco de São Paulo, por cerca de 10 milhões de reais. (O MUNICÍPIO, 2011).

Os produtos têxteis no Brasil continuam sendo desenvolvidos com base nas tendências da moda europeia. Muito se tem falado em desenvolver moda brasileira, porém, de que forma buscar as tendências locais neste processo globalizado sendo que, o aumento da importação está cada vez mais frequente. Desde a abertura do mercado no governo de Fernando Collor de Melo, desprovido de uma política industrial nacional ativa e de mecanismo de defesa comercial dando fim ao protecionismo, as preocupações com o setor do vestuário iniciaram. Já não era possível concorrer com os preços do mercado exterior, principalmente com os do mercado asiático.

Neste contexto, as grandes indústrias do vestuário voltaram sua produção para os países menos desenvolvidos com a utilização de mão de obra mais intensiva. A cadeia têxtil brasileira, principalmente a confecção, passou a uma posição de faccionista<sup>4</sup> subordinada à atividade produtiva, ocupando um espaço deixado pela verticalização das grandes empresas, porém, sem o contato direto com o processo de criação e de atividades intensivas em conhecimento.

O dinamismo do processo de globalização intensifica o sentido da desverticalização e a racionalização produtiva com o aumento do conteúdo importado. Ao Brasil, traduz um duplo processo de concentração de produtos intensivos em recursos naturais altamente impactantes ao meio ambiente, dentre as quais se destacam as exportações de manufaturados com baixo valor agregado. (REDELAT, 2011)

No setor vestuarista, além disso, o surgimento de uma nova sociedade e de um novo consumidor, mais exigente e ávido por produtos diferenciados e inovadores obrigou a uma reconfiguração do setor vestuarista, principalmente no segmento da moda. Desse modo, aspectos como investimentos em *design*, *marketing* e cooperação surgem como fatores norteadores dos processos de inovação das empresas do segmento de moda. (AVELAR, 2009)

O novo modelo da economia passou a exigir maior rapidez de resposta e inovação ao mercado que está em constante mudança. Nesse novo cenário competitivo o aprendizado e a cooperação emergem como fatores de enfrentamento das novas condições de mercado, por meio de promoção de relacionamentos ao longo da cadeia de valor. Conforme

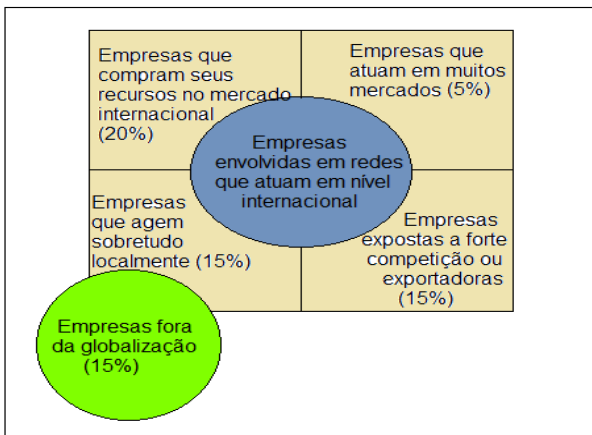
---

<sup>4</sup> Atividade terceirizada da etapa produtiva de confecção de artigos do vestuário, que consiste na montagem das peças.

Keller (2006), a necessidade de mudança frente à intensificação da competitividade propõe para as empresas de confecção uma integração cooperativa, seja como redes de empresas seja como aglomerados com especificidades espaciais e de especialidade.

O processo de globalização, discutido até então, se apresenta com diversas distorções no entendimento comum. Dentre elas, a movimentação de recursos e mercadorias no ambiente global que não ocorre na mesma direção e, que nem todas as empresas sofrem pressões internacionais. Dessa forma, o local e o regional continuam a existir num período relativamente grande e podem ser fortalecidos já que apresentam em sua dinâmica baixos impactos ambientais. Sobre este tema, Julien (2010) discorda sobre os impactos da globalização que afetam todas as empresas e constata que muitas regiões vivem do turismo pela forte identidade de territórios que impressionam turistas estrangeiros. Compreendendo este pressuposto, o autor ainda coloca que os países concentrados em tecnologias e inovação são fortemente influenciados pelo mercado internacional (figura 2).

Figura 2 - Movimento da empresas manufatureiras com a globalização



Fonte: Adaptado de Julien (2010, p.56)

A elevação do padrão de renda da população possibilitou aos consumidores a facilidade de aquisição de novos produtos, elevando o conforto doméstico ou a melhoria da qualidade de vida. O acesso ao conhecimento e maiores facilidades para o turismo, fortaleceram pequenos negócios e “multiplicando assim as oportunidades para

milhares de pequenos fornecedores de produtos ou serviços (como produtos artesanais ou cozinha regional)” representados pelos 15% que não sofrem influência do processo de globalização. (JULIEN, 2010, p. 53)

As empresas que atuam em mercados semelhantes quanto ao mesmo segmento fortalecem sua oferta mediante o estabelecimento de relações. Essas atividades cooperadas coordenam esforços de forma que promovam o aprendizado e a inovação em um mesmo território, gerando um aproveitamento de capital financeiro, tecnológico e humano.

A formação de alianças estratégicas do setor de confecção torna-se interessante para as indústrias brasileiras, tanto para as pequenas e médias quanto para as de grande porte. Essas últimas, devido a sua forma verticalizada, tem a possibilidade de se flexibilizar subcontratando empresas de pequeno e médio porte que, devido a suas estruturas menores e mais flexíveis, atendem à nova característica econômica e apresentam-se como alternativas de desenvolvimento ao longo da cadeia produtiva têxtil.

As estratégias de desenvolvimento econômico pós-globalização assumem os papéis da dimensão social e ambiental para enfrentar as pressões que os países de baixa renda sofrem. Dessa forma, os sistemas de inovação surgem para criar condições de crescimento econômico e fomentar para a elaboração de políticas. A dinâmica da globalização remete aos temas da inovação e do aprendizado coletivo que serão abordados posteriormente neste trabalho. (JOHNSON E LUNDVAL, 2005)

Apesar das mudanças ocorridas pelo processo de globalização serem recentes, é fundamental a busca de referenciais analíticos que dêem conta de respostas ao desenvolvimento sustentável de um setor relevante da economia brasileira e catarinense. Adicionalmente, pretende-se entender, frente ao atual processo de globalização, a importância e o papel dos sistemas locais como estratégia de inserção na economia.

### **2.1.2 As questões sociais na cultura global: comportamento, processos de identificação e moda**

O mundo desterritorializado pode ser visto sob várias formas. A mobilidade das pessoas de vários locais e países, em busca de trabalho, estudo ou turismo, tornando-se muito comum, atualmente, a imigração brasileira para países mais prósperos. Neste mesmo sentido, comunidades empresárias buscam mão de obra, serviços, tecnologias e

insumos de menores custos. Por exemplo a Nike, cuja produção provém de várias partes do globo, apresentou um caso de insustentabilidade social, por meio da fabricação de bolas no Paquistão utilizando mão de obra infantil, denunciado em 1996 pela revista *Fortune*. Em decorrência desta denúncia, milhares de pessoas protestaram contra esta marca, levando a empresa a revisar seus procedimentos para a contratação de pessoal bem como estendeu seus novos padrões aos fornecedores. Por meio desse caso, grandes empresas de vestuário foram influenciadas e também lançaram programas com responsabilidade social, como a *Kathy Lee Gifford* e *Wal-Mart*. (SAVITZ, 2010)

Neste fluxo de pessoas no ambiente global, não se pode desconsiderar a desterritorialização do dinheiro: investidores procuram maiores rentabilidades em mercados estrangeiros. Neste sentido, essa migração de pessoas, recursos monetários e tecnologias acabam por alterar os hábitos de consumo, miscigenando cada vez mais os costumes das sociedades locais.

A expansão do capitalismo tem sido enfatizada pelos conceitos de democracia e liberalismo. A ideia de democracia defendida é a dos países ricos. Assim nos distanciamos de nossa própria cultura assumindo uma postura capitalista que necessita cada vez mais de novos mercados para sua expansão, surgindo daí, uma interdependência cultural global.

A intensificação das tecnologias de informação e comunicação proporciona um “fluxo de trocas entre as diversas culturas e localidades, envolvendo pessoas e mercadorias”, segundo Avelar (2009, p. 79). A descentralização das empresas é resultado de atividades produtivas de bens e serviços desterritorializados espalhados pelo globo. Essa massificação da cultura industrializa a vida e transforma suas particularidades em *commodities* por meio de uma sociedade consumista e capitalista. A cultura forma-se, portanto, de hábitos e costumes comuns, sejam na maneira de vestir, sejam nos comportamentos, crenças e valores, praticados por um grupo territorial local ou até mesmo virtual, formando, assim, um universo simbólico influenciados por um inconsciente coletivo e de um “complexo de idéias [...] e atitudes que se relacionam com o meio ambiente de vida dos sujeitos”, conforme Gonçalves (2009, p.119). a cultura transcende o limite geográfico na intenção de homogeneizar comportamentos e hábitos.

Para Avelar (2009, p.81) a cultura global é carregada de um fluxo contínuo de signos e significados. Compartilha da mesma ideia Hanners (1999) afirmando que a cultura mundial é um conjunto de várias culturas locais que interagem por meio de um entrelaçamento. A

diversificação de cultura a que se refere, resulta das relações sociais permeadas por um fluxo contínuo e inovativo de difusão de conhecimentos, provocando uma crise identitária por esta dinâmica pluralizada.

Um mesmo evento de repercussão internacional é compreendido diferentemente em diversos territórios devido a sua heterogeneidade cultural, complementa Hanners (1999). Embora que o processo de homogeneização proporcionem experiências similares, os indivíduos as interpretam conforme sua cultura. Esta justaposição cultural, deverá ser compreendida numa visão mais ampla, na forma de

processos culturais trans-sociais que assumem uma variedade de formas, algumas das anteriores às relações interestaduais, nas quais podem ser considerados inseridos os estados nacionais, e processos que sustentam a permuta e o fluxo de mercadorias, de pessoas, de informações, conhecimentos e imagens que dão origem aos processos de comunicação que adquirem uma certa autonomia a nível global. (FEATERSTHONE, 1999, p. 7)

Segundo os autores Hanners (1999) e Feathersthone (1999) a cultura social não se sobrepõe umas às outras, elas assumem formas distintas e pluralizadas. Em decorrência da miscigenação cultural, a falta de identidade recorre às antigas referências, num movimento em busca de recuperação de manifestações artísticas, do artesanato, folclore, rituais indígenas e religiosos, o que conferem um grau de diferenciação e competitividade no mercado. (AVELAR, 2009)

O evento da sociedade globalizada está nas relações fragmentadas e desfragmentadas onde surge uma alienação e indivíduos e grupos não se reconhecem e se consideram como estranhos, sentindo-se ameaçados. As interações ocorrem dentro de um padrão do não reconhecimento do outro. Esse outro desconhecido interage sem estabelecer uma comunicação efetiva, como uma consequência do processo de hibridação cultural dentro de uma coletividade. (CASTELLS, 1999)

Atualmente as cidades não representam um espaço físico e passam a criar outros signos e simbologismos para definir o lugar. No ambiente anterior à globalização, os espaços eram os lugares, onde eram dominados pela presença. Na aldeia global a ausência e a distância acabaram por modificar essa congruência de significados, devido à falta

de interação pessoal e as relações sociais passaram a ser cada vez mais virtuais. (GONÇALVES, 2009)

O espaço, como estrutura física das cidades, é constituído pelas relações entre os sujeitos, nos diálogos estabelecidos e nas manifestações culturais. De acordo com essa perspectiva, são os espaços que se constituem os lugares, conforme Gonçalves (2009), os espaços são dinâmicos e possuem um movimento natural que cria lugares. Nesses, o sujeito cria suas significações e socializações. A falta de interação pessoal acaba por fragmentar as relações e as afetividades entre os seres humanos, dificultando a expressão física do afeto, da cumplicidade e de reconhecer o outro como parte integrante do próprio eu, nessa perspectiva os lugares encerram a singularidade particular dos sujeitos sem uma interdependência da vida na sociedade presencial.

A desterritorialização da cultura é influenciada pela globalização tecnológica e sua consequente criação de espaços-lugares, que constitui formações mais amplas e menos relacionadas ao país, ao estado, aos bairros e ao próprio grupo familiar.

Com a formação de sociedades virtuais, devido à expansão das tecnologias digitais, os indivíduos distanciam-se cada vez mais uns dos outros. Surge a partir daí, a necessidade da identificação que perpassa, primeiramente, o processo da diferenciação. Nesse, o sujeito busca preservar sua identidade diante dos demais e criar referências sobre si mesmo. Do indivíduo que construiu um ambiente o qual reconhece, diz-se que ele apropriou-se de seu espaço. Nessa concepção ocorre um processo de integração social, espacial, cultural e individual. A tentativa de tornar o que é estranho familiar, portanto, uma busca identitária, reforça o sentimento de pertencimento e territorialidade furtado no ambiente global. (AVELAR, 2009; GONÇALVES, 2009)

A moda antecipa esse movimento híbrido por sua capacidade de identificar grupos de estilo cada vez mais segmentados. Esses se apresentam conforme suas práticas sociais que os identificam e influenciam o consumo por seus produtos. A globalização alimenta-se dessas diferenças porque o próprio capitalismo se intensifica e se fortalece nesse processo global e na busca frequente por novos mercados.

A diferenciação de produtos acaba por ser o motor que propulsiona o início do estágio do processo produtivo da indústria de confecção. O mercado segmentado aumenta o consumo e especializa-se em determinado nicho, torna-se cada vez mais competitivo, existindo um referencial simbólico e de mercado que identifica o segmento econômico da moda. (AVELAR, 2009)

Compartilha desta mesma opinião, Julien (2010) sobre o crescimento da renda do consumidor que lhe permite diferenciar-se, entendido no âmbito do consumo, representando segmentos variados de moda identificando pequenos grupos.

O consumismo é fortemente influenciado pelo desejo da “autodefinição e da automanutenção”, conforme Friedman (1999, p. 330), “como uma soma de produtos configurados numa classificação que expressa o que eu sou”. A autodefinição a que o autor se refere, diz respeito a abstrações de produtos sociais, nas quais se definem claramente os estilos de vida. Embora o consumo pareça ser objeto de diferenciação, na sociedade capitalista esse fenômeno é efêmero, “tornam obsoleto todo conjunto particular de distinções baseadas nos consumidores, depois de períodos relativamente breves de estabilidade” (FRIEDMAN, 1999, p. 331). Os estilos de consumo e de produção sugerem uma interação constituinte de uma “identidade pessoal e identidade social” de acordo com Friedman (1999, p. 346), pois, sob esta perspectiva a questão dos mercados globais decorre da falta de identidade territorial e cultural.

A indústria do vestuário é fortemente influenciada pela cultura, pois o processo de desenvolvimento de produtos deve vir ao encontro de um mercado consumidor apto e disposto a pagar por sua aquisição, de acordo com suas características e particularidades. Estas, sofrem influência da cultura global, inclusive nas relações socioeconômicas e culturais, conclui a autora que

Na moda, a indústria envolve não só o setor de criação e a área têxtil, química e tecnológica, mas até mesmo a agricultura, e no outro extremo envolve o consumidor, em função da dinâmica comportamental da sociedade de consumo. (AVELAR 2009, p.92)

A moda, como estrutura econômica e produtiva num sentido mais amplo, é dirigida pela brevidade dos processos de identificação e apropriação dos sujeitos influenciados pelo consumismo. Neste sentido, a moda por meio de suas pesquisas de tendências das quais os estilistas se valem para criar produtos aptos ao consumo, destrói as barreiras geográficas, rompe padrões e hábitos de costume. O processo de diferenciação engloba a busca de elementos de referência e identidade com outras culturas, assim ao mesmo tempo que diferencia, familiariza; o estranho acaba por reconhecido. Este movimento é denominado de neotribalismo, são grupos de pessoas que se formam por identificação

afetiva produzem signos comuns e são considerados “como novas formas de solidariedade coletiva”. (AVELAR, 2009, p. 101)

A tendência da globalização na cultura social, influencia os padrões de produção, no sentido da necessidade de fortalecimento de toda uma cadeia de valor. Conforme Mascio (2008), a influência da globalização não atinge tão somente os fluxos de capitais e econômicos, mas também estilos e modo de pensar, que são adquiridos quase que inconscientemente por meio das mídias e principalmente pela *internet*. Da mesma maneira como as pessoas agrupam-se buscando uma identificação e auto-afirmação, como solidariedade coletiva, as empresas estão se organizando em aglomerados produtivos a fim de obter resultados comparativos ou competitivos e por meio da sustentabilidade busca-se elementos de diferenciação mercadológicos. Conforme Keller (2005, p.96), as firmas “estão se tornando dependentes dos laços estratégicos estabelecidos entre as diversas empresas que formam a cadeia da mercadoria”, na busca por melhores resultados econômicos.

Nesse contexto, muda o comportamento dos consumidores que, agora, buscam por roupas de marcas que traduzem significados específicos para além do estilo e para significados mais amplos como preservação ambiental, direitos humanos e não somente por preços acessíveis. Dessa forma, os anseios dos consumidores passam a orientar a estratégia competitiva das empresas.

Na sociedade global, os processos produtivos, a fim de obterem êxito econômico no mercado em atuação, necessitam de atualizações constantes. A sobrevivência das empresas têxteis neste contexto demanda uma adaptação às diferentes culturas ao invés de imposição, como em questões trabalhistas, de segurança dos trabalhadores, mão de obra infantil e feminina. Um exemplo de como a diversidade cultural influencia as empresas é o caso da Procter & Gamble (P&G) na Arábia Saudita no ano de 2000. Comenta Savitz (2007) que as mulheres do mundo árabe, comumente não podem ter vínculo empregatício e receber salários iguais ou maiores que os homens. A empresa nesse sentido buscou a responsabilidade social como aliada exercendo pressão para atenuar essas limitações. No seu Relatório de Sustentabilidade de 2004 a P&G comenta que “o avanço neste ano foi tão grande que as mulheres participaram de importante reunião estratégica na mesma sala com os homens”, segundo Savitz (2007, p. 195), reforçando a influência da cultura nos processos organizacionais e de gestão empresariais.

Além da adaptação cultural, a desintegração vertical que ocorre nesse processo traz consigo a acumulação de capital, o consumismo e a



falta de identidade territorial local. Identifica-se mais nitidamente a interdependência econômica, porém, desse processo surge em sua dinâmica uma interdependência ecológica. Sobre este último citam-se a má utilização dos recursos naturais como matéria-prima das empresas. No caso das indústrias têxteis, a água, energia, emissão de gás carbônico (CO<sub>2</sub>), resíduos sólidos e efluentes contaminados são os principais impactos ambientais neste setor.

Pensamentos contrários sobre a insustentabilidade dos padrões atuais de produção de mercadorias no capitalismo, apresentam a globalização como um fator positivo. Essa opinião é vista em Lenhart (2008) que considera a lógica da globalização como decorrência do avanço capitalista, e é vista como geradora de riqueza impulsionada pelo livre comércio e sinônimo de crescimento econômico. A especialização do trabalho torna-se fundamental para se produzir em maiores quantidades e a baixo custo, “redonda na melhor remuneração dos seus agentes, estabelecendo assim, um círculo virtuoso de geração de riqueza”. (LENHART, 2008, p.17)

O viés da sustentabilidade é antagônico ao pensamento anterior. Em decorrência do aumento da competitividade econômica mundial, dominante nos países desenvolvidos em detrimento dos menos favorecidos traz consigo não somente a imposição em termos econômicos, mas acima de tudo em termos políticos e culturais. (JOHNSON e LUNDVAL, 2005)

Contrário ao pensamento de Lenhart sobre a melhoria da remuneração da mão de obra neste cenário global, defronta-se com a desvalorização do trabalho e, principalmente, com relação ao trabalho feminino. Uma investigação da Revista Observatório Social na reportagem de Cesara (2007) apresenta a exploração dos imigrantes bolivianos em São Paulo os quais exercem atividades em confecções clandestinas em espaços improvisados (figura 3), sem cuidados com segurança trabalhista e, ainda, mães divididas entre os afazeres domésticos e numa jornada profissional diária de 16h (dezesesseis horas). A reportagem aponta a grande varejista C&A na extremidade desta cadeia produtiva, como apontaram os jornalistas e até mesmo o Ministério Público, por haver encontrado etiquetas da marca, inclusive, daquelas para a exportação.

Figura 3 – Foto: trabalhadores informais bolivianos



Fonte: CESARA, 2007

A empresa C&A foi fundada em 1841, alia sua estratégia competitiva a preços baixos, a crediário próprio e à adoção de campanhas agressivas de *marketing*. Uma de suas garotas propaganda é a brasileira Gisele Bündchen, uma modelo *top* do mundo da moda. O que significa valores que giram milhões de reais, contrapondo com os pagamentos efetuados à mão de obra clandestina por cerca de vinte centavos a peça produzida. Segundo a denúncia, o objetivo foi o de identificar todos os elos da cadeia produtiva da roupa. Assim, como a Nike, sofreu denúncias envolvendo a exploração de crianças e superexploração da mão de obra de trabalhadores em países da Ásia, o mesmo acontece em confecções de São Paulo. (CESARA, 2007)

O caso da holandesa C&A foi julgado improcedente pelas autoridades judiciais paulistanas. Motivo pelo qual, nos contratos de terceirização da empresa constava uma cláusula da não contratação de mão de obra clandestina, infantil ou de trabalho escravo, não competindo à empresa a investigação de subcontratos por seus fornecedores.

Cesara (2007) questiona os procedimentos da multinacional por empregar relações trabalhistas antepassadas, comparáveis à do século 18 e à exploração dos trabalhadores. O autor comenta que a empresa articula uma grande cadeia de distribuição, produção e venda de forma socialmente insustentável. Sendo necessário um mapeamento de toda a cadeia, incluindo os parceiros externos.

As indústrias têxteis e, particularmente, o vestuário vem enfrentando novos desafios no ambiente global, passando por um processo de reconfiguração produtiva e institucional. Reforça esta hipótese o artigo de Keller (2005, p.96), que há uma “a construção de novas formas de encadeamentos estratégicos ao longo da cadeia (particularmente a reestruturação de seus elos externos com fornecedores e clientes)” e prevêem uma melhoria na estratégia, nos processos e na qualidade dos produtos.

Os fatores acima contextualizados mostraram uma nova ordem estrutural das empresas. Influenciados pela globalização que impulsionou o consumo mundial, as culturas locais se modificaram dificultando o processo de identidade territorial. Dessa forma, estabelecendo novas relações de trabalho, o que trouxe graves consequências para a sustentabilidade social. O que se percebeu como resultado foi a desverticalização das empresas e a concentração de capital pelos países industrializados. A transferência de tecnologia e de conhecimento para países emergentes não ocorreu como se esperava, pois, elevou-se a busca por produção de artigos com baixo valor agregado. A mobilidade das pessoas e o emprego da mão de obra ilegal foi utilizado como fator competitivo de baixo custo pelas empresas do vestuário. As indústrias têxteis nesse panorama melhoraram sua capacidade produtiva em termos tecnológicos, mas ainda assim, estão longe de empregar conceitos de *design* e gestão ambiental em suas atividades. As consequências da globalização foi um excesso de externalidade provocada pela falta de inovação.

### 2.1.3 A globalização e as questões da sustentabilidade

O objetivo de analisar os impactos da globalização dos mercados e da liberalização comercial sobre o setor têxtil e de confecção no ambiente de estudo são referências para a compreensão da atualidade. As mudanças que se sucederam na cadeia têxtil global, na dinâmica competitiva das empresas dos países industrializados, das atuais conexões estratégicas e das explorações por melhores condições de produtividade são pontos chave neste estudo.

A formação global tomada como objeto de estudo por meio do referencial teórico da sustentabilidade remete aos conceitos de equidade social, segurança, garantias trabalhistas, preservação dos recursos naturais e gestão político-ambiental. O progresso da civilização moderna no sistema capitalista de organização da sociedade, banalizou a natureza na sua capacidade de suporte e de serviços, evidenciando, desse modo, a urgência de mudança dos atuais padrões sociais e produtivos.

A sustentabilidade, de acordo com Leff (2001), deverá reorientar a lógica do capitalismo e do crescimento econômico para uma condição de perpetuação da vida humana e da mudança das bases de produção. A sociedade de risco global, onde as ações individualizadas criam ambientes de risco atrelados às ações de forças sociais, econômicas e tecnológicas. Leff (2001) promove uma discussão sobre as possibilidades do desenvolvimento ser duradouro e sem agressões ao meio ambiente, sugerindo uma nova estruturação econômica pondo em questionamento a forma mecanicista, unidimensional e, portanto, fragmentada de desenvolvimento e conhecimento como

[...] uma nova visão do desenvolvimento humano, que reintegra os valores e potenciais da natureza, as externalidades sociais, os saberes subjugados e a complexidade do mundo negados pela racionalidade mecanicista, simplificadora, unidimensional e fragmentadora que conduziu o processo de modernização. (LEFF, 2001, p. 17)

Nesta perspectiva, o processo global no contexto ambiental deve questionar o crescimento econômico desregulado em detrimento da natureza.

O sistema global segundo Sachs (2007), prevê diferentes estratégias entre os países do Primeiro Mundo e os países do Sul. Tentativas de isolamento e de produção tecnológica independentes dos países do Sul, não foram bem sucedidas. Quase que inevitavelmente os

países em desenvolvimento importam pacotes de conhecimento e tecnologias dos países industrializados. Maiores fatias de mercado são buscadas às custas de baixos salários e desvalorização dos recursos ambientais, como principais insumos da produção.

O cenário competitivo aprofundado pela globalização ou mundialização provocou mudança de foco nas organizações interfirmas, de forma a valorizar o local e a gestão das micros e pequenas empresas como meio de fortalecimento da economia em geral. Está relacionada a esse contexto, a organização das estruturas produtivas e os meios de transferência de conhecimento, tecnologia, inovação e aprendizado das firmas para fomentar a economia regional e tornarem-se mais competitivas organizadas que isoladas.

Leff (2001) e Sachs (2007) apontam o desenvolvimento sustentável como alternativa ao crescimento econômico aliado à preservação dos recursos naturais e sociais. Os autores explicam que a precondição ao verdadeiro desenvolvimento sustentável deve ser sensível ao meio ambiente e à justiça econômica dos países emergentes e, requer padrões de produção desenvolvidos com equidade social e respeito ao meio ambiente.

Esta mudança nos padrões tradicionais de externalização social e ambiental amplia os níveis de pobreza e desigualdades quando orientados exclusivamente pelo mercado. O crescimento econômico sustentado e balizado nos mecanismos de livre mercado, são avaliados como contraditórios por algumas concepções de sustentabilidade. Sachs (2007) e Leff (2001) aduzem sobre algumas limitações ao desenvolvimento sustentável. Os limites da sustentabilidade devem ser condicionados por meio da desaceleração da produção e do consumo excessivo, altamente gerador de resíduos e absorvedor de capital natural, de matérias e energia. Esses pressupostos apresentam-se como impossibilitados de evitar as consequências sociais e ambientais (externalidades) e a condição para a sustentabilidade é o reconhecimento deste limite. Segundo Sachs (2007, p. 179), as externalidades são “efeitos colaterais coletivos” e o fenômeno da exclusão social alcançará os países em desenvolvimento e também os desenvolvidos.

Na medida em que o conceito de sustentabilidade não for incorporado no sentido real do termo, não serão respeitados os limites de regeneração do meio ambiente. O desenvolvimento continuará sendo justificado pelo crescimento desigual, sem equidade, justiça, democracia e massificando as etnias e cultura. Segundo Montibeller (2006) o desenvolvimento sustentável deve ser considerado como a distribuição

dos benefícios do crescimento econômico e os cuidados com o meio ambiente na utilização de recursos naturais para as gerações vindouras.

Conforme o exposto, a sustentabilidade deve ser um projeto social e político, de forma a manter o equilíbrio biológico dos ecossistemas, bem como valorizar a diversidade cultural da humanidade. De acordo com Leff (2001) o capitalismo é a nova ambição do homem, impulsionado pelo liberalismo econômico e o intercâmbio desterritorializado das mercadorias acabam por influenciar a natureza e a cultura. O empobrecimento da população é resultado dessa economia globalizada, deixando de ser um fenômeno local e aparecendo como “uma cadeia causal e de um círculo vicioso de desenvolvimento perverso-degradação ambiental-pobreza, induzido pelo caráter ecodestrutivo e excludente do sistema econômico dominante”<sup>5</sup>. Dessa forma, tornando necessário uma mobilidade social, produtiva e uma governabilidade democrática para o desenvolvimento sustentado.

Esse desenvolvimento econômico globalizou a tecnologia, mas individualizou o homem ocasionando uma ruptura e transformação das barreiras entre as populações e conseqüentemente entre as barreiras dos ecossistemas. (BOCHI e CERUTI, 1999)

A estratégia de se contrapor ao desenvolvimento das forças produtivas mundializadas, de acordo com Carvalho (1999), deverá ser centrada na promoção de identidades locais, respeitando a diversidade étnica e cultural na gestão participativa. Complementa Leff (2001, p. 62), que “o desafio está em gerar estratégias que permitam articular estas economias locais com a economia do mercado mundial, [...] de integrar as populações locais num mundo diverso e sustentável”. A gestão territorial local se apresenta sob a forma de uma economia ecotecnológica, ou seja, como um potencial produtivo sustentável que combina os processos tecnológicos com a racionalidade ambiental e os sistemas de suporte. O incentivo ao mercado interno pode ser planejado visando o desenvolvimento das estruturas produtivas locais. Políticas de desregulamentação e liberação econômica devem ser promovidas de forma adaptativa às estruturas internas de mercado evitando assim, o colapso econômico como aquele que ocorreu em meados dos anos de 1990. Sachs (2007) faz uma importante observação com relação aos países do Sul, para ele há a necessidade de se elaborar redes de cooperação para o enfrentamento de dificuldades comuns.

---

<sup>5</sup> Ib. 2001, p. 58

Estratégias podem ser elaboradas para a promoção local em prol da distribuição de renda, do emprego da mão de obra e melhoria da sustentabilidade. Esses efeitos contrapõem ao paradigma dominante do crescimento econômico. Casarotto e Pires (2002, p. 112) apontam uma tendência em direção à sustentabilidade como um fator de desenvolvimento econômico de um território por meio da intervenção das três variáveis:

- a. social, em relação à sua equidade;
  - b. econômica, através da sua eficiência, e, enfim,
  - c. política, com as garantias da liberdade.
- (CASAROTTO e PIRES, 2002, p. 112)

Destaca-se entretanto, um quarto ponto a ser complementado com o pensamento dos autores:

- d. ambiental, em relação à utilização dos recursos naturais de maneira responsável visando a preservação para as gerações vindouras.

O desenvolvimento sustentável traz no seu arcabouço conceitual algumas dimensões de análise. Assim, os autores Sachs (2007), Áridas (2008), Casarotto e Pires (2002), discutem algumas dimensões da sustentabilidade. Sachs (2007) propõe cinco dimensões da sustentabilidade a saber: sustentabilidade social, econômica, ecológica, espacial e, por fim, cultural.

A sustentabilidade social refere-se à construção de uma sociedade justa e equitativa, com melhor distribuição de renda, melhoria na educação e saúde. O caráter econômico da rentabilidade não deve ser o único fator relevante da sustentabilidade, devendo-se facilitar o acesso à ciência e à tecnologia, bem como o equilíbrio dos acordos financeiros entre os países industrializados com os menos desenvolvidos.

O uso racional dos recursos naturais, como a diminuição dos combustíveis fósseis, a utilização do conhecimento científico e tecnológico em busca de alternativas para a preservação da natureza, como a redução dos resíduos e a definição de políticas ambientais são alguns pressupostos da sustentabilidade ecológica.

A sustentabilidade espacial prevê a ênfase na distribuição equilibrada entre centros e áreas rurais. Promove discursos no sentido de empregar esforços tecnológicos de crédito para o uso sustentável de recursos naturais na agricultura e pecuária. A última dimensão proposta por Sachs (2007) é a sustentabilidade cultural, a qual tem por objetivo preservar as heranças culturais, integradas à modernização dos recursos

produtivos. Associam-se a este conceito as questões defendidas anteriormente sobre a identidade territorial local.

As ideias de Sachs (2007) e Casarotto e Pires (2002) promovem um discurso no sentido de orientar planejamentos em função das dimensões da sustentabilidade. Conforme Áridas *apud* Fialho et al (2008), a dimensão econômica está associada à social, como a criação de condições ao crescimento econômico de forma socialmente equitativa. Atribui-se à dimensão científico-tecnológica, a capacidade de estimular os processos inovativos e de aplicabilidade nas atividades humanas.

Para a manutenção dos recursos naturais, como condição necessária à sustentabilidade ambiental, Casarotto e Pires (2002) utilizam o termo “geoambiental” para designar os aspectos naturais e também os culturais. Estes, referem-se ao aspecto político-institucional, como mecanismo de promoção à participação social e aos direitos à cidadania.

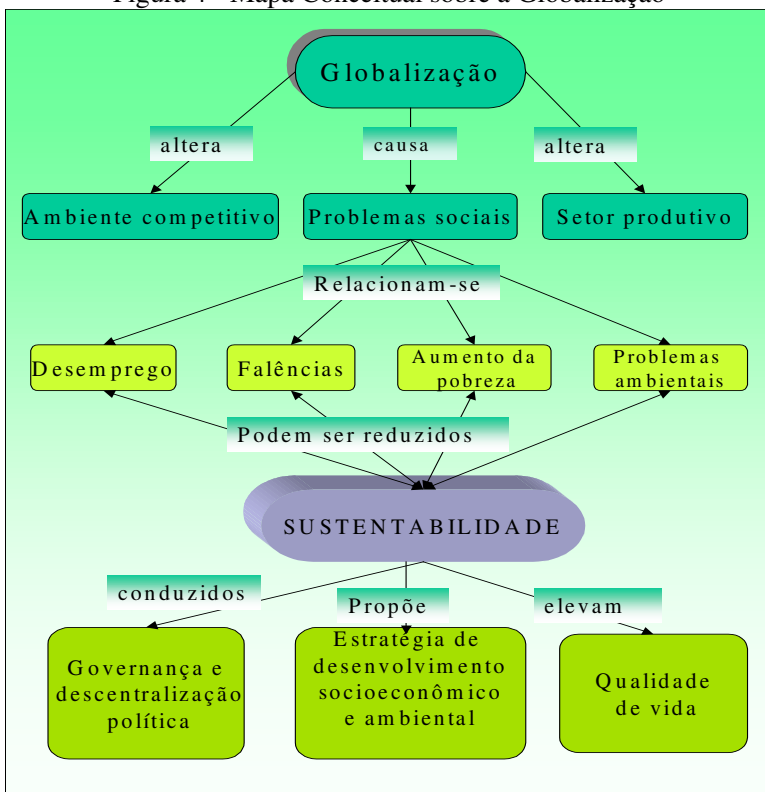
A sustentabilidade é a integração do paradigma do crescimento ao de desenvolvimento no viés da distribuição de riqueza e da valorização do local. Para tal efeito, são necessárias mudanças de ordem de valores sociais, de atitudes e de pensamento voltados à cooperação. Assim, as políticas governamentais têm o papel de organizar, estruturar e fomentar o desenvolvimento econômico-social local.

O princípio da sustentabilidade aponta uma reposta para a integração do ambiente, da equidade social à uma nova racionalidade produtiva com vistas a uma ordem econômico-ecológica globalizada. Assim, a produção de mercadorias no sistema capitalista, além da degradação ambiental se manifesta numa crise de civilização questionando o sistema social, produtivo e os conhecimentos que o sustentam. (LEFF, 2001)

A conceituação sobre a sustentabilidade não se encerra nesses aspectos, visto que, dada a sua complexidade, torna-se necessário levantar questões mais profundas que, embora importantes, não são objetivos centrais deste trabalho. O que se buscou nesta pesquisa ao referenciar dois autores de linhas de pensamento distintas foram parâmetros para apresentar os conceitos da sustentabilidade sob dois pontos de vista diversos: o ambiental de Sachs (2007) e o econômico de Casarotto e Pires (2002). Os pensamentos se coadunam no sentido da promoção local como forma de desenvolvimento sustentável. Sinteticamente, o processo de globalização e suas implicações são apresentadas na figura 4.



Figura 4 - Mapa Conceitual sobre a Globalização



Fonte: Elaborado a partir da revisão teórica

A globalização reduziu as fronteiras entre os países facilitando o fluxo de informações, tecnologia, conhecimento e ciência, entretanto, aprofundou as externalidades negativas do meio ambiente, da sociedade e da economia. O desenvolvimento local é apontado na literatura como uma alternativa de promoção social, política e ambiental. Em síntese, questões econômicas e de sustentabilidade possuem íntimas interações e apresentam enorme desafio para uma estruturação participativa ao desenvolvimento social.

## 2.2 PROXIMIDADE GEOGRÁFICA E LOCALIZAÇÃO COMO ELEMENTOS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

As tendências do desenvolvimento local como estratégia de competitividade no mundo globalizado, são encontradas em Casaroto e Pires (2002), Mytelka e Farinelli (2005), Keller (2005) e, em Johnson e Lundvall (2005). Estes autores foram estudados para analisar a configuração e as características do setor produtivo, bem como, as vantagens competitivas e comparativas para micro e pequenas empresas. Em Julien (2010) buscou-se o conceito de empreendedorismo regional como alavancagem para o crescimento econômico.

As contribuições sobre a análise espacial são vistas em Rauen e Montibeller (2008) e Shimitz (2005), em Lastres (2005) como alternativas de competição global e Savitz (2007) que aborda questões para a inserção da sustentabilidade em empresas.

Os conceitos sobre o desenvolvimento local apontam para a questão dos APLs, neste sentido foram consultados os estudos desenvolvidos pelo SEBRAE (2002, 2004), os trabalhos da Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (REDESIST) para discutir e caracterizar os arranjos produtivos e a concepção da inovação.

### **2.2.1 Competitividade: proximidade geográfica e desenvolvimento local**

As consequências do processo de globalização no setor têxtil apontaram para a produção em escala mundial, ou seja, para a mobilidade dos produtos durante o processo de produção. Apesar das características de desterritorialidade, os olhares voltaram-se para o local e o regional como forma de contraporem-se aos efeitos da mundialização e desenvolver setores espacialmente próximos. O conceito de territorialidade é concebido como o conjunto de relações culturais, políticas, econômicas e que possui um meio de referência construído histórica e socialmente. (VILPOX, 2010)

As formas regionalizadas de desenvolvimento econômico e a redução das desigualdades sociais são elementos que contrapõem os efeitos da macroeconomia mundial enfrentadas pela indústria têxtil e do vestuário.

São pressupostos deste desenvolvimento:

- O capital humano (os conhecimentos, habilidades e competências da população local as condições e a qualidade de vida);
- O capital social (os níveis de confiança, cooperação, reciprocidade, organização social e empoderamento da população local);
- A governança (diferentes modos de liderança, coordenação, intervenção, participação e negociação dos conflitos nos processos decisórios locais) e;
- O uso sustentável do capital natural. (SEBRAE, 2003, p. 10)

Estes fatores quando articulados entre si, estabelecem vínculos virtuosos de desenvolvimento local e sustentabilidade ambiental.

A realidade que está expressa atualmente no setor têxtil e de confecção, em Santa Catarina, influenciada pela globalização, é a redução do número de empregos, a falta de integração entre os agentes dentro da mesma cadeia de valor e o fechamento de indústrias de grande porte devido ao aumento do produto importado. O entendimento das mudanças provindas da globalização e a reestruturação das atividades industriais têm despertado o interesse de vários estudos, pois é fundamental compreender a dinâmica do contexto do ambiente no qual as empresas e os agentes estão inseridos. (CAMPOS et al, 1998)

No entendimento de Keller (2005), a estratégia que se desencadeia no momento é o fortalecimento das relações empresariais na busca de novas relações interfirmas em um amplo processo de reconfiguração das relações produtivas e institucionais. O desenvolvimento local dá-se através da convergência de múltiplos resultados orientados para gerar independência e inovação na gestão de produtos, assegurando a sustentabilidade, fortalecendo o mercado e melhorando as condições das cidades periféricas, como é o caso de Araranguá-SC.

Nesse cenário, as principais respostas emergem de um novo discurso para a integração das empresas, seja na fabricação de produtos com maior valor agregado principalmente no segmento da moda, seja nos padrões de responsabilidade social e ambiental do setor em questão.

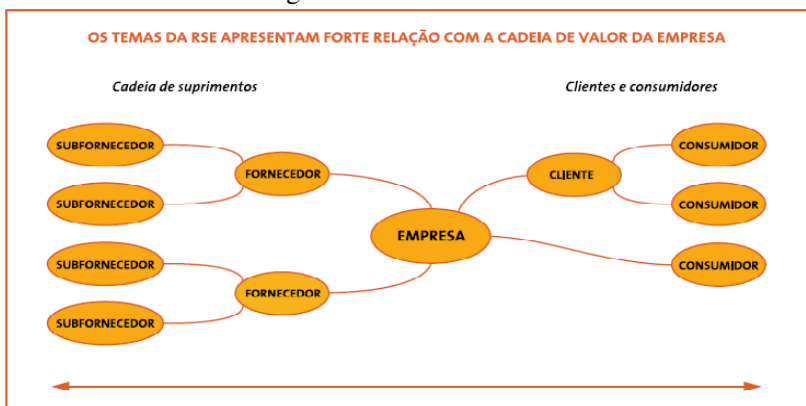
A Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (ABIT), vem promovendo discursos neste sentido,

[...] onde o mesmo tem valorizado a integração competitiva das empresas – o maior reconhecimento do papel estratégico da cooperação interfirmas para a competitividade da cadeia; - a formulação de novas estratégias empresariais de médio e longo prazo; - e a abertura de novos espaços de formulação de políticas públicas de fomento ao dinamismo industrial e de busca de parceria entre os setores público e privado. (KELLER, 2005, p. 101)

Casarotto e Pires (2002) ressaltam a mudança no ambiente de negócios a partir da globalização: o foco da produção passa para uma concepção mais ampla, ou seja, uma concepção mercadológica. Este novo projeto deve apropriar-se dos conceitos de marca, flexibilidade, parcerias, logística e *design* para propor elementos de diferenciação e, por conseguinte, de competitividade. A organização espacial de empresas em cadeias de valor gera competitividade pelo fato de que quando se apresenta um produto por determinada empresa promove-se as demais que se relacionam com ela, fortalecendo, assim a integração de um tecido econômico dinâmico.

A promoção de relacionamentos interfirmas surge como forma de responder aos novos padrões competitivos. A execução de atividades coordenadas ou independentes para levar um produto desde a sua concepção até o consumidor final é conhecido como cadeia de valor. Esta sequência de atividades sugere uma rede de relacionamento entre produtores, varejistas e consumidores pautados em relações de confiança para promover a qualidade e a responsabilidade socioambiental de produtos e serviços. A cadeia produtiva está fortemente ligada à Responsabilidade Social Empresarial (RSE), conforme a figura 5.

Figura 5 - Cadeia de valor



Fonte: Wal-Mart (2009, p. 9)

A produção com alto valor agregado deve estar à jusante e à montante na cadeia de valor no momento em que a oferta de produtos seja beneficiada em todos os passos. Isso significa que o produto atenderá às exigências do mercado em termos de marca, *design*, flexibilidade e preço competitivo ao consumidor (CASAROTTO; PIRES, 2002). Neste sentido, o consumidor deverá atribuir um peso maior ao valor do que ao preço. Diferenciam valor e preço pois, a relação benefício/sacrifício deve ser maior que 1, ou seja, os benefícios percebidos do produto deve ser maior em relação ao seu custo de aquisição, preço. (COBRA, 2007)

Na realidade que está expressa nas pequenas empresas, entretanto, é a deficiência para dominar todas as etapas da cadeia de valor, além das dificuldades de gerenciar as etapas desde a produção da matéria-prima, passando pela concepção e desenvolvimento de produtos até a distribuição. Para sanar tais efeitos negativos, torna-se primordial a formação parcerias de construção de projetos conjuntos e cooperados entre os setores públicos e privados. De acordo com as características e dinamismo das pequenas empresas, é pouco provável que possam dominar todas as etapas da cadeia de valor com eficácia. Essa situação é observada nas indústrias de confecção de Araranguá-SC, segundo a pesquisa de campo.

A proximidade geográfica na economia crescentemente globalizada contribui para a coordenação da cadeia local com a inclusão de parceiros estrangeiros. De certa forma, esta nova relação é capaz de trazer constrangimentos ao crescimento econômico de empresas que não

estão preparadas ou que queiram competir isoladamente, pois o local conecta-se com o global. Comprovam esta análise, o fato de que a concentração de varejistas do vestuário nos Estados Unidos influenciou fortemente elos da cadeia de valor migrando atividades com menor valor agregado e mais intensivo em mão de obra para países em desenvolvimento particularmente na Ásia. (SHIMITZ, 2005)

Nesse sentido, Johnson e Lundvall (2005) relatam que a globalização conecta os locais espacialmente distantes melhorando as possibilidades de aprendizado, porém, alertam que o crescimento econômico é um processo contínuo e desigual no qual os aspectos da inovação e do aprendizado encontram barreiras para desenvolverem-se. Nessa ótica, os autores apontam que os países em desenvolvimento continuam às margens da economia globalizada e que as disparidades não são reduzidas. As relações entre o local e o global, entretanto, representam oportunidades de aprendizado em forma de aprimoramento funcional das capacidades produtivas.

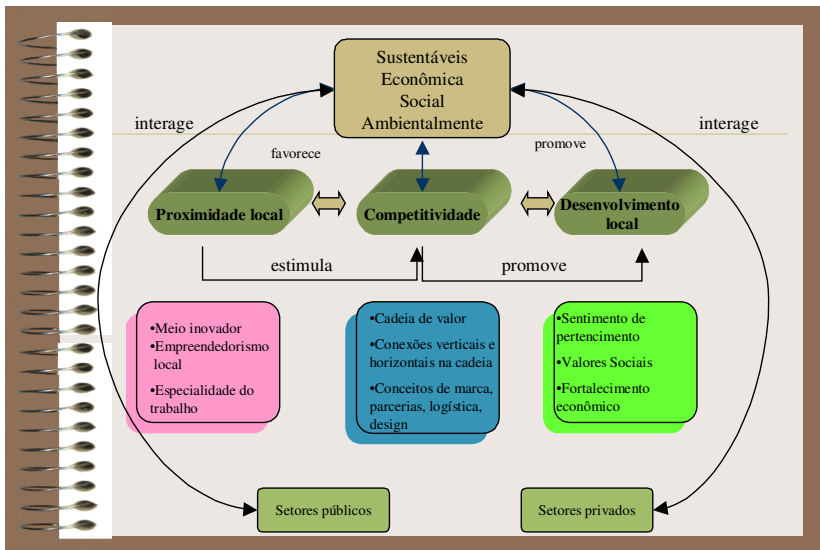
A aproximação num mesmo ambiente que favoreça à construção de complementaridades é fruto de um planejamento regional. Este, descrito como um conjunto de elementos “materiais (firmas, infraestrutura), imateriais (conhecimento) e institucionais (regras e arcabouços legais) que compõem uma complexa rede de relações voltada para a inovação”. (RODRIGUES, et al, 2009, p. 3)

Esses componentes não atuam de forma isolada, mas em cooperação, entre firmas e instituições de ensino e pesquisa, entre consumidores e entre o governo local, desenvolvendo uma nova forma de interação. Esta, é definida por governança, de acordo com Mantovaneli Jr. e Sampaio (2010, p. 81) como a “capacidade efetiva de pactuação democrática e sustentável que corporifica e, portanto territorializa os processos de gestão do desenvolvimento [...]”. A articulação entre os atores locais, segundo Villela e Pinto (2009), constitui-se na descentralização e objetiva a divisão de responsabilidade na gestão de um grupo social com interesses comuns em um mesmo território. Esse sistema de integração deve favorecer um fluxo contínuo de trocas no qual culturas locais, identidades territoriais e práticas comuns forneçam subsídios para a construção de um espaço-lugar. Assim, para que o sentimento de pertencimento da comunidade local melhore as expectativas da população quanto ao crescimento pessoal.

A ideia de território é apresentada como um recorte específico para a análise competitiva. A proximidade das empresas facilita a comunicação e a interação, porém, isto não significa que a definição de território tenha em comum apenas a questão espacial, pois é primordial

que hajam interações culturais, de valores econômicos e de visão de futuro. (VILPOUX, 2010.)

Figura 5 - Mapa Conceitual: Proximidade geográfica e desenvolvimento local



Fonte: Elaborado a partir da revisão teórica

A concentração geográfica assume um importante papel no desenvolvimento local na medida em que opera como um sistema oposto à influência de determinantes individuais, resumidos na figura 5. Segundo Porter (1989), esses determinantes individuais são capazes de expandir suas vantagens para todo o território, de maneira que promovem o fortalecimento de várias empresas. Fatores determinantes como a competição, a inovação, a existência de indústrias correlatas e de apoio e condições de demanda, promovem uma gama de vantagens competitivas. A especialização e eficiência coletiva são igualmente favorecidas pela concentração espacial.

Empresas concorrentes e correlatas, fornecedores, clientes e universidades tendem a relacionar-se entre si de maneira que todos os elos da cadeia se beneficiam com conhecimentos e informações disseminados. A localização geográfica tende a atrair mão de obra e indústrias de apoio além de facilitar as interações entre as instituições, havendo retorno positivo e ganhos de escala à medida que compartilha conhecimento. Por outro lado, a proximidade geográfica torna o

desenvolvimento exíguo quando as vantagens não são devidamente tratadas ou são exploradas exaustivamente até o seu limite. (JULIEN, 2010)

Ao mesmo tempo em que a proximidade territorial é elencada como um elemento-chave, ela tende a ser portadora de uma inércia empreendedora quando a região não possui esta cultura sendo, “portanto, o fator que melhor explica porque a região se atrasa ou perece” (JULIEN, 2010, p. 160). O meio ao qual se faz referência, depende de como os empreendedores utilizam as informações e as transformam em conhecimento por meio da aprendizagem e das competências e habilidades. A localização geográfica é apontada, então, como um elemento de competitividade condicionada às interações entre as empresas e demais instituições públicas ou privadas em prol de objetivos comuns e de eficiência coletiva.

### **2.2.2 Terminologias e conceitos relacionados sobre APLs**

Diversos estudos teóricos, com base empírica, vêm contribuindo para o desenvolvimento de localidades. A literatura emprega vários conceitos sobre o assunto entre eles *cluster*, aglomerados, redes e arranjos. Tais estudos, na perspectiva do desenvolvimento local sustentável, atuam como meio de resgatar a identidade de território, gerar empregos, permitir a sobrevivência e competitividade de micros e pequenas empresas. O ponto central dos estudos em APL sugere a promoção do relacionamento entre diversos atores voltados à inovação e ao aprendizado coletivo.

A teoria dos APLs traz, também, importante contribuição no cenário das MPEs confeccionistas de Araranguá-SC. Os arranjos fortalecem o desenvolvimento e expõem às empresas informais as vantagens da formalidade e à cooperação em grupo. As atividades complementares, que podem ser incentivadas, vencem as desvantagens do trabalho isolado, promovem habilidades dos colaboradores, atraem fornecedores e incentivam novos empreendedores. O papel das políticas públicas é crucial na formação dos APLs, no sentido de incentivar e propor parcerias com bancos, instituições financeiras, universidades e centros de pesquisa.

Segundo Teixeira et al (2006) os estudos de APL destacam as relações entre concentrações de empresas e outros agentes. A consideração dos fluxos de conhecimentos e dos processos de aprendizado para as capacitações produtivas, organizacionais e inovativas salientam a importância da proximidade geográfica e da



identidade histórica, institucional, social e cultural<sup>6</sup> como fontes de vantagens competitivas.

O processo de desenvolvimento de um aglomerado produtivo em torno da industrialização de produtos similares ou complementares, assume forma de crescimento econômico sustentado. Assim, induz a um processo de concentração dos interesses sociais, sendo denominado de regionalização social. Em casos de restrição para a formação dos arranjos, a potencialidade encontra-se na população e nos vínculos estabelecidos com a apropriação do espaço-lugar. Desta forma, a interação entre a sociedade e os agentes econômicos e produtivos, governamentais por meio da cultura e da identidade de território, é elemento necessário ao desenvolvimento local e requer coordenação de esforços e incentivo. (CASAROTTO; PIRES, 2002)

Nesse sentido, a formação dos Arranjos Produtivos Locais (APL) constitui-se numa alternativa para o desenvolvimento econômico sustentável e na busca do associativismo e cooperativismo entre empresas do mesmo setor. No Projeto Promos/SEBRAE encontra-se seguinte a definição de APL

[...] centenas de concentrações empresariais dedicadas a um certo tipo de produto – calçados, confecções, móveis, alimentos, máquinas, componentes, serviços – surgiram em todo o país, permitindo o aproveitamento de vantagens comparativas localizadas. Essas concentrações atingiram hoje uma densidade tal que tornou possível sua transformação em redes empresariais na busca de vantagens competitivas. (SEBRAE, 2004, p. 9)

A mesma instituição, na definição de APL apresenta-a como um tipo especial de *cluster*:

[...] formado por pequenas e médias empresas, agrupadas em torno de uma profissão ou de um negócio, onde se enfatiza o papel desempenhado pelos relacionamentos – formais ou informais – entre empresas e demais instituições envolvidas. (SEBRAE, 2004, p. 9).

Nestas duas abordagens, o SEBRAE não diferencia os conceitos de arranjo e *cluster*, o que demonstra uma dificuldade conceitual em torno das tipologias existentes.

---

<sup>6</sup>Nota da autora: no presente trabalho foi apresentado como a identidade territorial.

Na abordagem de *cluster*, a ênfase é dada à competitividade enquanto em APL, ao desenvolvimento local e na busca pela qualidade de vida, segundo Casarotto; Pires, (2002). Assim, os *clusters* desenvolvem estratégias específicas com fim na própria cadeia, possuindo em comum o espaço territorial e o engajamento de fornecedores, prestadores de serviços, máquinas e infra-estrutura, mas não levam em consideração a região, as taxas e desenvolvimento de empregos, culturas locais e a sustentabilidade ambiental. Os arranjos produtivos consideram todos esses elementos sob a forma de relacionamentos com o social e com a cultura local solidariamente com fim na qualidade de vida.

Complementando a definição do SEBRAE (2004) sobre APL, Lemos (2003) desenvolveu o conceito como aglomerados de agentes econômicos, políticos e sociais, tendo o espaço territorial em comum, com foco em um conjunto específico de atividades econômicas e que apresentam vínculos e interdependência. Nas referências sobre arranjos produtivos aparecem os sistemas produtivos e inovativos locais (ASPLs), com o seguinte conceito:

[...] são aqueles arranjos produtivos cuja interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem, possibilitando inovações de produtos, processos e formatos organizacionais e gerando maior competitividade empresarial e capacitação social. (LEMOS, 2003, p.81).

A principal diferença entre APL e ASPL está na qualidade de suas estruturas. O APL é um conjunto de empresas similares no qual a característica principal é a informalidade, e o surgimento sem planejamento, ou seja, pelo imprevisto de demandas ou do empreendedorismo por necessidade. Neste sistema, geralmente a mão de obra é pouco qualificada e a equipe gerencial é representada pelos donos do negócio ou parentes, sem qualificação formal acadêmica. Ainda assim, de acordo com Teixeira et al (2004), mesmo que as estruturas produtivas das empresas envolvidas nos APL's não possuam um alto grau de organização, o ambiente interativo permite relações com o ambiente externo à empresa, promovendo uma atmosfera propícia para o alcance de ganhos coletivos.

Nos ASPLs, a qualidade das estruturas garante maior interação e integridade dos processos produtivos e gerenciais. Nestes, o aprendizado é evolutivo e é gerado por meio das relações informais e formais, as

quais atuam como agentes regulatórios destas relações. A presença da confiança nesta estrutura é fundamentada a partir dos ganhos coletivos em produtividade e qualidade nos produtos e processos. Em suma, o ASPL possui como característica a cooperação sendo que a inovação é a fonte de vantagem competitiva. (CASSIOLATO, 2002)

As aglomerações espaciais assumem formas entre arranjos formalmente organizados e planejados ou organizados informalmente e espontâneos. Sob a perspectiva da inovação, os aglomerados espontâneos surgem da concentração não planejada de empresas e que possuem similaridades comuns e atividades complementares. Neste tipo de arranjo a tecnologia empregada é relativamente baixa e reúnem-se, em sua maioria, pequenas e micro empresas, tipo predominante em países em desenvolvimento. Sob este aspecto, Mytelka e Farinelli (2005), Rodrigues et al (2009), Crocco et al (2006), ressaltam algumas características importantes e que são observadas nas empresas da região de Araranguá.

Aspectos evidentes na aglomeração informal como a fraca interação entre os agentes e a forte competição entre as firmas são ratificados. A natureza dessas interações tende a baixa confiança e pouca troca de informação no arranjo. Rodrigues et al (2009) complementam que nestes aglomerados informais, onde a infraestrutura é inadequada, há ausência de apoio financeiro e poucas inovações, o papel do Estado, por meio de políticas públicas é fundamental para o crescimento, com investimentos em tecnologia, treinamento e crédito.

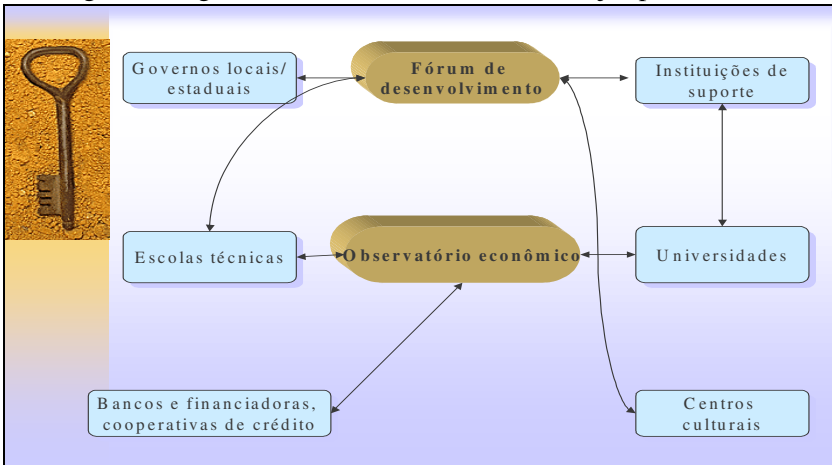
Neste sentido, os aglomerados informais, através das MPEs, vêm desempenhando papel importante na economia dos países em desenvolvimento. No Brasil as atividades exportadoras têm apresentado crescimento, inclusive na geração de emprego e de renda, assim, fomentando o desenvolvimento econômico. Segundo Rodrigues et al (2009, p.5) devido à representatividade dos arranjos, “intensifica-se a necessidade de identificar e avaliar novas aglomerações produtivas, torna-se elemento fundamental, para subsidiar políticas governamentais de desenvolvimento local”. Apresenta-se dessa forma, a importância dos APLs na economia dos países.

Outra diferença nos dois tipos de aglomerados é o nível de cooperação e o trabalho em rede das empresas associadas. Enquanto os aglomerados organizados, comuns nos países desenvolvidos, são produtos de políticas públicas orientadas ao desenvolvimento local, os informais são redes extremamente frágeis. No interior dos aglomerados organizados a coordenação das atividades é voltada à infra-estrutura, à

melhoria nos processos e ao desenvolvimento de estruturas para responder rapidamente às necessidades dos mercados. (MYTELKA e FARINELLI, 2005)

Um aglomerado organizado deve ocupar todos os espaços da economia nos três setores, por meio de uma sinergia de esforços. Esquemáticamente os pressupostos de formação a um APL são reunidos na figura 6.

Figura 6 - Agentes de desenvolvimento de arranjos produtivos



Fonte: Adaptado de Casarotto e Pires (2002, p. 22)

O termo local permeia os estudos de competitividade e o desempenho das firmas estando presente nas definições de redes de empresas, *clusters*, arranjos produtivos e inovativos ou eficiência coletiva. A literatura existente não apresenta diferenças significativas entre APL e *cluster*. Alguns autores baseiam-se em diversas linhas de pensamento e empregam estes termos muitas vezes, como sinônimos. As fronteiras que distinguem as concepções dos termos são muito tênues e dificultam a elaboração de conceitos comparativos entre as correntes de pensamento. Sem a intenção de tomar como um referencial teórico, segue um breve resumo comparativo da terminologia aplicada para APL e *cluster*, conforme a tabela 1.

Tabela 1 - Quadro comparativo de terminologia de cluster e APL

<b>QUADRO COMPARATIVO DE TERMINOLOGIA DE <i>CLUSTER</i> E APL</b>	
<b><i>CLUSTER</i></b>	<b>APL</b>
Concentração espacial e setorial	Concentração espacial genericamente de qualquer aglomerado ( <i>clustering</i> ), incluindo agentes além de empresas.
Proximidade geográfica	Proximidade geográfica com o objetivo do desenvolvimento local e qualidade de vida
Ênfase na competitividade	Destaque nas relações e interações, nos fluxos de conhecimentos e aprendizado coletivo
Atuação na mesma cadeia produtiva	Pode ser um conjunto de <i>cluster</i>
Foco na vantagem competitiva	Foco na vantagem comparativa
Estruturação e desenvolvimento no próprio aglomerado	Ênfase nos relacionamentos formais ou informais
Ideia de rivalidade	Ideia de cooperação
Relevância da atividade produtiva	Acumulação de capacitação interna e geração de inovação

Fonte: Elaborado a partir da revisão teórica

### **2.2.3 Formação de *cluster* como perspectiva à eficiência coletiva**

As empresas de confecção de Araranguá possuem como características comuns a absorção de mão de obra sem qualificação e de investimentos reduzido em capital e tecnologia, segundo a pesquisa de campo. Este setor representa para a região forte potencial de desenvolvimento socioeconômico e de reduzido potencial de impacto ambiental. A competência da localização espacial é compreendida por meio do marco conceitual de *clusters* industriais, cujo conceito tem origem nos distritos industriais marshallianos, os quais apoiam-se na economia geográfica.

O desenvolvimento local inicia-se na concentração produtiva, desta forma o objetivo da identificação dos territórios é a análise espacial com base nos aglomerados produtivos. Esse conceito tem sido complementado com os estudos sobre arranjos produtivos locais, apresentando-se como soluções ao desenvolvimento econômico sustentável regional. O conceito de *clusters* industriais refere-se à tendência das empresas com atividades produtivas similares ou relacionadas localizarem-se próximas geograficamente e que se inter-relacionam. (OCDE, 2011)

A tipologia existente a respeito do assunto, além de vasta, apresenta-se de formas variadas e remete a análise sob o prisma dos distritos industriais marshallianos, da contribuição neoshumpeteriana e dos conceitos relativos aos arranjos produtivos, os quais serão o foco deste referencial.

Os estudos iniciais sobre a importância do território, como medida de compensação das externalidades e economias de escala, têm origem em Alfred Marshall (1985). O economista reforça que a dimensão espacial dos distritos industriais aumenta a capacidade competitiva por meio do aprendizado, afirmando que a aglomeração espacial proporciona concentração de mão de obra especializada e atrai fornecedores de matéria-prima em um determinado ramo.

As observações de Marshall em distritos da Itália comparam o crescimento econômico observado nos aglomerados industriais com outras empresas que na mesma época apenas sobreviviam, reforçando a hipótese dos ganhos de competitividade com a concentração local. A proximidade geográfica e a concentração de apenas um tipo de indústria aumentam a especialidade do trabalho, porém, o torna refém se a região não comportar atividades similares. O agrupamento de empresas similares é eficiente economicamente caso exerçam atividades complementares, diversificando a qualificação da mão de obra e obtendo ganhos em economias de escala.

No presente estudo, as indústrias do vestuário na região de Araranguá empregam, na sua maioria, mão de obra feminina sendo necessário o crescimento de outros setores que também possam empregar trabalhadores masculinos. Essa questão quando discutida sob a ótica da proximidade geográfica, contempla cidades vizinhas que se complementam no que diz respeito ao trabalho.

Marshall (1985) aponta esta limitação de mão de obra, devido à exclusividade de um mesmo setor não atender sempre a mesma demanda, pois caso ocorra uma interrupção das atividades industriais, a ausência de outros setores ocasionará graves problemas. Apesar dos estudos de Marshall terem sido realizados há bastante tempo, somente com a expansão da globalização é que os aspectos da proximidade geográfica despertaram interesse de estudiosos pela redescoberta do seu potencial dinâmico. (MYTELKA E FARINELLI, 2005)

O desenvolvimento de um *cluster* atenua alguns problemas de baixa competitividade das pequenas e médias empresas como a falta de mão de obra especializada e de uma série de custos sociais advindos do desemprego setorial, gerando impactos sociais. O surgimento de setores complementares além do comércio, como a prestação de serviços para

as indústrias, fornecedores de equipamentos e insumos, cooperativas, representações comerciais e industriais, institutos de pesquisa e de apoio, são atores importantes. Estes, conferem relações fundamentais entre si e emergem como alternativas de desenvolvimento sustentável de uma região. (PORTER, 1989)

O termo *cluster* é apresentado por diversos autores, referenciados abaixo, como um aglomerado territorial onde haja forte interação entre as empresas e agentes econômicos desenvolvendo atividades similares que atuam na mesma cadeia de valor. O termo *cluster* é admitido como uma concentração de empresas que se relacionam a montante e a jusante, lateralmente e incluem agentes não econômicos como entidades governamentais. Essa aglomeração no mesmo espaço geográfico auferem vantagens advindas da localização e da especialização enfrentando ameaças e oportunidades comuns. (CAPORALI e VOLKER, 2004; CASAROTTO e PIRES, 2001; SEBRAE 2003)

A tipologia empregada ao conceito de *cluster*, converge para sua definição como aglomerados territoriais de atividades industriais, econômicas e competitivas com algum grau de similaridade que mantêm relacionamentos estruturados ou não com diversas entidades. Estes, possuem um meio comum que se considera como “o ambiente socioeconômico próximo do empreendedor e da pequena empresa que facilita ou não os laços mercantis e não mercantis que distingue, assim, um território de outro”. (JULIEN, 2010, p. 163) Por conseguinte, no *cluster* as atividades similares encontram-se em fases distintas da produção e as práticas de cooperação devem ser incentivadas.

Recentemente aos estudos de Marshall (1985), Paul Krugman (1993) destaca a localização da produção no espaço. Segundo o autor, a localização da atividade econômica dentro dos países é uma questão tão importante quanto a do comércio internacional e coloca, ainda, que a linha entre a economia regional e a internacional está se tornando cada vez mais tênue. Exemplo disso, foi a unificação do mercado europeu possuindo uma moeda comum dentro dos diversos países e a livre transição do capital e do trabalho. Anteriormente a esse fato, as questões do comércio eram tratadas como internacionais, mas, agora fazem parte de um mesmo mercado, trata-se de economia regional. Para Krugman (1993), as externalidades advindas da localização geográfica geram ganhos de competitividade de forma que o aprendizado se efetiva.

Schmitz (1995, p. 535, tradução nossa) explica que de acordo com Marshall há três razões para a localização:

- Agrupamento do mercado de trabalho: a concentração setorial e geográfica cria um conjunto habilidades específicas que beneficiam os trabalhadores e as empresas.
- Fornecedores de matérias-primas: lugar onde os *clusters* empresariais podem adquirir de fornecedores locais os insumos e serviços mais especializados.
- *Spillovers* tecnológicos: a concentração espacial facilita a difusão de *know-how* e ideias.

De acordo com Schmitz (1995), apesar da opinião de Krugman remeter às ideias marshallianas, estas não são suficientes para explicar a formação dos *clusters* baseados apenas no conceito das externalidades. Segundo o autor, um conjunto de ações é necessário para a competitividade do *cluster* como a cooperação vertical na cadeia de valor resolvem problemas da economia interna, pois, a eficiência coletiva proveniente de ações conjuntas é capaz de gerar vantagem competitiva. Acrescenta-se a isso, o papel das instituições públicas como fomentadoras e intermediadoras das relações entre as firmas, essenciais para a eficiência coletiva.

A cooperação vertical segundo Rauen e Montibeller (2008), refere-se às relações formais ou informais que são estabelecidas entre fornecedores e compradores de diferentes segmentos, porém, dentro da mesma cadeia produtiva. Para exemplificar como as relações verticais ocorrem dentro da cadeia têxtil e de confecção citam-se as atividades terceirizadas (facção) e de subcontratação. Segundo os autores, a cooperação horizontal é entendida como a relação formal ou informal entre empresas de cadeia produtiva diferentes ou entre concorrentes de uma mesma cadeia, por exemplo, a integração por meio de atividades comuns em comercialização, pesquisa, treinamento, entre outros. A cooperação vertical ou horizontal proporcionam vantagens competitivas para as firmas por meio de ações conjuntas e investimentos em tecnologia, treinamento e capacitações, na redução de custos com logística e na distribuição e acumulação de conhecimento.

Os estudos tradicionais indicam a existência das externalidades no ambiente competitivo empresarial, meramente por meio da aglomeração. O conceito baseado em externalidade deixou de responder a várias questões, como as relações existentes entre as empresas que não apareciam como fatores isolados, mas coexistiam além dos limites interfirmas e em diferentes formas. Estudos recentes, mostram que a correlação entre a identidade territorial local, a proximidade geográfica e as relações formais e informais entre empresas e outras organizações são



fatores determinantes do sucesso da economia de uma cidade, de um estado e até mesmo de um país. Assim, demonstra a existência de vários personagens significativos e contribuintes dessa dinâmica, constituindo-se como externalidades positivas. Este efeito difusor coletivo é definido por

[...] ganhos econômicos advindos de ações de terceiros, sem que haja esforços prévios do agente beneficiado. Esse conceito é útil na explicação das vantagens existentes na aglomeração de atividades econômicas semelhantes, ou seja, é a base na qual se desenvolvem as economias de aglomeração presentes nos distritos industriais marshallianos. Assim, regiões nas quais existe certa aglomeração de atividades semelhantes tendem a produzir externalidades positivas ao conjunto das firmas componentes dessa região. Dessa forma, existência prévia de infra-estrutura e difusão facilitada de conhecimento, dentre outros elementos, podem ser citados como exemplos de externalidades positivas inerentes a uma aglomeração industrial tipicamente marshalliana. (RAUEN; MONTIBELLER, 2008, p. 272)

A cooperação proveniente da especialização traz consigo vantagens comuns baseadas na localização espacial, como economias de aglomeração e de efeitos de aprendizado num processo de interação local. Adicionalmente, a localização promove a redução de custos de transação, o acesso à informação especializada, e às instituições e órgãos públicos. Assim como melhoram a motivação, a medição da eficiência e *benchmarking*<sup>7</sup>, como vantagens mútuas da localização. As empresas da rede têm um incremento produtivo com vistas à inovação. (OLIVEIRA, 2009)

Segundo Martins (2007), a percepção das relações que a empresa mantém em um território focalizado é necessária para constituir um processo de inovação. O processo inovativo, segundo a abordagem conceitual neoshumpeteriana apresentada em Rauen e Montibeller (2008), é considerado resultante da interação entre organizações e instituições. De acordo com esse entendimento, as abordagens devem

---

<sup>7</sup> Benchmarking é o termo utilizado para comparar o desempenho de produtos e processos com o daqueles de empresas líderes. O propósito de uma empresa fazer benchmarking é de imitar ou melhorar os processos de outras empresas. (MOREIRA et al, 1999)

considerar o espaço produtivo local e as inovações provindas deste processo interativo e endógeno com ênfase na cooperação entre as firmas, sendo importante captar essas relações por meio de dados primários diretamente nas empresas.

O desenvolvimento de um *cluster* deve remeter às vocações regionais ou locais, contendo empresas à jusante (serviços) e à montante (fornecedores) e incluem empresas produtoras de artigos finais, como é o caso das confecções. Um *cluster* não necessariamente deverá conter toda a cadeia produtiva, além de incluir serviços de apoio ligados ao governo ou de iniciativa privada. (CASAROTTO; PIRES, 2002)

Oliveira (2009) infere que a criação de *clusters* não é objeto de políticas públicas, mas apenas, o seu incentivo e promoção. Estes surgem espontaneamente em virtude da presença de fatores favoráveis como a economia externa e a localização. Os aglomerados de MPEs apresentam-se como estruturas auto-organizadas em torno de objetos comuns. Constituem-se em muitos casos, de um núcleo produtivo formado por meio da proximidade com a matéria-prima, fornecedores, mercados, mão de obra, entre outros. No caso estudado, o excedente de mão de obra após o fechamento das indústrias calçadistas da região durante o Plano Real em meados de 1994, oportunizou emprego nas indústrias de confecção. A qualificação das costureiras de calçados, devido ao minucioso trabalho no couro o qual não permite erros na produção, pois, ocasionam perda da matéria-prima, foram absorvidas pelo setor da confecção em expansão, segundo a pesquisa de campo. Alguns estudos mostram, entretanto, a existência de aglomerados construídos artificialmente por entidades públicas e privadas.

A evolução dos distritos marshallianos para o conceito de *cluster* deixam de responder a algumas questões sobre as interações sociais existentes ao longo da cadeia. Enquanto *cluster* o fator competição é a prioridade prevalecendo sobre os aspectos da sustentabilidade ambiental e social, a formação de arranjos produtivos nos quais a cooperação seja seu ponto central, apresenta-se como forma de desenvolvimento sustentável.

#### **2.2.4 Aspectos para a caracterização de *cluster***

Para melhor compreensão dos conceitos relacionados a *cluster*, é necessário ressaltar alguns aspectos gerais de identificação de *cluster*. Segundo Britto (2002) e Oliveira (2009) tanto as similaridades quanto a inter-dependência entre as atividades produtivas são fatores importantes que devem ser considerados. Deste modo, a análise das atividades

similares enquanto a existência de padrões de especialização segundo as vocações regionais, constituem um ponto de partida. Neste aspecto, considera-se a existência de empresas concorrentes que compartilham o mesmo espaço geográfico e a mesma especificidade produtiva e de comercialização.

A dinâmica das interações entre empresas e o seu nível de cooperação e competição é de suma importância na caracterização de *clusters*. O relacionamento entre as firmas leva à evolução das mesmas à medida que o mercado torna-se mais exigente ou se modifica. A cooperação entre concorrentes é eficiente quando se busca por capacitação e qualificação profissional, como a participação em feiras ou em missões empresariais promovidas pelo SEBRAE e como apoio à logística. Os resultados do grupo somam mais juntos que individuais.

As atividades produtivas da indústria da confecção, sob este prisma apresentam um padrão de especialização que diz respeito às vantagens comparativas de mão de obra, de tecnologia empregada e de mercado consumidor. No mesmo viés, a complementaridade de atividades é fundamental no setor em questão, pois relacionam-se os serviços prestados de manutenção de máquinas e equipamentos e de atividades terceirizadas de acabamento como estamparia, lavanderia, bordados e beneficiamento de tecidos.

Para a identificação de um *cluster* deve ser considerada uma densidade mínima de firmas localizadas no mesmo espaço territorial. Esta análise utiliza dados quantitativos que são obtidos da RAIS/MTE no período que se deseja verificá-los. A identificação e mapeamento dos arranjos servem de parâmetro para a análise de *clusters*. Apesar destes preceitos apresentados, as relações entre os diversos atores criam condições de aprendizado e de eficiência coletiva, embora, muitas vezes, seja difícil mensurar.

O processo de mudança nos padrões de competitividade e de produção, é proveniente do aprendizado coletivo e do conhecimento compartilhado. Desta forma, o processo de aprendizagem e a adaptação à mudança levam ao desenvolvimento tecnológico e crescimento de um *cluster* no longo prazo. Para tal efeito é necessário entender como ocorrem as pressões para a melhoria dos padrões socioambientais e como os *clusters* respondem a elas. (OLIVEIRA, 2009)

Frente ao novo paradigma da economia do conhecimento, a busca por desenvolvimento sustentável permeia as novas condições de competição e de sustentabilidade econômica. No estágio atual das MPES no Brasil e na região de Araranguá ainda predomina a informalidade trabalhista, econômica e ambiental. Tais características necessitam

migrar para um estágio intermediário em direção à sustentabilidade, cabendo ao sistema de governança o papel de iniciar este processo de amadurecimento.

Julien (2010, p. 164) ressalta a importância da localização espacial como [...] “consequência de um processo de desenvolvimento, o resultado das estratégias organizacionais dos atores entre si e o lugar de aprendizado e formação de saberes” [...]. De um modo geral, a proximidade geográfica de empresas resulta na formação de aglomerados que proporcionam oportunidades de engajamento de produtores e consumidores, instituições financeiras, de pesquisas e de apoio visando à eficiência coletiva e ao desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentável. A proximidade geográfica como fator competitivo deve estar pronta para inovações e conhecimento, evitando fechar-se aos relacionamentos com o exterior do aglomerado.

O referencial teórico sobre a formação de *cluster* refere-se, na maioria dos casos no desenvolvimento da competitividade e incremento da produção como resposta aos ganhos econômicos. O tema da sustentabilidade, apesar de novo nos estudos sobre arranjos, é emergencial considerando que o aumento da produção e o crescimento econômico geram ou intensificam os impactos ambientais e a desobediência das leis trabalhistas, resulta em problemas sociais. Além disso, a crescente exigência dos consumidores e a atenção dos *stakeholders* pressionam a tomada por atitudes significativas por responsabilidade socioambiental. (SAVITZ, 2007)

No momento em que as empresas de um aglomerado dividem as etapas da produção, a responsabilidade social e ambiental exigida por uma firma leva a sub-contratada ao mesmo procedimento. Este exemplo é comum nas indústrias de confecção que terceirizam para grandes magazines como a Renner, por exemplo. Essa empresa exige condições de trabalho e respeito às normas ambientais como condição de contrato de fornecimento, apontado na pesquisa de campo.

Oliveira (2009) reúne três vertentes para o melhoramento socioambiental de um *cluster*. A primeira por pressões do mercado consumidor; a segunda por difusão na cadeia de valor aos padrões socioambientais e; a terceira, a obrigação do cumprimento das leis ambientais.

O conceito de *cluster*, enquanto unidade de análise, facilita os estudos de melhoramento socioambiental por vários motivos. Quando tomado como ponto de referência, envolve limites geográficos e também

considera, além dos agentes econômicos, os fatores e atores não econômicos, bem como suas relações em arranjos produtivos.<sup>8</sup>

As condições de sustentabilidade em um *cluster* de confecção em Araranguá tem como ponto de partida a formalização das empresas, condições de saúde e segurança, o cumprimento das leis ambientais e uma formação de rede para compartilhamento de conhecimento e tecnologia.

### 2.3 SISTEMAS DE INOVAÇÃO E APRENDIZADO COLETIVO COMO ELEMENTO DE COMPETITIVIDADE PARA OS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS

A crescente aceleração da competição global traz à luz as questões da economia local como importante agente no desenvolvimento econômico, na produção de conhecimento e na inovação das firmas. O conhecimento é um fator relevante para incentivar atividades geradoras de inovação e, de certo modo, de riqueza incremental. Considerado como uma fonte de vantagem competitiva, se apresenta nas mais variadas formas como rotinas, valores, competências e experiências empíricas empresariais. É nesta direção que a concepção dos sistemas de inovação e aprendizado, obtém vantagem na proximidade espacial contrapondo-se à concorrência global tão amplamente difundida.

Assim, o desenvolvimento de sistemas de aprendizado e inovação são objetos de políticas públicas, as quais têm no referencial teórico o suporte para o fomento dessas políticas, não para criar diretrizes, mas, para ampliar a compreensão da realidade e das especificidades locais.

#### 2.3.1 Inovação como fonte de vantagem para o desenvolvimento local

A concepção sobre inovação está fundamentada nas abordagens neoschumpeteriana, por se tratar da interdependência entre os atores econômicos e a macroeconomia. Nos sistemas de inovação, os processos inovativos são conduzidos por empresários e posteriormente disseminados, produzindo o desenvolvimento. O processo surge como uma nova organização mercadológica e um fator competitivo e gerador de lucro. À medida que esse processo é absorvido por outros setores,

---

<sup>8</sup> *Ib.*, 2009

deixa de ser um diferencial competitivo. O efeito propagador da inovação do tipo neoschumpeteriana sugere movimentos de desequilíbrios derivados de sua introdução, que extravasam por toda a economia; e “através destes poderosos desequilíbrios e a propagação de seus efeitos sobre o sistema econômico”, dá-se o desenvolvimento, conforme Montibeller (2001). As questões do desenvolvimento não decorrem apenas do crescimento econômico, mas de objetivos relativos à saúde, educação, igualdade, meio-ambiente, cultura e bem-estar social. Assim sendo, as políticas públicas devem decorrer de políticas ambientais como resposta aos desafios da globalização e ao desenvolvimento sustentável.

DeBresson & Amasse (1991) *apud* Martins (2007) ressaltam que na abordagem neo-schumperiana a ênfase é dada às relações interorganizacionais e resgata os aspectos das redes de firmas como sistemas de inovações associados à eficiência dinâmica. Uma das ameaças ao setor do vestuário é a inovação tecnológica que nos estudos do BNDES (2009) surge como um fator inibidor relevante do crescimento. A teoria neo-schumperiana “discute a maneira como mudanças nos paradigmas técnico-econômicos alteram a fronteira tecnológica e criam novos conjuntos de padrões, práticas e processos produtivos”, segundo Lastres (2005). Desta maneira, esta teoria influencia de acordo com as especificidades locais, o desenvolvimento deste campo em Araranguá.

A inovação é compreendida de muitas formas, entretanto, genericamente, apresenta-se como a introdução de modificações em produtos, processos, serviços ou qualquer combinação entre eles e de variados graus. A melhoria nos produtos e processos, algumas vezes de maneira incremental, é imperceptível para o consumidor, mas muito eficiente para a empresa. (LEMOS, 2002)

As mudanças representam, internamente, redução de custos, aumento da qualidade e substituição de matérias primas o que resultará em novos processos ou produtos. A ampliação de um produto por meio da substituição de materiais poluentes que oferecem riscos à saúde e à segurança das pessoas é exemplo de inovação e, ao mesmo tempo, de responsabilidade socioambiental. Oliveira (2007) acrescenta que a inovação dos *clusters* pode ser determinada por duas formas: a ameaça da existência de competidores por meio de baixas barreiras de entrada e a competição por produtos substitutos e, a capacidade de absorver mudanças, por meio das relações interativas e da capacitação dos colaboradores. Esses fatores determinantes, segundo o autor, assumem

duas formas genéricas de inovação: a redução dos custos e/ou a diferenciação.

As MPEs no Brasil, caracterizam-se em sua maioria, como baixo conteúdo tecnológico no qual a capacidade de inovação ocorre no próprio ambiente de produção, integrando conhecimentos distintos originados de outros setores ou outras empresas, a partir de práticas comuns e disponibilidade dos recursos. Observa-se que essa singularidade é comum nas empresas de Araranguá. Embora haja restrições quanto ao ambiente competitivo, verifica-se que pequenas empresas obtêm vantagens por meio do tratamento coletivo em arranjos produtivos. (LEMOS, 2002)

Ainda que a tecnologia possa ser eleita como um fator que impulsiona a inovação produtiva e os processos, não deve ser considerada como a única estratégia de crescimento e sustentabilidade econômica. O aprendizado deve ser enfatizado para promover oportunidades de crescimento econômico às micro e pequenas empresas (MPEs) de diferentes setores. Segundo estudos, em países desenvolvidos, os setores que mais contribuem para o crescimento são empresas de baixa intensidade tecnológica, segundo Mitelka e Farinelli (2005). Numa perspectiva mais ampla o acesso à informação e ao uso do conhecimento na produção que leva ao emprego de tecnologia nos setores industriais, contribui para a sustentação econômica e transformação empresariais.

Os resultados dessas novas práticas não, necessariamente, são produtos da atualização tecnológica, nem tão pouco de novos meios de produção, mas uma combinação de meios de produção obsoletos, ou emprego de recursos diferentes, em fazer coisas novas. (SCHUMPETER, 1988 apud CAMPOS, 2008)

Sobjacente à abordagem neoschumpeteriana da inovação, observa-se acentuada preocupação com produtos desenvolvidos a partir de fontes de conhecimento. O que desloca o foco da atividade produtiva para a intensificação da inovação no gerenciamento, *design*, rotinas organizacionais e *marketing*. A promoção de modificações nos produtos visa à redução de custos e à assistência à sustentabilidade ambiental. (MITELKA E FARINELLI, 2005)

As inovações e suas diversas ramificações, por meio da combinação de novos recursos, são necessárias ao desenvolvimento sustentável sendo que o papel da administração acrescenta importante contribuição ao desenvolvimento de projetos econômicos, sociais e ecológicos. A complexidade ambiental, entretanto, exige que a ciência seja tratada de forma multidisciplinar. (FIALHO et al, 2008)

A sustentabilidade ecológica é agravada pelo crescimento econômico uma vez que são impostas por soluções de curto prazo. A regeneração do meio ambiente, entretanto, não responde na mesma velocidade. Desta forma, emergem mudanças para o desenvolvimento sustentável dependentes da interação do sistema de inovação com os sistemas ecológicos. (JOHNSON E LUNDVALL, 2005)

O tema da inovação vem sendo incluído nos estudos sobre os arranjos produtivos, apresentando-se mais que um elo de ligação entre a proximidade geográfica e o fator de competitividade nos APLs. O forte significado do termo inovação compreende um elemento-chave para o desenvolvimento de qualquer setor econômico, nos arranjos produtivos ou nos arranjos inovativos, frutos da cooperação e do aprendizado coletivo.

Embora o conceito sobre inovação esteja fortemente ligado ao desenvolvimento de aglomerados ou arranjos produtivos, salienta-se que nem todos são sistemas de inovação. Isto acontece no momento em que a característica comum é apenas a proximidade geográfica não havendo nenhuma interação ou cooperação e aprendizado.

Por esse motivo, as características do ambiente de negócios em um território localizado, são influenciadas pela cultura e identidade territorial local, questões socioeconômicas e políticas. Estas, interferem na difusão de conhecimentos tácitos implícitos nas rotinas da empresa e na sua experiência acumulada e explícitos, sistematizado em normas e procedimentos no ambiente. O sistema de comunicação das MPEs nas relações informais, as quais são propiciadas pelo conhecimento tácito, é uma fonte de inovação quando responde às demandas de mercado com agilidade. O que não acontece com grandes empresas que se atropelam nas próprias regras e burocracia, embora os investimentos em P&D superem as MPEs pelos altos investimentos.

O processo de globalização aprofundou as interações entre empresas em diversas regiões geográficas. Alguns estudiosos redescobriram o conceito elaborado de distritos industriais de Marshal (1982) e o reconceituaram incluindo elementos, fatores competitivos e cooperativos. A ênfase nas atividades produtivas foi deslocada para organizações de aprendizado, processo que surge da interação entre diversas instituições públicas e privadas desempenhando atividades-chave no desenvolvimento de produtos, serviços e processos. (FARINELLI E MYTELKA, 2005)

Dessa forma, no longo prazo, estabelece-se uma ligação entre conhecimento por meio da apropriação e transformação em aprendizado. Uma vez que a inovação é um processo resultante do aprendizado, das



próprias experiências e da seleção das informações para a utilização em novas rotinas operacionais. Sua conversão em capacitação tecnológica, permite a diferenciação entre os concorrentes ou mercados.

A inovação, portanto, é um processo de interação por meio do aprendizado e não ocorre de maneira isolada, necessita da contribuição de fontes externas combinadas com os fatores internos da empresa como rotinas, formas de gestão e processos produtivos. Essa interação acontece em diferentes graus, dentro da mesma empresa ou entre agentes externos.

Embora o setor do vestuário em Araranguá-SC apresente similaridades quanto ao desenvolvimento de produtos, distribuição e produção, apontadas na pesquisa de campo, é necessário verificar os níveis e os tipos de inovação que ocorrem. A competição é influenciada, principalmente, pelo mercado consumidor que pressiona as organizações a melhorar os produtos e serviços e, atualmente surge o tema da responsabilidade ambiental. Acrescenta-se nessa exposição, a concorrência no setor têxtil por procedimentos mais modernos decorrentes da globalização dos mercados ou por novos materiais apresentados nas tendências de moda da Europa, na maioria dos casos.

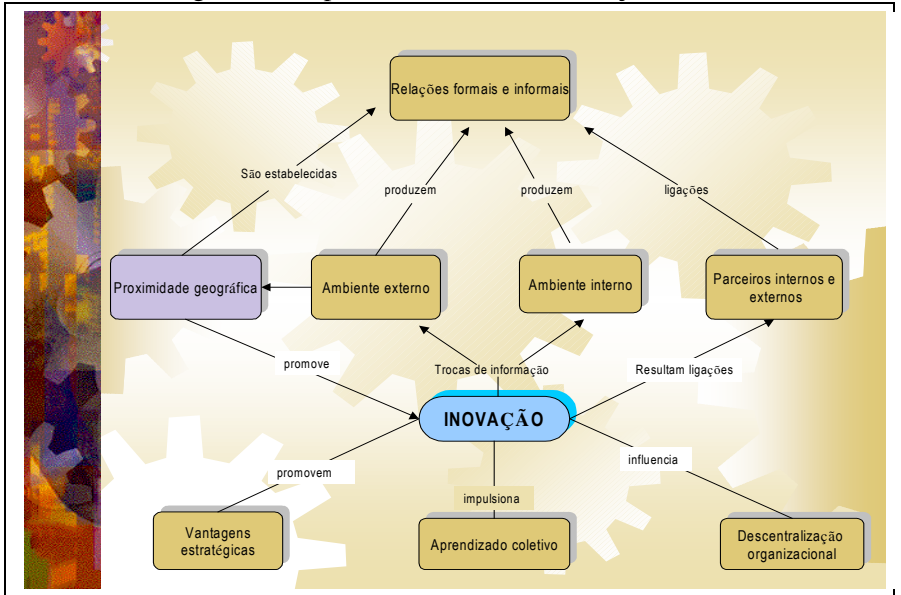
A imitação de produtos ou serviços com poucos elementos de diferenciação são considerados, como inovações. Este fato ocorre na maioria das vezes no estágio de maturidade do ciclo de vida dos produtos. Neste momento, os concorrentes passam a reproduzir os produtos que já atingiram um mercado estável e empregam nesse processo de desenvolvimento novos elementos ou diferenciações, conforme Cobra (2007). Julien (2010) considera a imitação ou a reprodução como um tipo de inovação e salienta que a imitação obriga a reengenharia reversa, ou seja, o conhecimento pleno de um produto e todas as etapas para sua reprodução levando a própria revisão da estrutura organizacional.

Na indústria do vestuário, este cenário é muito frequente e, além da imitação, surgem as cópias ou a pirataria de produtos de moda como roupas, calçados e acessórios, portanto, a utilização de marcas sem a licença do representante. No caso das pequenas empresas, as inovações acabam por influenciar toda a cadeia de valor, num processo de inovação difusa que pode ser rápido ou lento. (JULIEN, 2010)

A inovação é uma recombinação de elementos competitivos (figura 7), de aprendizado coletivo e a formação de redes de integração são favorecidos pela proximidade geográfica. A formação de alianças estratégicas entre empresas de pequeno porte multiplicam as informações além de promoverem a mudança no sentido da inovação, da

competitividade e trazer vantagens comparativas com o auxílio de parceiros externos.

Figura 7 - Mapa Conceitual sobre inovação



Fonte: Elaborado a partir da revisão teórica

A atenção dedicada aos sistemas de inovação que remete às estratégias do desenvolvimento local, nos países emergentes, é uma questão que merece ser discutida com mais profundidade. É importante conhecer como o processo de globalização afeta esses países e compreender conceitualmente as diferentes abordagens pesquisadas nos desenvolvidos que possuem uma estrutura de apoio mais fundamentada. Ressaltam sobre este tema, Johnson e Lundvall (2005) que nos países em desenvolvimento há uma deficiência referente aos aspectos relacionados com o poder.

Os pontos positivos da cooperação entre firmas como o fomento da inovação que permeia o processo de aprendizado, soam como um jogo de soma. A disputa pelo poder, entretanto, trás conflitos prejudicando a cooperação e o aprendizado interativo. Essa característica é comum nos países menos desenvolvidos, onde o jogo de poder político bloqueia as competências existentes. Confirmam o exposto, os autores Johnson e Lundvall (2005), que as relações de poder

nos países da América do Sul relacionam-se à ausência de políticas compensatórias e, além disso, a sensibilidade da estabilidade econômica provoca conflitos excessivos.

O jogo de poder é visto nas cadeias de valor, nas quais as empresas líderes exercem controle sobre as empresas subcontratadas em termos de não oportunizar melhorias em *design* e *marketing*. Qualquer tentativa, nesse sentido será frustrada, pois as relações desiguais de poder deslocam as atividades para novas cadeias. (SHIMITZ, 2005)

Este processo está pouco presente nas firmas de confecção de Araranguá, visto que a insegurança nas políticas econômicas promove um ambiente mais hostil à cooperação. Além do mais, a falta de propriedade intelectual resulta em ideias facilmente copiadas por concorrentes potenciais, caracterizando um ambiente no qual os processos de inovação e o aprendizado coletivo ocorrem de maneira menos eficiente e mais tácito.

Na medida que a globalização acelera os processos de mudança tecnológica e, por conseguinte, acelera a inovação, a produção de mercadorias assume proporções de tempo cada vez menores impulsionadas pelo aumento do consumo. Assim, a velocidade das informações implica em aplicá-las em forma de redes de cooperação para acompanhar o ritmo das mudanças e a diminuição do ciclo de vida dos produtos. (LEMOS, 2002)

A disseminação dos processos de inovação e aprendizado são pontos positivos no desenvolvimento das firmas, de regiões e até mesmo de países, mas nos menos desenvolvidos devem ser analisados sob uma lente mais potente. Por este motivo, há a necessidade de adaptação, principalmente pela competição acirrada e menos cooperativa. O aprendizado baseado na experiência precisa ser codificado e transformado em informação e em conhecimento.

As estratégias empresariais voltadas ao desenvolvimento econômico das organizações fomentam a sustentabilidade ambiental, “por meio de novas combinações de recursos, sob a forma de inovações”, segundo Fialho et al (2008). Deste modo, a inovação assume um papel importante no apoio à sustentabilidade como meio de introduzir novas tecnologias para o desenvolvimento de produtos que substituam o capital natural. Ainda assim, o tema do desenvolvimento sustentável pressupõe conceitos complexos e interligados. O crescimento econômico afeta não somente a base ambiental, mas o capital social e a eficiência do capital intelectual. Dessa forma, o capital produtivo e intelectual não devem ser privilegiados em prol do capital social, sob o risco de não ser sustentável. Nessa perspectiva, surge a

demanda da existência de uma interdependência entre os diferentes capitais, através de uma abordagem sistêmica e interdisciplinar. (JOHNSON E LUNDEVALL, 2005)

### **2.3.2 A contribuição da proximidade territorial para o aprendizado coletivo**

A proximidade física estimula e gera o aprendizado entre as firmas, ocorrendo o efeito chamado *spillovers* do conhecimento, justificando a formação de *clusters*, ressalta Tatsch (2007). Esse efeito de transbordamento de conhecimento é observado por meio das rotinas e práticas vivenciadas por um mesmo setor no espaço localizado, construindo uma base de conhecimento e processos comuns àquela região. A equação proximidade física e setores similares resultam em produtos e serviços padronizados ou *commodities*. A inovação é o fator crítico de sucesso quando se apresenta como uma terceira variável desta equação.

Sobre sistemas de aprendizado, os autores Johnson e Lundvall (2005, p. 86) aduzem que a economia do aprendizado de forma simplificada é uma “economia na qual a capacidade de aprender é crucial para o sucesso econômico de indivíduos, firmas, regiões e economias nacionais”. Promover um ambiente favorável ao empreendedorismo e à inovação é responsabilidade dos órgãos públicos, por meio da criação de políticas que permitam às empresas o enfrentamento dos riscos do setor. Um programa de incentivo ao fortalecimento e desenvolvimento de pequenos empreendimentos requer a orientação para a formação de processos de difusão do conhecimento e práticas inovativas. Por conseguinte, é fundamental que as empresas procurem estabelecer relacionamentos que promovam o aprendizado de maneira cooperada. Este planejamento visa ao desenvolvimento de soluções que fortaleçam a gestão dos arranjos nos processos produtivos e de comercialização, diminuindo a verticalização da produção e associando grandes empresas a menores.

A competição no âmbito global pressiona as empresas por mudanças contínuas nos produtos e serviços, tendo em vista a crescente exigência dos consumidores e o processo de interação com outros mercados. A tendência de um engajamento entre empresas e outros setores da economia na busca por esforços contínuos de sobrevivência ao mercado, demanda desenvolver novas formas de aprendizado. Este conceito caracteriza-se por aprender fazendo (*learning by doing*), aprender ao usar (*learning by using*) e aprender por meio da interação

(*learning by interacting*) com instituições de apoio, centros de pesquisas e organizações financeiras. (MYTELCA e FARINELLI, 2005)

O capital social é um dos principais elementos mantenedores e disseminadores do aprendizado no campo da oferta de oportunidades e meio de produção com maior vantagem competitiva. A aceleração da globalização trouxe insustentabilidade social, principalmente em relação aos profissionais menos qualificados. Além da distribuição disforme do capital econômico, o conhecimento também não foi alcançado pelos trabalhadores de baixa capacitação. Segundo Johnson e Lundvall (2005), a pressão exercida pela globalização enfraquece o capital social deteriorando as relações tradicionais entre pessoas, famílias e localidades. Por sua vez, prejudica a difusão de conhecimento que necessita de uma relação de confiança para prosperar. A confiança envolve questões de interação com forte conteúdo de aprendizagem e não deve ser reduzida a uma relação de cooperação formal. (VILPOUX, OLIVEIRA, 2010)

O nível de confiabilidade é desenvolvido em um meio comum, com estrutura institucional desenvolvida e construção de uma identidade local e socioambiental facilitadora da confiança. Deste modo, o capital social conecta-se em redes, sejam elas formais ou informais, privilegiando os relacionamentos construídos. A perspectiva de futuro alicerçada na confiança garante a existência do tecido industrial numa visão desenvolvimentista. (BERNETT et al, 2010)

Julien (2010) considera o elemento humano a base do tecido industrial vivo e aquele responsável pela troca de ideias de todo o tipo. O aprendizado necessita de um meio, território local, para evoluir na gestão organizacional. Uma cultura empreendedora que incentive a flexibilidade operacional e a capacitação profissional, são os elementos de inovação contínua. Neste sentido, a participação das pessoas nos processos de gestão de território é viabilizado por meio de relações confiáveis no desenvolvimento do capital social. Estas relações, acordos e parcerias são efetivadas entre setores privados, públicos e instituições. A confiança é um atributo pessoal e tende a ser modificada a qualquer tempo. Em organizações, os relacionamentos de confiabilidade partem de interesses comuns, inserção em novos mercados, participação em eventos, redução de custos de treinamento entre outros. O ponto alto da existência de confiança é que por meio dela projetos são viabilizados economicamente em comparação com localidades onde não há essa base. Relacionamentos baseados em justiça, honestidade, equidade e observância da lei proporcionam externalidades positivas em uma

localidade e, também seu desenvolvimento. Assim, setores privados possuem maior poder de barganha frente ao setor público.

Os conceitos acima relacionados ao aprendizado coletivo não excluem a importância de um micro elemento existente nos processos organizacionais: a capacitação dos trabalhadores. O desenvolvimento de recursos humanos inclui “o sistema formal de treinamento e educação, as dinâmicas do mercado de trabalho e a organização do processo de desenvolvimento do conhecimento e do aprendizado nas empresas e nas redes”, conforme Johnson e Lundvall (2005). Embora o conhecimento possa ser disseminado entre as inter-relações existentes, a aplicação do conhecimento individual pelas firmas é de fato crucial.

O aprendizado nas pequenas empresas ocorre de maneira interativa e mais ou menos organizado. Devido à aproximação das pessoas, o conhecimento flui lateralmente à medida que é disseminado ao longo da organização. No fluxograma da produção, a disseminação de conhecimento inicia na obtenção de matéria-prima, influenciando, deste modo, as demais atividades no interior da empresa como a distribuição e o produto. Neste processo, as pequenas empresas inovam mais que as grandes empresas, em média 60% (sessenta por cento) dos casos nos processos e produtos. (JULIEN, 2010, p. 245)

Segundo Tatsh (2007, p.74.) “o que a literatura neoschumpeteriana apregoa, a partir de uma larga pesquisa empírica, é que o processo de aprendizado é cumulativo, coletivo e incerto”. Neste mesmo ponto de vista, Lemos (2003, p. 100) argumenta que o aprendizado é descontínuo e se apresenta de forma irregular com certo grau de incerteza, visto que a solução de problemas não é previsível no planejamento e assume certos riscos.

O aprendizado parte de experiências nos processos de criação, desenvolvimento, produção e distribuição, bem como por fatores exógenos como os fornecedores de matéria-prima e de sistemas de tecnologia e informação. Nesse contexto, o conhecimento e aprendizado são capazes de partir de institutos de pesquisa e ensino, clientes e outros, para a criação de novos produtos ou novos mercados. A seleção das fontes externas é intensificada a partir de políticas públicas e de instituições de financiamento favorável ao desenvolvimento local, por meio de estratégias e planos de ação para a gestão interativa e inovativa e um determinado setor.

### **3. ARRANJO PRODUTIVO LOCAL COMO POTENCIALIZADOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL DAS INDÚSTRIAS DE CONFEÇÃO DE ARARANGUÁ-SC**

A gestão dos APLs é incentivada por políticas industriais tanto do Estado de Santa Catarina como do país. A maior instituição de apoio nacional, o SEBRAE, promove estudos contínuos acerca do assunto, particularmente em dois documentos intitulados: Metodologia de Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais (2004) e Termo de Referência para Atuação do Sistema SEBRAE em Arranjos Produtivos Locais (2003). Outra contribuição importante é da Rede de Pesquisa em Sistema Produtivos e Inovativos Locais (REDESIST), sediada no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os documentos citados foram consultados para discorrer sobre o assunto.

O entendimento dos pressupostos, citados acima, é parâmetro de classificação para identificar a estrutura vigente e estabelecer estratégias direcionadas ao tipo de arranjo observado. No caso de Araranguá, o arranjo informal é o que mais se aproxima da realidade das indústrias de confecção. Possui como características fraca integração entre os agentes da cadeia de valor, estrutura de apoio deficiente e ausência de políticas públicas de incentivo à atividade industrial. O principal apoio institucional, o SEBRAE/SC, está sediado em Criciúma por falta de demanda na cidade em estudo. Na pesquisa de campo, foram levantadas questões relacionadas à capacitação profissional dos trabalhadores e da gerência, constatando-se que estas não são consideradas prioridade para as indústrias da região. Neste contexto, a sustentabilidade social ocorre mediante mecanismos coercitivos da obrigatoriedade e do cumprimento às leis trabalhistas.

#### **3.1 PRESSUPOSTOS DE FORMAÇÃO DE APLS NO CONTEXTO DAS INDÚSTRIAS DE ARARANGUÁ**

O estudo dos setores da indústria concentrados na região de Araranguá-SC visa à exploração das potencialidades produtivas locais, ao aprofundamento dos conhecimentos técnicos e científicos para a geração de aprendizado coletivo de forma a contribuir para o desenvolvimento econômico, inclusive, das atividades informais. O desenvolvimento local apoiado no APL tem como característica a inclusão social, pois fortalece as empresas ainda informais, portanto, excluídas da vida econômica legalizada. (SEBRAE, 2004)

Um dos pressupostos para a formação de um APL é a verificação dos atores econômicos, os quais são concebidos como líderes que atuam e influenciam o potencial de estratégias de desenvolvimento e promoção local. Dentre estas estão:

1. Um sistema de organizações públicas, como escolas e faculdades, associações profissionais e instalações da administração pública, com regras e códigos de funcionamento;
2. Um conjunto de instalações do todo o tipo, permitindo o descanso, o sustento mas também encontros e produções variadas e complementares, incluindo-se as socioculturais, favorecendo a descontração e finalmente a criatividade;
3. Uma boa reputação de parte desse conjunto, a qual pode cumprir a função de simbolização necessária ao desenvolvimento da cultura empreendedora e ao compartilhamento da informação;
4. Uma variedade de organizações tipicamente urbanas que ofereçam serviços variados às empresas, como câmaras de comércio, agências de *design* e publicidade, laboratórios de pesquisa, financeiras, dentre outras. Esses serviços podem ter laços com outras cidades e com a capital para suprir necessidades esporádicas ou mais especializadas. (MAILLAT, 1996 apud JULIEN, 2010, p. 162)

Os aspectos característicos abordados acima, representam uma base conceitual para a formação de APLs, embora deva-se considerar as particularidades de cada local em sua trajetória histórica e cultural. Esses temas aparecem na forma de traços comuns e referem-se à articulação político-institucional, ao capital social, a estratégias coletivas de organização da produção e a estratégias coletivas de mercado. (TEIXEIRA et al, 2006).

Mytelka e Farinelli (2005), apontam a importância de um conjunto compartilhado de valores, hábitos e práticas de natureza tácita. Assim, são coordenados objetivos estratégicos de fortalecimento das economias locais por meio de associações entre escola técnica, universidade, observatório sócio-econômico, centro de apoio de serviços e informações e estruturas de apoio cultural.

No município de Araranguá-SC, o sistema educacional que contribui com o conhecimento científico e técnico é formado por duas instituições públicas: a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



e o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) as quais oferecem cursos de graduação e técnicos em nível médio. A Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) é uma instituição particular que oferece somente cursos de graduação. Além das instituições citadas, há franquias de cursos de capacitação profissional como Microlins e Micromix. É importante citar que a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), oferece cursos de graduação, técnicos e de capacitação relacionados ao setor têxtil. Os centros de pesquisas das universidades e do IF-SC não se encontram consolidados no que tange ao desenvolvimento tecnológico.

Arelado ao tecido empresarial, o município possui atores institucionais que conferem apoio às atividades das empresas. A Associação Comercial e Industrial do Vale de Araranguá (ACIVA) e a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) despontam entre as instituições de apoio e coordenação da classe empresarial, porém, voltados não exclusivamente à atividade de confecção. O cenário institucional não se apresenta especializado nos segmentos têxteis, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Confecção está sediado em Criciúma, assim como o SEBRAE.

Esses agentes, entretanto, são capazes de estabelecer importante contribuição ao desenvolvimento local por meio de soluções práticas referentes a padrões de qualidade e de rotinas com a intenção de resolver problemas comuns e à redução dos riscos e incertezas. A articulação política municipal encontra-se em fase inicial, pois um acordo de parceria com o SEBRAE-SC ainda não foi implantado no município o que incrementaria um arranjo produtivo de confecção como foi revelado na pesquisa de campo.

O papel dos agentes públicos na elaboração de políticas industriais e no desenvolvimento de um APL é a determinação formal garantida por meio de mecanismos ativos de oportunidades de crescimento da contribuição aos envolvidos no processo conforme Casarotto e Pires, (2002). Tais mecanismos dizem respeito à mobilização e consenso dos sujeitos, à mobilização de recursos financeiros, à definição e formação de parcerias com órgãos de apoio como SEBRAE e com instituições financeiras e bancos.

A distribuição equânime das atividades econômicas, porém, de emprego e de condições de sustentabilidade constituem-se em desafios na proposição de políticas para a área em estudo. A diversidade das atividades desenvolvidas pelas indústrias de confecção deve permitir que a distribuição da riqueza incremental não seja restrita a uma parcela

da população, caso contrário, coloca-se em risco a sustentabilidade social. Casarotto e Pires (2002) destacam que para um sistema produtivo ser sustentável e favorecer o desenvolvimento local, requer um monitoramento constante sobre o território com medidas de ações de melhorias e ajustes visando à cultura local.

Uma política pública para o fomento de arranjos produtivos, nas externalidades positivas atuam no sentido de fortalecer a competitividade, aprofundar as formas de interação, mutuamente benéficas entre as firmas, e gerar um clima de aprendizado coletivo na apropriação de tecnologias novas e na disseminação de conhecimento. (SEBRAE, 2004)

O reconhecimento dos APLs vem sendo estudado na literatura da economia regional, abordando temas como inovação, aprendizado e cooperação. Os estudos buscam responder de maneira eficaz às incertezas do setor produtivo, proporcionando interação entre os agentes econômicos e fomentando o aprendizado coletivo para desenvolver externalidades positivas e resolver problemas de ineficiência do setor.

A influência do ambiente tecnológico nos processos de inovação das firmas é considerado como:

[...] as condições de oportunidade refletem a facilidade de inovação para alguma dada quantidade de recursos investidos em pesquisa e definem a posição na qual se encontra a firma em relação à fronteira tecnológica. As condições de apropriabilidade, ressalta-se que elas sumarizam a possibilidade de proteção da inovação contra a imitação. O grau de cumulatividade, por sua vez, demonstra que todas as inovações e atividades inovativas vêm de bases de blocos construídos de inovações anteriores. (CAMPOS e PAULA, 2008, p.161)

Conforme os autores, a atualização tecnológica encontra-se na fronteira da inovação, seja ela em processos produtivos ou organizacionais.

O desenvolvimento dos aglomerados industriais colabora com a disseminação da aprendizagem, produzindo um efeito de transbordamento ou *spillover*. Um estudo realizado em 1995 por Rodrigues et al (2009, p. 1-20), apresenta a mesorregião Sul Catarinense com uma relação produtiva de similaridade espacial entre os municípios de Criciúma, Tubarão, Morro da Fumaça, Gravatal e Içara.

De acordo com o autor, a

[...] análise Espacial de Concentração (AEC) mostrou que a Região Sul contempla o maior número de municípios com concentração e relações espaciais positivas, isto é, municípios que propagam transbordamento aos seus vizinhos. Logo, comprova sua importância setorial no âmbito nacional. (RODRIGUES et al, 2009, p.1-20)

Como efeito de transbordamento, os municípios Araranguá, Nova Veneza e Laguna, considerados pelo autor como potenciais formadores de aglomerações produtivas, se formarem uma rede de relações com o primeiro grupo apontado, tenderão ao sucesso competitivo e ao crescimento sustentado das aglomerações.

A cadeia de confecção é um dos maiores segmentos produtivos da economia do país. No ano de 2007, este setor, respondia por 17,3% dos empregos gerados na indústria de transformação, entretanto, apresenta fraca interação e dificuldade de coordenação com fornecedores. É fundamentalmente importante, nesse contexto, seria desenvolver uma base de cooperação e incentivar a criação de um ambiente favorável à inovação, no qual participem empresas, governo, universidades, centros de pesquisa, instituições de financiamento. (BNDES, 2009)

A pesquisa *in locu* apontou que no município em estudo e, segundo os estudos apresentados pelos autores citados, a mão de obra tende a ser de baixa qualificação e as firmas não costumam investir em treinamento e capacitação, de forma que não sustentam uma evolução das habilidades dos colaboradores. Se, de um lado, as baixas barreiras de entrada para a atividade da confecção apresentaram potencial alto de emprego. De outro, as capacidades gerenciais, de aprendizado, de investimentos em tecnologia, de melhoramento da qualidade, de diversificação de produtos, de direcionamento de parte da produção para exportações e melhorias organizacionais não refletem, necessariamente, mudanças positivas.

O crescimento não planejado das empresas encobre a necessidade de qualificação do próprio corpo gerencial devido ao alto envolvimento com as atividades empresariais. Segundo um estudo de caso desenvolvido por Kauling (2011), foi verificado o forte envolvimento dos empresários em atividades operacionais. A pesquisadora destaca que é comum o acúmulo de até cinco funções estritamente operacionais pela

alta direção e os investimentos em P&D, *design* e *marketing* são praticamente ausentes.

As limitações para a formação de um APL em Araranguá encontram-se, em maior grau no campo das relações empresariais e governamentais que na estrutura da cadeia. A pesquisa de campo apontou que houve tentativas de estruturação de um núcleo de confecção em meados de 2007, registrado como Associação de Confeccionistas de Araranguá (ACAR), mas atualmente este está inoperante. Os órgãos públicos, apesar de assinarem um termo de convênio com o SEBRAE/SC, não desenvolveram atividades voltadas à formação de um arranjo no município. O único passo em direção ao fortalecimento de um APL em Araranguá foi um convênio assinado com a Caixa Econômica Federal em 2009 para redução de juros e concessão de empréstimos aos confeccionistas. Assim, verifica-se a existência de atores para a formação de um APL, embora estejam desarticulados.

Esquemáticamente, os elementos existentes e faltantes para a formação de APL em Araranguá são representados na tabela seguinte:

Tabela 2 - Pressupostos para a formação de APL em Araranguá

PRESSUPOSTOS PARA A FORMAÇÃO DE APL EM ARARANGUÁ	
Fatores e elementos	Araranguá
Infraestrutura educacional local e regional	Escolas técnicas de ensino médio Cursos superiores Outros cursos profissionalizantes
Infraestrutura institucional local e regional	Cooperativas Associações comerciais e empresariais Sindicatos de empresas e trabalhadores SEBRAE Associação Comercial e industrial Câmara de dirigentes lojistas
Institutos de pesquisa, testes, ensaios e certificações	Ausente
Infraestrutura financeira	Bancos privados Bancos públicos federais Cooperativas de crédito Outras instituições de crédito
Infraestrutura cultural	Centro cultural de eventos e cinema
Infraestrutura de hospedagem	Hotéis e pousadas
Infraestrutura comercial	Comércio varejista, atacadista, prestação de serviços especializados e consultorias, publicidade e <i>marketing</i>
Produtores de equipamentos	Ausente

Continua...

## Continuação

Infraestrutura de tecnologias de informação e comunicação	Comércio varejista de equipamentos de informática Desenvolvedores de programas computacionais para o comércio e indústria de confecção
Estrutura da cadeia produtiva Produto têxtil	Fiação, malharias e tecelagem
Estrutura de comercialização de tecidos, matérias-primas e aviamentos	Comércio local
Beneficiamento	Tinturaria, bordado e estamparia
Confecção	Linha lar, vestuário e técnicos
Fabricação de acessórios	Artigos do vestuário, artefatos de tecidos e armarinhos
Densidade de firmas	limitada

Fonte: Elaborado a partir da revisão teórica

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL E CONFECÇÃO

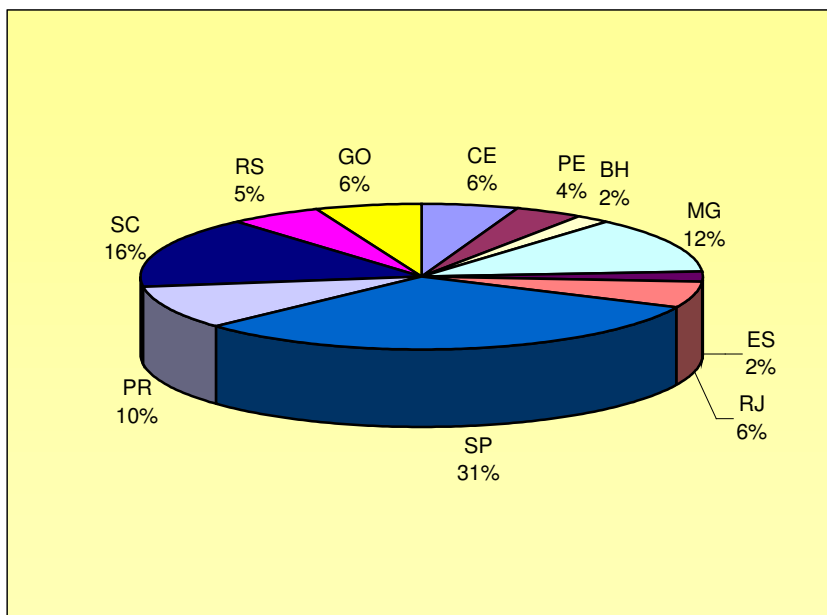
A indústria de transformação de Santa Catarina é tradicional no ramo têxtil e de confecção, constituindo-se como um dos principais segmentos econômicos. Este setor possui um alto índice de empregos, tanto formais quanto informais, favorecendo a geração de renda. No elo da confecção, os impactos ambientais não são significativos, as questões trabalhistas e tributárias são as principais fontes de impacto social e econômico, de acordo com a pesquisa de campo. As características de interdependência são fatores importantes de unidade de análise, constituindo-se como fontes competitivas e estratégicas, contribuintes para o desenvolvimento local. Na literatura existente, a questão da sustentabilidade relacionada aos arranjos produtivos é escassa, o que limitou a pesquisa neste campo. Encontram-se alguns estudos de caso publicados, porém, há muito que se estudar para se progredir neste assunto. Esta seção tratará das características da cadeia produtiva têxtil-confecção, dos aspectos da indústria de confecção de Araranguá e abordará alguns pontos referentes à sustentabilidade ambiental.

Na pesquisa, aqui apresentada, foram analisadas a verticalidade e a horizontalidade da cadeia têxtil e confecção. No entanto, as etapas iniciais da cadeia, fibras e fiação, não constatou-se a existência delas em Araranguá-SC e na micro região.

### 3.2.1 Caracterização produtiva do setor têxtil-confecção

O desenvolvimento do setor, no Estado de Santa Catarina, teve início com o processo de industrialização e remonta ao século XIX com a produção fabril da indústria Schlösser. O setor da confecção é o último elo da cadeia produtiva têxtil e é um dos setores que mais absorve mão de obra com baixa qualificação. Possui forte representação econômica em espaços pulverizados no estado, abrangendo as regiões de Florianópolis, Jaraguá do Sul, Blumenau, Brusque, Joinville e Criciúma, conforme Lins (2000). No Brasil o setor é representativo em número de empresas (figura 8), destacando os estados de São Paulo (26%), Santa Catarina (17%) e Minas Gerais (12%).

Figura 8 – Gráfico: Número de confecções de artigos do vestuário e acessórios no Brasil

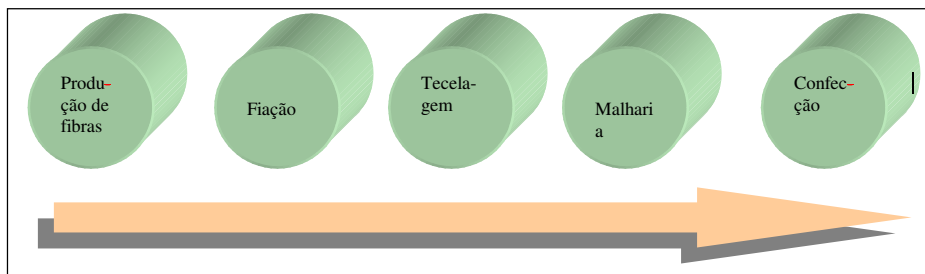


Divisão CNAE 1412 – superior a 1%  
Fonte: RAIS/MTE 2010

A cadeia têxtil e do vestuário é composta por etapas produtivas específicas apresentando uma interdependência e um fluxo linear,

estabelecendo elos de ligação e ao mesmo tempo independentes entre si (figura 9). Cada etapa produtiva pode alimentar a seguinte “independentemente de fatores como escala e tecnologia da produção” conforme De Masi (1997, p. 64), ou seja, os produtos de cada uma podem constituir-se em insumos para a seguinte. A qualidade dos produtos confeccionados relaciona-se à montante com a qualidade dos fios e das fibras e com a indústria química que, conseqüentemente, adicionam valor ao tecido fabricado.

Figura 9 - Diagrama do segmento têxtil



Fonte: elaborado a partir da revisão teórica

Goulart Filho e Jenoveva Neto (1997, p.56) discorrem que a indústria de confecção do vestuário é a principal produtora de bens finais do complexo têxtil. As atividades englobam a confecção de roupas elaboradas tanto com tecido natural quanto com artificial ou, ainda, com a mistura de ambos. Segundo Campos et al (2000, p. 11), “a indústria têxtil-vestuário tem por finalidade transformar matérias-primas, naturais e químicas, em fios e tecidos para que possam ser utilizados na fabricação de outros produtos”. O insumo básico da cadeia têxtil é a fibra ou o filamento, cujas características físicas diferem em função da utilidade ou destino final de consumo industrial ou individual. As fibras naturais são encontradas na lã, na seda, em pelos de animais - como carneiro, camelo e alpaca - e nas plantas - principalmente o algodão - em folhas e caules. A indústria tem investido em pesquisas de fibras artificiais tendo como aliada a tecnologia. A reciclagem das garrafas PET, com a mistura de fios de algodão, é utilizada para a obtenção de tecidos para a confecção. (GOULARTI Fº, JENOVEVA NETO, 1997, p. 59)

A obtenção das fibras para a transformação em tecidos inicia com a etapa da fiação, transformação da fibra em fios naturais ou sintéticos, seguida da produção de tecidos por teares industriais. Nesse

processo, a indústria têxtil relaciona-se com a extração de matérias primas naturais ou com a obtenção dos fios sintéticos por meio da indústria petroquímica.

O tingimento e/ou a estamparia, processos de diferenciação, compreendem etapas de beneficiamento do tecido por meio de diversos processos químicos. Para isto, a indústria química desenvolve corantes, resinas e outras substâncias como cloro para o alveijamento, proporcionando aos tecidos diferentes texturas e cores. A produção de bens de capital é responsável pelo fornecimento de tecnologia como máquinas e equipamentos para o setor têxtil e do vestuário, consistindo em vantagens competitivas a este ramo.

Atividades secundárias relativas ao vestuário como lavanderia, bordado, serigrafia, estamparia, postos de venda e serviços de manutenção de máquinas e equipamentos surgem no sul catarinense, aborda De Masi (1997, p. 67). Nas cidades de Criciúma e Araranguá há comércio especializado na revenda de tecidos e aviamentos, além da formação de um aglomerado de atividades relacionada à confecção e vestuário favorecendo a difusão de novas empresas.<sup>9</sup>

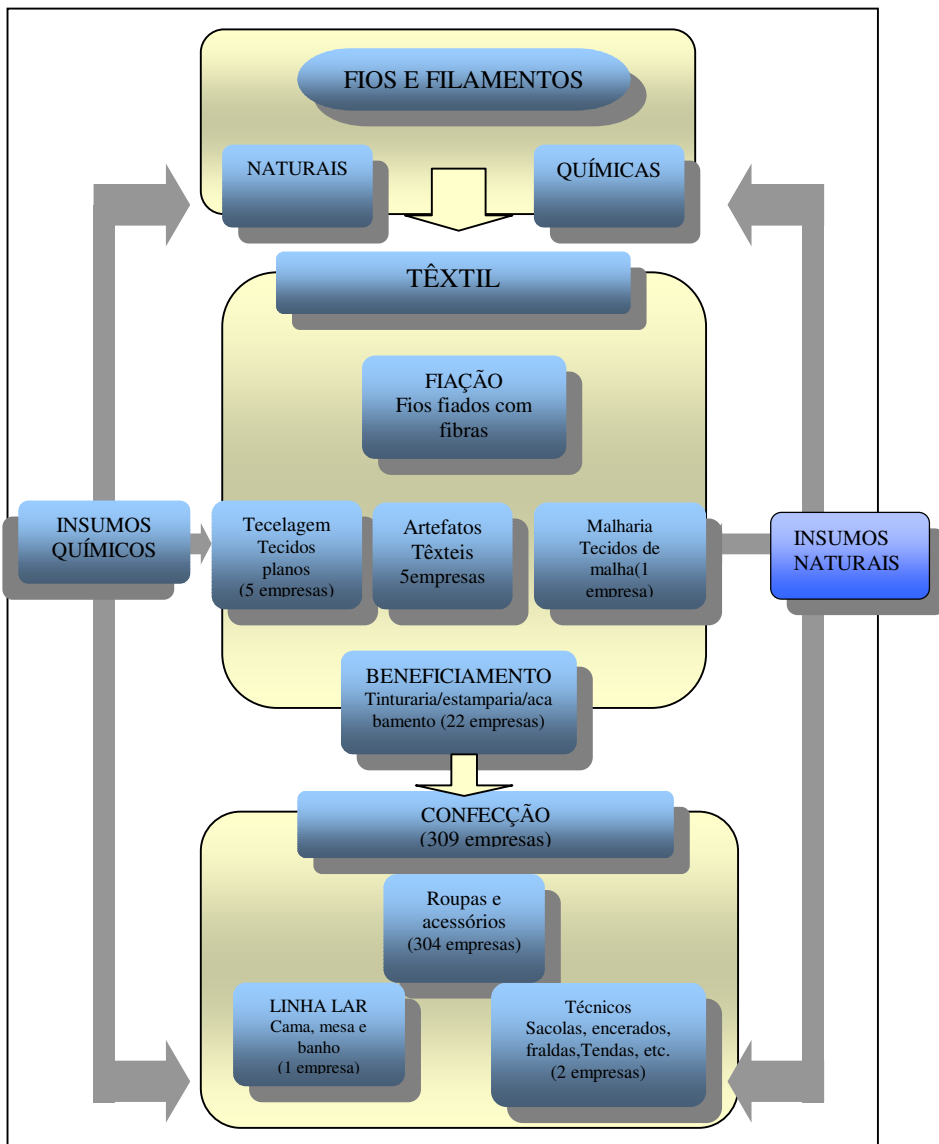
As malharias e tecelagens relacionam-se com a etapa final da cadeia: a confecção. Nesta etapa é realizada a produção de artigos do vestuário como roupa de cama, mesa e outros produtos manufaturados que atende ao consumidor final ou ao consumidor industrial. As etapas produtivas estão representadas na figura abaixo.

---

<sup>9</sup> *Ibid.* p. 68



Figura 10 - Fluxograma da cadeia têxtil e da confecção



Fonte: adaptado de Soratto e Oliveira (2010)

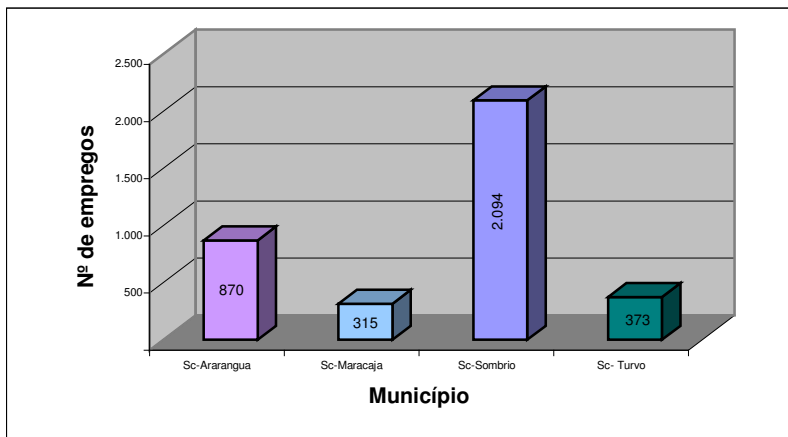
### **3.2.2 Contexto histórico e econômico do setor têxtil de Araranguá-SC**

Somente a partir da década de 1960 surgiram as primeiras indústrias em Araranguá: fábricas de móveis, as primeiras indústrias do vestuário, atividades no ramo turístico e empresas de máquinas e implementos agrícolas. Nos anos de 1980, com o fim das atividades de extração do carvão em Criciúma, houve grande desemprego masculino e um alto impacto ambiental na atividade carbonífera. O abandono da exploração das minas de carvão começa a dar lugar à expansão têxtil que surgiu como forma de empregar a mão de obra feminina das famílias dos mineiros desempregados. Num efeito de transbordamento, os municípios vizinhos deram início à mesma atividade, inicialmente com as facções e pequenas unidades fabris. Como medida de combater o agravamento do desemprego, o mercado de trabalho assume novas formas de contratação como contratos mais flexíveis com rotatividade nos meses de maior demanda de produção, emprego temporário ou subcontratação. Este último impulsionou o empreendedorismo local por meio do trabalho doméstico e artesanal. (PIMENTA, 2011)

O setor têxtil-vestuário, após a reestruturação das duas últimas décadas, manteve sua tradição na estrutura industrial de Santa Catarina. Está presente em áreas de especialização não contíguas à principal localizada em Blumenau. O município de Araranguá apresenta como características o adensamento de firmas e formação de novas áreas, pois a difusão ocorrida no setor têxtil para o interior do estado incentiva a formação de sistemas produtivos locais. (CARIO et al, 2008)

A expansão do setor têxtil na região sul aumentou a empregabilidade de forma relevante, segundo o número de pessoas contratadas nas atividades referentes à classe CNAE 1412 (figura 11). O município de Sombrio compreende 2094 pessoas, enquanto em Araranguá há 870 trabalhadores na atividade de confecção.

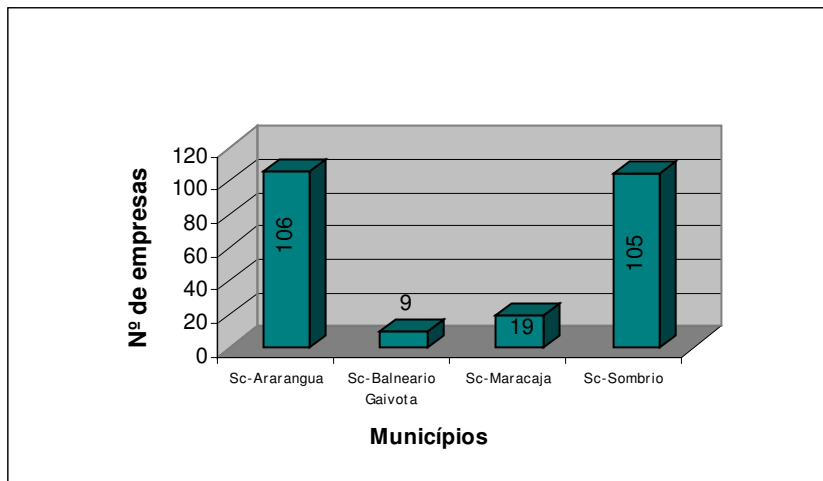
Figura 11 – Gráfico: Pessoal ocupado em empresas de confecção com mais de 100 empregados por município



Fonte: elaborado com dados da RAIS/MTE 2010

A participação da indústria é de extrema importância, representando a segunda maior atividade que mais contribui para o Produto Interno Bruto (PIB). Em estudo contratado pela Prefeitura Municipal de Araranguá, a potencialidade econômica do município apontada foi a atividade de confecção. Esta é responsável por uma interação produtiva com diversos setores como lavanderia, serigrafia, facções e fornecedores de insumos. (ARARANGUÁ, 2010)

Figura 12 – Gráfico: Número de empresas de confecção por município superior a 5 estabelecimentos da AMESC



Fonte: elaborado a partir da RAIS/MTE 2010

De acordo com os dados se observa que o setor do vestuário tem grande representatividade na economia na região da AMESC. Num total de 1174 empresas, há no município de Aranguá 106 no ramo de confecção, o que representa uma média de 8,3 funcionários. O segundo município de maior número de empresas é Sombrio com 105. Ao comparar o pessoal empregado dos dois municípios observa-se uma inversão, pois em Aranguá a média do pessoal está bem abaixo da apresentada por Sombrio que é de 19,94 conforme a figura 12. A diferença apresentada é bastante significativa caso o parâmetro de análise seja o porte das empresas, segundo o critério do Sebrae em Sombrio há uma predominância de pequenas empresas, enquanto em Aranguá de empresas de micro porte.

A indústria do vestuário e têxtil passou por uma reestruturação nos anos de 1990 no que tange aos padrões competitivos. O principal motivo para atuar no mercado exterior frente às novas exigências do mercado consumidor, foi a busca por produtos com alto padrão de qualidade. A competição brasileira via preços não se sustentou no atual modelo, devido à concorrência com os produtos asiáticos. Formas organizadas de redução de custos por meio de pagamento de baixos salários, o protecionismo do governo brasileiro e a degradação ambiental contribuíram com as dificuldades. A busca da

competitividade via diferenciação, contrapõe com os artigos chineses, conforme Bordieu (1975) *apud* Giusti (2008), pois para o autor a competição pelos mercados se intensifica na diferenciação em estratégias tanto estéticas quanto comerciais.

A atualização do parque industrial do setor, com equipamentos modernos, modificou o processo produtivo e as formas organizacionais por meio de contratações de mão de obra qualificada e investimento em pesquisas de tendências de moda para produzir roupas que atendam a demanda atual. Com a expansão das tecnologias no setor, Campos et al (2000, p. 15) consideram que “a indústria têxtil-vestuário tornou-se mais capital-intensiva trazendo a elevação da produtividade física das máquinas e equipamentos e conseqüente redução da quantidade de trabalhadores”. Essa atualização tecnológica foi decorrente da crise econômica gerada pela abertura indiscriminada do mercado. Para tornarem-se competitivas, as indústrias melhoraram a produtividade e a qualidade dos produtos em resposta rápida ao mercado. (FEGHALI e DWYER, 2006, p. 61)

### **3.2.3 Questões socioambientais no setor têxtil e em Araranguá-SC**

Dentre os elementos da sustentabilidade, o capital social é o que aparece mais enfraquecido. Provavelmente é reflexo das relações de poder que desestabilizam a confiança entre empregador e empregado, ou por atividades informais que são em grande número neste setor. As características da cultura local são fortalecidas por meio de relacionamentos confiáveis. Isto induz ao trabalho colaborativo e facilita as relações de cooperação. Aspectos relacionados ao descumprimento de normas legais, como direitos trabalhistas que prejudicam as questões sócio-culturais, divergem do conceito de sustentabilidade. (SAVITZ, 2007)

Conforme Johnson e Lundvall (2005) desenvolver relações confiáveis contribuem com o exercício de atividades profissionais criativas, representando incentivo aos trabalhadores. Nas atividades industriais, todas as funções de produção estão integradas com a sustentabilidade, como a fabricação com matéria-prima de procedência confiável, a reutilização de resíduos e a fabricação ecoeficiente.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> *Ib.* 2007

A questão da informalidade empresarial, fora da esfera tributária e trabalhista, muitas vezes, é tratada como elemento de competitividade por meio da redução de custos. A formalização das empresas é considerada inviável por sua pesada carga de tributação. Predomina o senso comum de que os impostos inviabilizam as atividades empresariais. Essa compreensão do ambiente político-legal é mais comum em países em desenvolvimento. No entanto, nos industrializados as empresas são mais competitivas mesmo sendo formalizadas. Neste sentido, os arranjos produtivos têm um papel importante no desenvolvimento e na sustentabilidade local desde que não tragam externalidades negativas. Oliveira (2009) argumenta que o cumprimento das leis leva ao desenvolvimento da comunidade a longo prazo. A questão a ser analisada é como criar sistemas de governança para que haja desenvolvimento e fortalecimento dos aglomerados e um transbordamento de benefícios à comunidade local.

No espaço de análise do objeto deste estudo, esse mesmo viés é aplicável para explicar a grande informalidade existente. Muitas empresas são informais para poderem prestar serviços com menor preço aos consumidores e, muitas vezes, aos grandes magazines. Como está efetivada a responsabilidade social da cadeia produtiva? Que mecanismos são utilizados para a melhoria nos padrões laborais? Esses questionamentos poderiam ser resolvidos com um arranjo produtivo organizado e com o apoio dos órgãos governamentais com o objetivo de promover a economia local.

O conhecimento que sustenta o desenvolvimento deste setor é disseminado com a atualização tecnológica e o melhoramento dos produtos e processos nas etapas produtivas, gerando inovações de forma incremental. Assim, os investimentos em tecnologia melhoraram o processo produtivo em termos de eficiência e qualidade com “o aprimoramento das matérias-primas, das máquinas e equipamentos e introdução de mecanismos microeletrônicos no processo produtivo”. (FEGHALI e DWYER, 2006, p. 63)

Nesse contexto, não basta a competição isolada por parte das empresas. A busca de vantagens competitivas e comparativas, comuns a um mesmo setor, devem partir do princípio da cooperação e do fortalecimento de redes na disseminação do conhecimento e na conservação ambiental. A competitividade na sociedade globalizada baseia-se em elementos de diferenciação. Neste cenário, encontram-se como objetivos estratégicos a inovação, o *design*, o tratamento local seguindo tendências globais na concepção de produtos e a

sustentabilidade. Este último, concentra-se na preocupação com a ética, com a natureza e com a coletividade. (PIRES, 2008, p. 273)

Savitz (2007) reflete sobre dois conceitos estratégicos de sustentabilidade nas empresas: a minimização e a otimização. A minimização é a diminuição dos impactos gerados pelas empresas ao longo da cadeia produtiva em termos de impactos ambientais, sociais e econômicos. No setor do vestuário, cita-se a eliminação de embalagens supérfluas, a redução do desperdício de tecidos na etapa do corte, a elevação da segurança contra acidentes de trabalho e a assistência médica. Enquanto a minimização busca diminuir os impactos ambientais, sociais e econômicos, a otimização prima por qualidade nos três vértices da sustentabilidade. Assim, o setor potencializa seu compromisso com o meio ambiente por meio de embalagens recicláveis, a eliminação de acidentes de trabalho e a elevação da motivação dos colaboradores.<sup>11</sup>

As questões referentes à sustentabilidade devem ser propostas pela alta direção. A partir da análise estratégica da empresa, expressa em sua visão e missão, o planejamento deve ser eficiente para traduzir pontos fracos e ameaças em oportunidades de negócio. A responsabilidade empresarial é fortalecida por meio das relações com fornecedores locais e com a comunidade. Estes aspectos geralmente são vistos como custos ou despesas incorrentes para a empresa. Assim, a responsabilidade ambiental é transferida para os órgãos públicos. Todavia, as empresas podem obter lucro com responsabilidade socioambiental por meio do treinamento do quadro de pessoal, da redução de embalagens e do reuso de resíduos têxteis, por exemplo. Estas são maneiras simples, mas que significam muito por orientar as atividades industriais para a sustentabilidade. Estimular a participação dos colaboradores para as questões ambientais e sociais produzem resultados econômicos e, ao mesmo tempo, elevam a autonomia e a motivação dos funcionários.

No ambiente em que se desenvolve o setor vestuarista e sua interrelação com os vários setores que o compõem, os temas da degradação ambiental são previstos, tanto nas etapas da extração dos insumos naturais quanto nos processos produtivos da indústria petroquímica. É a etapa do beneficiamento que, potencialmente, envolve controles quanto aos efluentes. Quanto aos processos produtivos, De Masi (2008) argumenta que a conservação ambiental aparece no

---

<sup>11</sup> *Ib.*, 2007

consumo da moda pela preocupação dos consumidores em adquirir produtos que não agridam a natureza. A realidade do mercado do vestuário deve ser a mudança da consciência do consumidor orientada à preocupação com as questões ecológicas e com o ser humano no planeta, surgindo daí, uma interação entre inovação, *design*, empreendedorismo e sustentabilidade. (NOVIK; BLANCH, 2008, p. 249)

Estas interações ocorrem num ambiente comum entre produtores, consumidores, sociedade e natureza. Neste contexto, em Araranguá aponta-se potencialidades e deficiências quanto às condições ambientais, econômicas e sócio-culturais (tabela 3).

Tabela 3 - – Potencialidades e deficiências no município de Araranguá relativos à sustentabilidade ambiental

ASPECTOS	POTENCIALIDADES	DEFICIÊNCIAS DA POTENCIALIDADE REFERIDA
Ambientais	Projeto de coleta seletiva de lixo; Relevo propício à agricultura; Projeto contra as cheias com a fixação dos molhes do Rio Araranguá; Açude Belinzoni, manancial de abastecimento de água. Potencialidade paisagística desta área;	Insuficiência de lixeiras públicas e falta de abrangência dos postos de coleta seletiva do lixo; Eliminação de grande parte da mata ciliar; Áreas de preservação permanente do Rio Araranguá à montante da cidade e na cidade necessitam de um plano de recuperação, para evitar as enchentes frequentes; Manancial com capacidade limitada;

Fonte: Adaptado de Araranguá (2012)

Por meio deste quadro observa-se que o que causa maior impacto ambiental na cidade é a poluição do Rio Araranguá-SC e o desmatamento das matas ciliares. Estes fatores, combinados com o grande volume pluviométrico da região, contribuem com as enchentes e alagamentos.



Tabela 4 - Potencialidades e deficiências no município de Araranguá relativos à sustentabilidade econômica e sócio-cultural

Econômicos	<p>Crescimento da indústria do vestuário;</p> <p>Grande diversidade de atores sociais, econômicos, institucionais;</p> <p>Existência de produtos artesanais de cultura local;</p> <p>Crescimento expressivo do comércio varejista;</p>	<p>Inexistência de órgão que trate da área de desenvolvimento econômico do município;</p> <p>Não há reuniões regulares com os principais atores sociais que compõem a sociedade;</p> <p>Carência de valorização do patrimônio histórico-cultural;</p> <p>Atividade de prestação de serviços concentra a maior parcela de atividade informal;</p>
Sócio-culturais	<p>Destaque do conjunto arquitetônico formado pela Praça Hercílio Luz e seu entorno;</p> <p>Grande extensão de área pública cedida ao Governo Federal para a implantação do IF-SC e da UFSC;</p> <p>Festas tradicionais religiosas e cultura luso-açoriana;</p> <p>Centro Cultural Célia Belizária para relaização de eventos como teatros;</p> <p>Corrida de cavalos e de charretes no interior da cidade.</p>	<p>Descaracterização das fachadas das edificações históricas;</p> <p>Carência de áreas públicas de lazer e de prática de esportes;</p> <p>Necessidade de conscientização e valorização da cultura local.</p>

Fonte: Adaptado de Araranguá (2012)

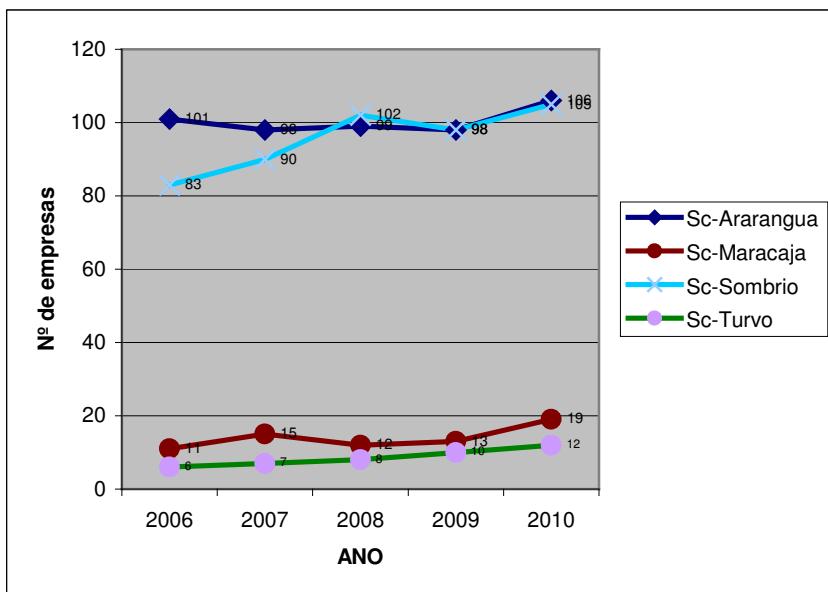
Nota-se, também, que a cidade possui um forte potencial turístico e cultural, mas é ainda pouco explorado e carece de estudos de demanda nesta área, conforme a tabela 4. O quadro econômico reforça a hipótese da informalidade na estrutura de emprego e a relevância do setor confeccionista como forte empregador de mão de obra e geração de renda. As questões ambientais e culturais apresentam elementos importantes de sustentabilidade, pois se apresentam de forma interligada e interdependente. Entretanto, apesar da relevância e da complexidade do tema, estas questões não pertencem ao objeto deste estudo.

### **3.3.4 Análise de concentração espacial por meio do Quociente Locacional (QL)**

A identificação de um APL deve considerar uma densidade mínima de firmas relacionadas. No sentido de definir potenciais arranjos produtivos, utilizam-se dados secundários da RAIS/MTE por meio do quantitativo dos trabalhadores em determinadas ocupações em um período definido. Como uma fonte de pesquisa confiável, a RAIS apresenta somente os dados de empregos formais, não considerando o grande contingente de pessoas ocupadas sem vínculo trabalhista. Particularmente, no caso do setor de confecções de Araranguá, este resultado tende a ser subestimado e comprometer o resultado da identificação de APL devido à expressiva atuação de empresas informais, principalmente, as fábricas. A própria conjuntura da atividade vestuarista, comum em todo o Estado, neutraliza, de certa forma, a distorção dos dados decorrentes das atividades informais.

Segundo dados da RAIS/MTE, nos anos de 2006 a 2010 o crescimento do setor de confecção em Araranguá foi sensível quanto ao número de indústrias não apresentando significativa variação. Já o município de Sombrio apresentou uma expansão maior em relação a Araranguá, cerca de 16,7% e 8,2% respectivamente. O crescimento não foi gradativo, entretanto, houve alguns sobressaltos com a crise cambial no período, apresentando aumento em determinado ano e decréscimo consideravelmente irregular em outros (Figura 13).

Figura 13 – Gráfico: Evolução das empresas de confecção na AMESC



Fonte: Elaborado a partir da RAIS/2010

A partir da revisão teórica apresentada, foram utilizados os dados da RAIS/MTE para o ano de 2010 e uma ferramenta tradicional dos estudos de *cluster* para a atividade selecionada: o Quociente Locacional (QL).

Para discutir sobre a especialização setorial de confecção em Araranguá, foi avaliada a integração vertical e horizontal. Na análise da verticalidade da cadeia foi pesquisada a existência de firmas em setores industriais e de serviços que podem ser reconhecidas como fornecedoras, tomando-se como referência a divisão CNAE do IBGE na região da AMESC. Na avaliação da horizontalidade do *cluster*, foi realizada uma análise comparativa de indústrias similares, ou seja, na mesma divisão segundo o CNAE 1412, que possivelmente apropriam-se das mesmas externalidades geradas no ambiente.

A análise comparativa do QL permite considerar a especialização em termos de emprego no município de Araranguá comparando com o mesmo setor do estado de Santa Catarina. Adotando-se como base o total de empregados registrados (EMP) em cada município informado pela RAIS, o cálculo do QL foi feito segundo a fórmula abaixo:

$$QL = \frac{\text{EMP setor } i / \text{EMP município } j}{\text{Total do estado EMP setor } i / \text{total do estado EMP}}$$

Onde:

QL= quociente locacional

EMP= total de empregos formais

Setor i= setor a ser analisado

Município j = município a ser estudado

O QL é calculado variando os níveis de agregação, segundo a disponibilidade dos dados da RAIS. A interpretação do valor indicador QL baseia-se na comparação entre especializações, a partir das quais podem ocorrer três situações distintas:

- a) quando o  $QL=1$ , a especialização do município j em atividades do setor i é IDÊNTICA à especialização do conjunto do Estado de Santa Catarina nas atividades deste setor;
- b) quando  $QL < 1$ , a especialização do município j em atividades do setor i é INFERIOR à especialização do conjunto do Estado de Santa Catarina nas atividades deste setor;
- c) quando  $QL > 1$ , a especialização do município j em atividades do setor i é SUPERIOR à especialização do conjunto do Estado nas atividades deste setor.

Neste sentido, o resultado do padrão de especialização setorial com base no número de empregos formais, é relativamente elevado quando comparado ao conjunto do Estado, medido por meio de um índice definido pela relação entre as duas grandezas superior à unidade. (BRITTO, 2002)

Para o cálculo do QL foram utilizados os dados dos municípios de Araranguá, Sombrio, Balneário Gaivotas, Turvo e Maracajá devido ao número de empregos gerados no setor de confecção de artigos do vestuário. Os municípios selecionados apresentam em comum a proximidade geográfica (a distância entre Sombrio e Balneário Gaivotas é de apenas 7 KM), a especialização setorial e a predominância de micro e pequenas empresas. Supõe-se nesse sentido, que estes municípios representam potenciais candidatos a uma investigação mais cuidadosa que possibilite identificar e caracterizar uma aglomeração. Na tabela 5

está listada a relação de empregos no setor do Estado e no município que concentra mais que 3% do emprego na atividade em questão.

Tabela 5 - Especialização do setor de confecção

MUNICÍPIOS	Sc-Aranguá	Sc-Maracajá	Sc-Sombrio	Sc- Turvo
<b>TOTAL ESTADO SETOR I</b>	114348			
<b>TOTAL EMP DO ESTADO</b>	2.095.571			
<b>EMP SETOR I</b>	870	315	2.094	373
<b>EMP MUNICÍPIO</b>	14.346	1.724	7.428	3.767
<b>QL</b>	0,003309136	0,009970099	0,015382644	0,005403055
<b>Proporção de emprego no município</b>	6%	18%	28%	10%
Fonte: MTE/SPPE/DES/CGET - CAGED LEI 4.923/65				

A relação emprego no setor da confecção e sua proporção de emprego no município não apresentou uma alta participação, destacando-se o município de Sombrio e Maracajá seguidos por Turvo. Ainda, segundo os dados do CAGED/2010, a atividade de confecção em Aranguá abrange 870 empregos formais diretos, correspondendo a 6% do total de empregos do município divididos entre os 106 estabelecimentos. O coeficiente locacional segue a mesma proporção comparando-se com o emprego no Estado. Estes municípios do extremo sul catarinense apresentam uma especialização inferior a do Estado, ou seja,  $QL < 1$ .

A cidade de Sombrio é a que apresenta maior concentração de empresas neste setor. Este resultado é reflexo das ações de apoio governamental para este setor com forte atuação do SEBRAE. Os entrevistados para esta pesquisa ressaltaram que Sombrio é um forte concorrente no setor e absorvedor de mão de obra de Aranguá, sendo que uma das empresas consultadas participa do núcleo de confecção sombriense.

As informações anteriores, sobre o nível de emprego, conduzem a outros indicadores para analisar a importância desse setor na economia local. Segundo os dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Aranguá ocupa o quarto lugar na proporção de emprego no setor com

relação ao emprego no município e primeiro lugar no número de estabelecimentos.

O cálculo do QL, apresenta algumas limitações quando utilizado para responder de forma eficaz sobre a existência dessas especializações, pois os aglomerados são considerados com base no nível de empregos, não levando em conta a qualidade do mesmo. Há ainda, a falta de uma ponderação de valores no cálculo em relação à estrutura industrial. Pode-se ter um QL maior que 1 e este setor não apresentar relevância no PIB do município ou da região. Em relação aos limites geográficos, estes não precisam necessariamente ser delimitados em um território específico, dada a facilidade de interação com outras regiões em termos de logística e tecnologias digitais. Ainda, a identificação do grau de interação entre os agentes é fator relevante na identificação de um APL, o qual não é identificado por meio do QL. Esta ferramenta serve de subsídio para identificar prováveis APLs, combinados com pesquisas qualitativas.

As atividades similares relativas à confecção de artigos do vestuário e acessórios possuem três subclasses da Classe 14 da classificação de atividade empresarial, conforme a tabela 6.

Tabela 6 - Subclasses do CNAE classe 14

<b>CLASSE 14</b>			
<b>Município de Santa Catarina</b>			
<b>CNAE 2.0 Classe</b>	<b>CNAE 2.0 Classe</b>	<b>Sc-Araranguá</b>	<b>Total</b>
<b>14126</b>	<b>Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas íntimas</b>	106	106
<b>14118</b>	<b>Confecção de Roupas íntimas</b>	9	9
<b>14134</b>	<b>Confecção de Roupas Profissionais</b>	1	1
<b>Total</b>	<b>Total</b>	<b>116</b>	<b>116</b>

Fonte: MTE/SPPE/DES/CGET - CAGED LEI 4.923/65

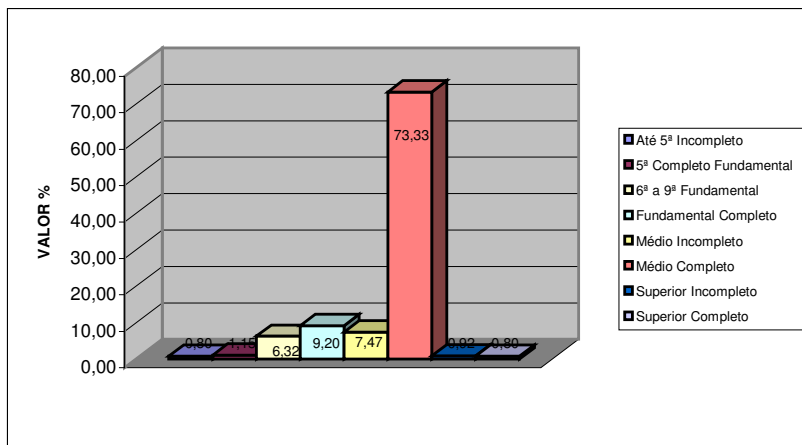
Dentre as subclasses que compõem a divisão 14, a sua grande maioria em Araranguá, estão as atividades do CNAE 1412, com 91% dos estabelecimentos. A confecção de roupas profissionais corresponde a 8% das empresas e, por fim a confecção de roupas íntimas representa 1%. Estes resultados indicam que as confecções apresentam grande similaridade em termos de atividade empresarial, facilitando ações

conjuntas como treinamentos, investimentos em equipamentos e gestão organizacional. Apesar das outras atividades fora do CNAE 1412 apresentarem a minoria 9%, representam oportunidade de negócios para atuar em outros segmentos de moda.

O predomínio das atividades em confecção da subclasse CNAE 1412, por meio da análise horizontal, alimenta a expectativa de que a cooperação entre empresas seja estimulada e de que ações do governo local colaborem com articulações entre o setor privado, estruturas de apoio, fornecedores e logística. Evidentemente, o predomínio das microempresas (73%) em atividade intensiva em mão de obra, apresenta dificuldades na cooperação entre as firmas além da atualização tecnológica. Estes fatores demandam maiores esforços em capacitação para o desenvolvimento do aprendizado.

Diante desses atributos, a qualificação da mão de obra está intimamente relacionada com a capacidade inovativa do setor. Segundo a pesquisa de Kauling (2010), as atividades gerenciais e de criação são desenvolvidas, em sua maioria, pelos proprietários. A pesquisa na RAIS/MTE 2010, segundo o grau de instrução (figura 14), aponta que 25% do pessoal ocupado têm entre o Ensino Fundamental incompleto e o Ensino Médio incompleto, as pessoas que possuem o Ensino Médio completo compreendem 73% da mão de obra empregada e aproximadamente 2% têm curso superior incompleto ou completo. A mão de obra local vinculada ao setor têxtil é consideravelmente alfabetizada, entretanto, a elevação da escolaridade induz à própria melhoria da estrutura produtiva do setor de confecção. A importância dos processos de inovação e aprendizado torna-se relevante frente aos dados apresentados.

Figura 14 - Grau de escolaridade do pessoal empregado em Araranguá no setor de confecção



Fonte: Elaborado a partir da RAIS/2010

A partir dos dados da RAIS/2010 apresentados na tabela 6, foram obtidas informações sobre a identificação de fornecedores, prestadores de serviços e comércio relacionados à atividade da confecção. Esta identificação foi elaborada a partir da revisão teórica sobre as características da cadeia têxtil. Na análise da verticalidade da cadeia têxtil, foi considerada a existência de possíveis fornecedores locais na região da AMESC. Assim, verificou-se a inexistência de fiações, fabricação de equipamentos de informática e periféricos, fabricação de máquinas e equipamentos para a indústria têxtil e fabricação de tecidos de malha. No contexto regional, existe na microrregião de Tubarão a Indústria Beckhauser, fabricante de tecidos de malha, localizada a 78 Km de Araranguá e uma loja atacadista a 20 Km da cidade em Sombrio.

A pesquisa, a partir de um nível maior de desagregação setorial, permitiu verificar a existência de vários setores à jusante e à montante da indústria de confecção. Assim, todos os elos da cadeia têxtil como os serviços de acabamento, lavanderias, estamparias, bordados e na etapa inicial a fiação de fibras de algodão foram praticamente identificados, conforme apresentado na tabela 7, a partir do setor de confecção.



Tabela 7 - Análise horizontal da cadeia têxtil na microrregião região de Santa Catarina em Araranguá

<b>Análise horizontal da cadeia têxtil na microrregião de Santa Catarina em Araranguá</b>	
<b>Classes CNAE</b>	<b>Nº de empresas</b>
<b>Preparação e Fiação de Fibras de Algodão</b>	1
<b>Fabricação de Tecidos de Malha</b>	1
<b>Acabamentos em Fios, Tecidos e Artefatos Têxteis</b>	15
<b>Fabricação de Artefatos Têxteis para Uso Doméstico</b>	9
<b>Fabricação de Artefatos de Tapeçaria</b>	4
<b>Fabricação de Tecidos Especiais, Inclusive Artefatos</b>	1
<b>Fabricação de Outros Produtos Têxteis não Especificados Anteriormente</b>	4
<b>Fabricação de Acessórios do Vestuário, Exceto para Segurança e Proteção</b>	2
<b>Comércio Atacadista de Tecidos, Artefatos de Tecidos e de Armarinho</b>	12
<b>Comércio Atacadista de Computadores, Periféricos e Suprimentos de Informática</b>	1
<b>Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática</b>	60
<b>Comércio Varejista Especializado de Tecidos e Artigos de Cama, Mesa e Banho</b>	46
<b>Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios</b>	326
<b>Bancos Múltiplos, com Carteira Comercial</b>	19
<b>Caixas Econômicas</b>	3
<b>Crédito Cooperativo</b>	5
<b>Lavanderias, Tinturarias e Toalheiros</b>	7
<b>TOTAL</b>	<b>823</b>

Fonte: Elaborado a partir da RAIS/2010

Os setores de artigos confeccionados se apropriam das mesmas externalidades, vantagens comparativas e competitivas do padrão produtivo e de recursos humanos. Na análise da cadeia horizontal do setor de confecção em Araranguá os produtos de vestuário são a maioria (90%), seguidos por roupas íntimas (0,085%), artigos de malharias

(0,01%)e por último o de produção de uniformes (0,005%), como demonstrados na tabela 8.

Tabela 8 - Análise horizontal da cadeia têxtil na microrregião de Santa Catarina em Araranguá

<b>Análise horizontal da cadeia têxtil na microrregião de Santa Catarina em Araranguá</b>	
<b>Confecção de Roupas íntimas</b>	26
<b>Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas íntimas</b>	276
<b>Confecção de Roupas Profissionais</b>	2
<b>Fabricação de Artigos do Vestuário, Produzidos em Malharias e Tricotagens, Exceto Meias</b>	3

Fonte: Elaborado a partir da RAIS/2010

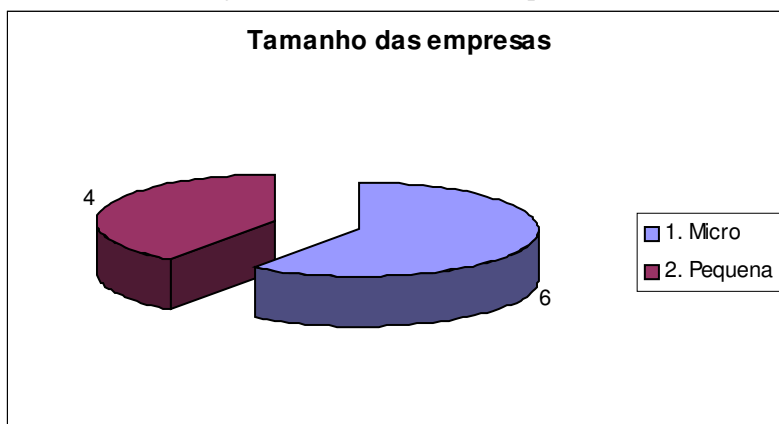
Ao considerar a microrregião de Araranguá, há uma formação de tecido industrial no setor têxtil, abrangendo um total de 823 empresas correlatas e de apoio. Embora apresentando deficiências em alguns setores, a articulação das redes horizontais e verticais favorece atividades cooperadas que incluem a compra conjunta de insumos, investimento em máquinas especiais com a possibilidade de uso coletivo por meio de uma rotatividade, combinação de capacidade de produção, estratégias de *marketing* e distribuição. Ainda, a forte vocação comercial tem potencial absorção interna de produtos locais.

No entanto, considerando um APL como produto social por meio das interações entre os atores e o capital social, o papel de cada sistema local pode variar. Nesse caso, foram levantados os aspectos econômicos sobre o setor da confecção no Brasil e em Santa Catarina. Os aspectos socioculturais relacionados à estrutura de governança, ao aprendizado e inovação, à sustentabilidade ambiental, às relações verticais e horizontais, determinariam a conformação para um APL de confecção no município de Araranguá. O resultado da pesquisa de campo buscou informações para esse encadeamento de fatores condicionantes ao sistema produtivo local.

#### 4. RESULTADOS E ANÁLISE

A pesquisa de campo foi realizada em dez empresas de Araranguá e foram considerados os dados de emprego formais e faturamento. Das empresas pesquisadas, quatro são de pequeno porte e seis são microempresas (figura 15) segundo o critério do SEBRAE de classificação do porte quanto ao número de funcionários.

Figura 15 - Tamanho das empresas



Fonte: Pesquisa de campo

##### 4.1 IDENTIFICAÇÃO DAS EMPRESAS

As empresas pesquisadas tiveram seu ano de fundação entre 1980 e 2004, portanto, estavam em atividade quando houve as principais mudanças no ambiente econômico nacional e global - a década de 1980/1990 - e o avanço da globalização - década de 1990. A gestão de todas as empresas é familiar. Em sete delas é o casal que comanda as áreas de produção e finanças com a presença dos filhos exercendo alguma atividade funcional. Nas outras três, são pais e filhos (sem a presença do cônjuge) os responsáveis pelo negócio.

As empresas pesquisadas, são predominantemente de micro porte, 94% do total, e representam 30% dos empregos gerados no município. Com base em dados do ano de 2012 no montante de 239 empregos diretos gerados nas empresas pesquisadas, aproximadamente 64,4% encontram-se nas pequenas empresas (tabela 9).

Tabela 9 - Identificação das empresas pesquisadas

Identificação da Empresa				
Tamanho	Nº de Empresas	%	Nº de Empregados	%
1. Micro	6	60,0%	85	35,6%
2. Pequena	4	40,0%	154	64,4%
Total	10	100,0%	239	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

### 4.3.1 Relações de trabalho nas empresas pesquisadas

As relações de trabalho e suas especificidades, no ambiente das empresas, podem ser classificadas em categorias diferentes a partir da natureza destas relações, as quais são regidas por diferentes leis. A existência desses distintos vínculos empregatícios, a despeito dos diferentes contextos e situações que os ensejam, tendem a gerar relações de múltiplas naturezas, comprometimentos e objetos de contratos específicos regidos por legislação diferente.

A estrutura organizacional das empresas quanto ao quadro societário apresentam similaridades. Dentre elas, a maioria possui dois sócios fundadores e duas delas apenas um sócio proprietário. Ao considerar o gênero, cinco mulheres são fundadoras destas confecções.

A maior parte dos empregos, nas confecções estudadas, são formais (tabela 10). A contratação de estudantes estagiários não é prática comum nas empresas, apesar de na região encontrarem-se instituições de ensino vinculados à área e ao Centro de Integração Empresa Escola (CIEE) o qual se caracteriza como um agente mediador.

Tabela 10 - Relações de trabalho

Tipos	Nº Pessoas	%
Sócio Proprietário	18	5,3%
Contratos Formais	202	59,2%
Estagiário	1	0,3%
Serviço Temporário	12	3,5%
Terceirizados	102	29,9%
Familiares sem contrato formal	6	1,8%
Total	341	100%

Fonte: pesquisa de campo

Os vínculos internos e externos nas relações laborais foram considerados nestas análises. Os empregados formais e informais que desenvolvem suas atividades no interior das empresas e que são regidos pelas leis mencionadas anteriormente, compreendem os vínculos internos. Nestes, a empresa exerce sua autoridade, há interrelações desenvolvidas no nível hierárquico e o compartilhamento de responsabilidades. Os vínculos informais são representados pelos familiares sem contrato formal representados pelos filhos dos sócios proprietários (tabela 6). Os entrevistados comentaram sobre a importância da contratação de uma pessoa responsável para fazer as relações públicas da empresa junto aos clientes.

Um contingente expressivo de pessoas desenvolve atividades para as empresas por meio de subcontratação. Estes vínculos, embora não façam parte da estrutura organizacional da empresa, se interrelacionam com estas por meio do desenvolvimento de etapas do processo produtivo.

Segundo esta natureza de trabalho, todas as empresas pesquisadas realizam algum tipo de subcontratação para trabalhos de acabamento como bordados e estamparia e, parte da atividade produtiva, em faixões. Estas empresas terceirizadas encontram-se no Vale do Araranguá e Criciúma, o que reforça a hipótese das externalidades resultando na difusão de *know-how* e de tecnologias, conforme apresentado por Rodrigues et al (2009).

Vale ressaltar que estas contratações não são formalizadas por meio de contrato de prestação de serviço e, ainda, as 102 faixões possuem, em média, cinco funcionários atuando na produção. Neste processo, estima-se que somente entre as confecções pesquisadas há mais de 500 empregos gerados informalmente.

## **4.1 Produção, mercado e emprego**

### **4.3.1 Evolução do emprego e escolaridade do pessoal ocupado**

A taxa de emprego nas empresas apresentou significativa variação ao longo dos anos entre 2005 e 2010, mantendo uma média entre 10 e 17 empregos por empresa de micro porte e um índice de 183% com uma taxa mais alta em 2008 com 16 empregados em média. Já nas pequenas empresas a variação no período foi idêntica em relação às micros. No ano de 2005 havia uma média de 28 empregados. Em

2010 o número alcançou 50 empregados, um índice correspondente a 181%.

A escolaridade do pessoal ocupado está relacionada à capacidade de inovação e aprendizado, fatores que influenciam na produtividade e na qualidade dos produtos e serviços prestados. Na pesquisa, todos os entrevistados disseram que há dificuldade em motivar os colaboradores a melhorarem seu nível de escolaridade, tanto em cursos regulares como em cursos de treinamento. Foi apontado que a rotatividade dos funcionários prejudica os investimentos em capacitação. Mesmo assim, dentro do mesmo setor apresenta-se como um benefício, ou seja, os funcionários treinados em uma determinada empresa são absorvidos por outra do mesmo setor. A capacitação não é uma prática comum entre as empresas pesquisadas. No total de 239 empregos gerados nas confecções pesquisadas, vale destacar que o nível de escolaridade é baixo, quase a metade possui a formação entre Ensino Fundamental incompleto (8,4%) e Ensino Médio completo (39,7%). O número de analfabetos é baixo, (1%) do total de empregos. O número de pessoas com o ensino superior é bastante reduzido (3%), sendo que estas pessoas ocupam os cargos de gestão exercendo as atividades relativas ao setor financeiro, modelagem e desenvolvimento de produtos (tabela 11).

Tabela 11 -- Escolaridade do pessoal ocupado

Escolaridade do Pessoal Ocupado		
Grau de Ensino	N.º pessoas	%
1. Analfabeto	2	0,8
2. Ensino Fundamental Incompleto	20	8,4
3. Ensino Fundamental Completo	57	23,8
4. Ensino Médio Incompleto	39	16,3
5. Ensino Médio Completo	95	39,7
6. Superior Incompleto	13	5,4
7. Superior Completo	8	3,3
8. Pós-Graduação	5	2,1
Total	239	100

Fonte: pesquisa de campo

Comparativamente à escolaridade dos habitantes do município, as empresas pesquisadas apresentaram média abaixo da municipal, aproximadamente 40% possuem o Ensino Médio completo enquanto a

média do município é de 73%. Esses dados propõem uma análise criteriosa sobre as condições de capacitação humana para a atividade produtiva nas empresas.

### 4.3.2 Fatores competitivos considerados pelas empresas

Os fatores competitivos considerados pelas indústrias a partir dos dados apresentados na tabela 12 mostraram percepções bastante semelhantes, corroborando com a hipótese de que as empresas são similares. De maneira geral, os fatores: qualidade da matéria-prima e outros insumos, qualidade da mão de obra, desenho e estilo dos produtos, estratégias de comercialização, qualidade do produto e capacidade de atendimento quanto ao volume e prazo foram avaliados como sendo de alta importância por todos os entrevistados.

Tabela 12 - Percepção dos fatores competitivos

Fatores competitivos	Grau de importância				Índice*
	Nula	Baixa	Média	Alta	
1. Qualidade da matéria-prima e outros insumos	0	0	1	9	0,96
2. Qualidade da mão-de-obra	0	0	0	10	1,00
3. Custo da mão-de-obra	0	0	4	6	0,84
4. Nível tecnológico dos equipamentos	0	1	4	5	0,77
5. Capacidade de introdução de novos produtos/processos	0	0	4	6	0,84
6. Desenho e estilo nos produtos	0	0	0	10	1,00
7. Estratégias de comercialização	0	0	0	10	1,00
8. Qualidade do produto	0	0	0	10	1,00
9. Capacidade de atendimento (volume e prazo)	0	0	2	8	0,92
10. Outra	0	0	1	6	0,94

\*Índice =  $(0 \cdot N^{\circ} \text{ Nulas} + 0,3 \cdot N^{\circ} \text{ Baixas} + 0,6 \cdot N^{\circ} \text{ Médias} + N^{\circ} \text{ Altas}) / (N^{\circ} \text{ Empresas no Segmento})$

Fonte: pesquisa de campo

No segmento da moda, estes itens têm grande representatividade, especialmente o desenho dos produtos que, dentro do segmento da confecção, é atualizado com muita frequência. O mercado da moda busca novidades a cada lançamento, tendo que se reinventar

constantemente. Assim, o desenho e o estilo dos produtos são fatores críticos de sucesso para a coleção de moda.

O mercado da moda, no qual está inserido o setor do vestuário, para lograr competitividade necessita cada vez mais de investimento em diferenciação. Este elemento na moda, depende das pesquisas realizadas em torno das tendências e de novidades. Estas incluem desde estratégias de criação de produtos como a utilização de novas matérias-primas e o emprego de tecnologia. Estes fatores demandam cada vez mais a aplicação do conhecimento, deste modo, o mercado será menos intensivo em mão de obra.

As empresas que comercializam seus produtos em pontos de venda próprios aplicam estratégias de comercialização direcionadas ao seu mercado-alvo. Dessa forma, a qualidade do produto está diretamente relacionada à qualidade da matéria-prima, da mão de obra, do atendimento ao cliente e da entrega do produto. Por estes motivos, a comercialização demanda esforços e capacidade de atendimento quanto à satisfação do cliente, a um *mix* produto que atenda o consumidor quanto ao volume de peças e às estratégias mercadológicas e visual *merchandising* adequados ao nicho de mercado.

Quanto aos itens analisados em nível tecnológico dos equipamentos, houve diferentes percepções. Este fenômeno é representado pelos diversos segmentos de mercado que as empresas atendem. A empresa E além da loja própria realiza atividade terceirizada para a rede *Wal-Mart* em São Paulo. Neste caso, a qualidade da matéria-prima, dos insumos, da mão de obra e dos equipamentos representam custos que não são incorporados aos produtos. A precificação parte das redes de magazines, forçando as empresas subcontratadas a adequarem seus custos por uma estratégia de preços baixos.

Na pesquisa de campo algumas empresas relataram investimentos tecnológicos na produção, com exceção das indústrias E e F. As máquinas de costura mecânicas foram parcialmente substituídas por máquinas eletrônicas, as quais permitem uma melhor finalização da peça. Assim, este equipamento reduz a necessidade de pessoal no setor de acabamento, principalmente na atividade de cortar os fios excedentes nas peças, já que a máquina realiza esta atividade. A empresa G substituiu a impressora *plotter* por um modelo mais atualizado.

Além disso, nas empresas A, B, C, D, G, H, I e J houve investimento em tecnologia da informação para o planejamento e controle da produção (PCP) e a utilização de *software* para encaixe e risco, sendo o Audaces o mais adotado. Nas indústrias C, E e F a etapa do encaixe e risco é realizada manualmente e após os dados são



digitados no programa de PCP utilizado pela empresa. A empresa F não possui qualquer programa computadorizado para administração da produção, finanças ou estoques. O investimento em atualização tecnológica relaciona-se com a capacidade da empresa competir no mercado. (PAULA, 2008)

Os entrevistados sugeriram outros fatores de alta importância para manter a competitividade da empresa no mercado, como necessidade de qualificação dos vendedores, desenvolvimento de produtos e modelagem. Estes fatores são essenciais para a capacidade de inovação e aprendizado corporativo. A capacitação profissional favorece a competitividade empresarial de maneira que melhora a qualidade no atendimento, no produto e o conhecimento tácito flui entre os níveis organizacionais. Este fluxo inovativo, entretanto, somente é eficaz desde que seja compartilhado pela empresa num ambiente em que a prática cooperativa seja estimulada.

### **4.3.3 Inovação, cooperação e aprendizado**

Segundo a REDESIST (2003), é considerado inovação qualquer processo que resulte em produtos/processos novos ou significativamente melhorados. Para produtos novos são considerados aqueles que possuem características tecnológicas ou uso substancialmente diferente daqueles já adotados. As melhorias significativas dizem respeito a um produto existente, mas aperfeiçoado significativamente. Processos novos envolvem novos métodos de produção, sistemas, máquinas e equipamentos utilizados pela firma. São consideradas melhorias de processos de produção as mudanças tecnológicas parciais em processos previamente adotados. Mudanças rotineiras ou de estilo em produtos ou processos não são consideradas.

### **4.3.4 Percepção de inovações**

As empresas pesquisadas observaram que nos anos entre 2005 e 2010 realizaram mudanças significativas em seus produtos aperfeiçoados com a introdução de novas tecnologias dentro do mercado nacional e processos internos.

No conjunto observado, as empresas revelaram a realização de inovações em produtos, processos e mudanças organizacionais (tabela 13). Os produtos desenvolvidos pelas firmas foram melhorados significativamente com a utilização de tecidos em novas linhas de

produtos, com vistas ao acompanhamento das tendências de moda que inclui materiais e insumos. Estes produtos foram adotados pelas empresas após sua aceitação no mercado nacional.

Tabela 13 - Inovações de produto ocorridas entre 2005 e 2010

Inovações entre 2005 e 2010	
Descrição	
	Sim
<b>1. Inovações de produto*</b>	
1.1. Produto novo para a sua empresa, mas já existente no mercado?	90,0%
1.2. Produto novo para o mercado nacional?	10,0%
1.3. Produto novo para o mercado internacional?	0,0%

Fonte: pesquisa de campo

Quanto à inovação de processos (tabela 14), é comum considerar a aquisição de máquinas e equipamentos como um processo inovativo. A capacidade de introdução de novos produtos ou processos demanda a capacitação tecnológica da empresa. Nas empresas em estudo, este processo é resultado da absorção de inovações geradas pelos fornecedores de máquinas, equipamentos, insumos e matérias primas. (CARIO, et al, 2008)

A atualização dos equipamentos e máquinas, embora observado na maioria das empresas, não se constitui como uma prática geral entre as firmas pesquisadas. Apesar disso, a empresa I relatou a aquisição de programas de computador para gerenciamento da empresa assim que foram lançados no mercado.

Para a fabricação de artigos com diferentes matérias, são necessários equipamentos e quantidade de máquinas adequadas para a produção. Além da utilização de máquinas específicas para cada tipo de tecido e de acabamento, esta atualização demanda novos processos de planejamento da produção. A inovação de produtos gera, portanto, uma interdependência entre a preparação, o controle da produção e a tecnologia empregada. Para tal efeito, a inovação nos processos internos implica a existência de uma estrutura produtiva organizada em termos operacionais e tecnológicos para acompanhar as alterações técnicas dos

materiais utilizados na fabricação de artigos do vestuário. (CARIO et al, 2008)

Tabela 14 - Percepção de inovações em processos

<b>2. Inovações de processo</b>	<b>Sim</b>
2.1. Processos tecnológicos novos para a sua empresa, mas já existentes no setor?	60%
2.2. Processos tecnológicos novos para o setor de atuação?	90,0%

Fonte: pesquisa de campo

A modernização das embalagens visa à agregação de valor à marca das empresas, sendo uma prática utilizada por 60% das empresas entrevistadas. Além disso, 90 % das empresas afirmaram inovar constantemente os produtos em termos de novos tecidos e modelagens, conforme a tabela 15.

Tabela 15 - Percepção de outros tipos de inovação

<b>3. Outros tipos de inovação</b>	<b>Sim</b>
3.1. Criação ou melhoria substancial, do ponto de vista tecnológico, do modo de acondicionamento de produtos (embalagem)?	60,0%
3.2. Inovações no desenho de produtos?	90,0%

Fonte: pesquisa de campo

Em relação às mudanças organizacionais (tabela 16), as empresas revelaram que foram realizadas modificações ao longo dos anos de 2005 a 2010. Dentre as técnicas de avançadas de gestão, foi considerada pela empresa D a contratação de um contador para executar o gerenciamento financeiro da empresa. As demais empresas consideraram a informatização do setor gerencial e a adoção do código de barras como uma inovação na gestão. As empresas H e I costumam contratar frequentemente consultores para as diversas áreas da empresa, de modo a manter sua capacidade competitiva e inovativa.

Tabela 16 - Percepção de inovações organizacionais

4. Realização de mudanças organizacionais (inovações organizacionais)	
Sim	
4.1. Implementação de técnicas avançadas de gestão ?	8
4.2. Implementação de significativas mudanças na estrutura organizacional?	9
4.3. Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de marketing ?	9
4.4. Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de comercialização ?	7
4.5. Implementação de novos métodos e gerenciamento, visando a atender normas de certificação (ISO 9000, ISO 14000, etc)?	0

Fonte: pesquisa de campo

A expansão do capitalismo foi importante para as empresas e instituições mais preparadas em termos de conhecimento e aquisição de tecnologias, pois puderam elaborar produtos com maior valor agregado. A mobilidade da produção dos países ricos para os menos desenvolvidos teve sua parcela de importância no momento em que estes últimos puderam ampliar seu leque de produção. O setor de confecção no Brasil, entretanto, não acompanhou essa evolução. Relativamente à natureza do trabalho, mais intensiva em mão de obra, os investimentos em *design* não foram suficientemente realizados no setor. Os processos de criação e inovação dos produtos, serviços e reestruturação organizacional não foram observados nas empresas pesquisadas.

A principal prática de *marketing* adotada pelas empresas foi a introdução dos catálogos das coleções e *sites* próprios, com exceção das empresas E e F. A implementação de novas técnicas de comercialização referem-se à contratação de representantes comerciais, relações públicas e consultores no período pesquisado.

#### 4.3.5 Participação em vendas das inovações nos produtos

As inovações relatadas pelas empresas resultaram em importante participação em venda no período de 2010 (tabela 16).

Tabela 17 - Participação nas vendas de produtos novos ou aperfeiçoados

III-2 - Participação nas vendas em 2010 de produtos novos ou aperfeiçoados entre 2005 e 2010								
Descrição	Participação nas vendas						Total	
	0%	1 a 5%	6 a 15%	16 a 25%	26 a 50%	51 a 75%		76 a 100%
1.1. Vendas internas em 2010 de novos produtos (bens ou serviços) introduzidos entre 2005 e 2010	0	1	1	1	5	0	2	10
1.2. Vendas internas em 2010 de significativos aperfeiçoamentos de produtos (bens ou serviços) introduzidos entre 2005 e 2010	0	0	1	1	5	0	3	10

Fonte: pesquisa de campo

A análise quanto à participação nas vendas dos produtos inovados apresentou maiores variações. Dentre as dez empresas pesquisadas, a participação dos produtos novos nas vendas foi heterogênea. As respostas foram de participação entre 1 a 5%, 6 a 15%, 26 a 50% e 76 a 100%. As coleções mantêm uma linha tradicional representando a metade dos lançamentos em volume de produção e, ainda assim, as inovações têm grande parcela no faturamento. Estes índices propõem que o processo de inovação é uma prática no segmento da moda e convertem valores em crescimento econômico empresarial.

### 4.3.6 Treinamento e capacitação de recursos humanos

A inovação está intimamente relacionada à capacidade profissional dos recursos humanos. Agrega-se à atualização tecnológica, a qualificação da mão de obra existente para o manuseio desses equipamentos e a capacidade para o aprendizado e adaptação às mudanças nos processos. As respostas geraram um índice de importância de acordo com os pesos atribuídos pelo projeto da REDESIST.

O treinamento e a capacitação não foram apontados como prática frequente nas organizações entrevistadas, apesar de os considerar importantes (tabela 18). De maneira geral os treinamentos são realizados dentro da própria empresa (0,76). A proximidade com o Instituto

Federal de Santa Catarina, que oferta o curso Técnico de Produção de Moda e de Malharia e Confecção, nove empresas disseram contratar funcionários que estão realizando um destes cursos, porém, a importância foi considerada média (0,65).

Os treinamentos em cursos técnicos fora da região da AMESC não são estimulados e sua importância é considerada baixa, assim como estágios em empresas fornecedoras são ausentes. A contratação de técnicos ou engenheiros de dentro ou fora do arranjo foi realizada por sete empresas, sendo que o tipo de contratação é por meio de terceirização por subcontratação regularmente (0,46 para dentro do arranjo; 0,16 fora do arranjo). A absorção de formandos de cursos de nível técnico e superior na área do vestuário foi apontada pelas empresas com uma importância maior. Para os formandos de cursos universitários (0,76) e de cursos técnicos (0,65), este aspecto justifica-se pela proximidade com universidades fora do arranjo e do IF-SC e UNISUL presentes em Araranguá.

Tabela 18 - Treinamento e capacitação de recursos humanos

Treinamento e Capacitação de Recursos Humanos					
Descrição					Índice*
	Nula	Baixa	Média	Alta	
1. Treinamento na empresa	2	0	1	7	0,76
2. Treinamento em cursos técnicos realizados no arranjo	3	0	4	3	0,54
3. Treinamento em cursos técnicos fora do arranjo	5	1	1	3	0,39
4. Estágios em empresas fornecedoras ou clientes	10	0	0	0	0,00
5. Estágios em empresas do grupo	10	0	0	0	0,00
6. Contratação de técnicos/engenheiros de outras empresas do arranjos	5	0	1	4	0,46
7. Contratação de técnicos/engrenheiros de empresas fora do arranjo	8	0	1	1	0,16
8. Absorção de formandos dos cursos universitários localizados no arranjo ou próximo	2	0	1	7	0,76
9. Absorção de formandos dos cursos técnicos localizados no arranjo ou próximo	1	3	1	5	0,65

\*Índice = (0\*Nº Nulas + 0,3\*Nº Baixas + 0,6\*Nº Médias + Nº Altas) / (Nº Empresas no Segmento)

Fonte: pesquisa de campo

A atuação do IF-SC com cursos relacionados à área como o Curso Técnico em Produção de Moda, Curso Técnico Têxtil em Malharia e Confeção contribui com a ampliação do conhecimento coletivo. Há projeto de, futuramente, implantar um curso superior de tecnologia em *design* de moda na instituição citada. Deste modo, os alunos formandos desses cursos poderão aumentar a estrutura da mão de obra qualificada na região.

Apesar da dificuldade de mão de obra qualificada, com exceção das empresas I e J, as demais não possuem um programa de incentivo à capacitação. Estas duas confecções mencionadas possuem no interior da fábrica uma costureira que realiza capacitação de funcionários para a costura, possuindo, atualmente, três aprendizes. Houve tentativa de capacitação interna na empresa H, com a disponibilização de uma funcionária fora do horário de expediente para realizar tal tarefa, mas não foi bem aceita pelos capacitandos, porque o treinamento ocorria além do expediente normal. O treinamento da mão de obra é disseminado pela atualização tecnológica dos equipamentos em algumas das indústrias pesquisadas de Araranguá. Nos estudos realizados por Cario et al (2008), a parceria com fornecedores se configuram como instrumento importante para absorção das inovações. As empresas estudadas, entretanto, revelaram não aproveitar essa fonte de informação.

A maioria das indústrias pesquisadas mantém-se atualizada por meio de participação em feiras nacionais, a principal é o SENAC Moda Informação, a assinatura de *sites* e revistas que apresentam as tendências de moda. Apenas três entrevistadas já realizaram alguma viagem ao exterior para acompanhar as tendências de moda.

#### 4.4 ESTRUTURA, VANTAGENS ASSOCIADAS AO AMBIENTE LOCAL E GOVERNANÇA

##### 4.4.1 Estrutura comercial e produtiva

As empresas confeccionistas de Araranguá apresentam estruturas similares de produção e comercialização, sintetizadas na tabela 19. Estas, vendem sua produção no mercado local - *shoppings* da cidade - e para clientes do Rio Grande do Sul. No conjunto pesquisado, a maior parte das empresas possui loja no Centro Atacadista Aravest em Araranguá, com exceção da empresa F. No centro comercial de varejo Center Fábricas localizado na cidade, as empresas A, D, G, H, I e J

possuem lojas de marcas próprias. Além disso, a confecção H possui lojas em Brusque e em Cedral/SP e a empresa J também comercializa seus produtos em Brusque. Apenas a empresa F possui representante comercial de seu mostruário, realizando vendas por encomenda e em loja própria anexada à fábrica.

Tabela 19 - Estrutura de comercialização das empresas pesquisadas

Empresa	Segmento de moda	Estrutura de comercialização dentro de SC (outras cidades além de Araranguá)	Estrutura de comercialização fora de SC
A	Masculino	Atacado e varejo	-----
B	Feminino	Atacado	-----
C	Feminino	Atacado	-----
D	Feminino	Atacado e varejo	-----
E	Infantil feminino	Atacado e varejo	WallMart SP
F	Feminino	Varejo	RS
G	Feminino	Atacado e varejo	-----
H	Feminino	Atacado e varejo Loja em Brusque	Shopping atacado em São Paulo
I	Feminino	Atacado e varejo Loja em Brusque	-----
J	Infantil feminino e masculino	Atacado e varejo Loja em Brusque	-----

Fonte: pesquisa de campo

O alto índice de comercialização local pode ser justificado por dois aspectos. O primeiro aspecto está relacionado à proximidade com o mercado consumidor, desenvolvendo-se produtos com base no nicho específico. O segundo aspecto está relacionado ao baixo nível de tecnicidade das empresas pesquisadas, no que se refere à gestão do *design*. A capacidade de desenvolvimento de novos produtos é limitada à capacidade técnica da produção.

Os estudos de Kauling (2011), focados na gestão do *design* nas empresas de Araranguá, concluíram a baixa capacidade de introdução de processos gerenciais inovadores. No estudo desenvolvido pela pesquisadora, foi constatado que as empresas encontram-se no nível operacional, o que significa que são orientadas à reprodução da moda.

Além da atualização do seu parque fabril, algumas empresas estão desverticalizando sua produção. Em alguns casos para solucionar os problemas de sazonalidade (empresa G) e outros, para diminuir custos fixos. A empresa I, no ano de 2012, terceirizou o setor de costura. Como medida de incentivo emprestou suas máquinas de costura para as



melhores colaboradoras realizarem a facção em casa. As etapas do corte e acabamento continuam sendo realizadas na empresa. De maneira geral, as capacitações ocorrem de maneira informal por meio dos fornecedores de máquinas e equipamentos no momento da aquisição.

#### **4.4.2 Vantagens associadas à localização**

O setor têxtil e confecção de Araranguá apresenta condições favoráveis de desenvolvimento. Isto é verificado quanto à estrutura de comercialização em comum e ao tecido comercial crescente no município e na região da AMESC. O cenário local, entretanto, apresenta muitas carências, representando limitações cujo equacionamento pode ser privilegiado com políticas públicas e promoção industrial em nível do estado, município e região.

Na percepção comum, a estrutura de governança política de Araranguá, comparativamente com o município de Sombrio que possui esforços de coordenação do governo municipal com a atuação do SEBRAE, foi considerado extremamente inferior. A indústria D por possuir loja no Centro Atacadista Litoral Sul em Sombrio, participa das ações cooperativas formadas pelo núcleo de confecção do referido município.

As vantagens da localização estão associadas ao conceito de externalidades que se constituem como fatores comuns apropriados por um determinado setor. Dentre estes fatores foram comparadas a disponibilidade e o custo de mão de obra, proximidade com fornecedores, produtos e consumidores, infraestrutura física, existência de programas de apoio e proximidade com universidades e institutos de pesquisa. A tabela 20 sintetiza a percepção dos entrevistados quanto às vantagens da localização.

Tabela 20 - Vantagens da localização

Vantagens da Localização no Arranjo					
Externalidades					Índice*
	Nula	Baixa	Média	Alta	
1. Disponibilidade de mão-de-obra qualificada	3	2	3	2	0,44
2. Baixo custo da mão-de-obra	7	1	2	0	0,15
3. Proximidade com os fornecedores de insumos e matéria prima	2	4	4	0	0,36
4. Proximidade com os clientes/consumidores	1	2	5	2	0,56
5. Infra-estrutura física (energia, transporte, comunicações)	2	0	4	4	0,64
6. Proximidade com produtores de equipamentos	7	1	1	1	0,19
7. Disponibilidade de serviços técnicos especializados	6	2	1	1	0,22
8. Existência de programas de apoio e promoção	5	1	2	2	0,35
9. Proximidade com universidades e centros de pesquisa	0	1	1	8	0,89
10. Outra	0	0	0	2	1,00

\*Índice =  $(0 \times N^{\circ} \text{ Nulas} + 0,3 \times N^{\circ} \text{ Baixas} + 0,6 \times N^{\circ} \text{ Médias} + N^{\circ} \text{ Altas}) / (N^{\circ} \text{ Empresas no Segmento})$

Fonte: pesquisa de campo

No conjunto estudado, as vantagens da localização foram avaliadas de baixa importância, então, conseqüentemente, pode-se considerar como ausentes. Considera-se neste universo, a fraca articulação de programas de apoio e promoção (0,35), não há fornecedores de insumos e tecidos locais que atendam a demanda e a disponibilidade de serviços técnicos especializados (0,22), estes são contratados da cidade de Criciúma.

A qualificação da mão de obra foi apresentada como de baixa disponibilidade (0,44), porém, considerado com um fator muito importante para as empresas. Neste item, foi apontada a estrutura de governança como uma fragilidade que poderia ser mitigada pela presença do IF-SC no município. A inexistência da mão de obra qualificada não é compensada pela capacitação e treinamento

promovidos pelas empresas, o que sinaliza a fraca difusão dos conhecimentos tácitos. Dentre as empresas pesquisadas apenas 5,4% do quadro de pessoal possuem ensino superior, representando baixo potencial do conhecimento explícito. Além disso, a percepção sobre o custo da mão de obra foi divergente. Alguns entrevistados consideraram como baixa importância, no sentido de haver acordos coletivos e sindicatos que negociam o valor dos salários. Dessa forma, o salário é o mesmo para todas as empresas.

Um fator positivo de externalidade local refere-se à presença de um único fornecedor de tecidos em malha, a Beckhauser Malhas, além da proximidade com clientes e consumidores (0,56). Outro fator relevante foi a vantagem da localização próxima à Rodovia BR 101 para escoamento da produção e facilidade no recebimento das compras. A proximidade com universidades e o IF-SC foi considerada muito importante (0,89), porém, pouco explorada.

A transferência de etapas do processo produtivo no setor de confecção é prática comum entre as empresas pesquisadas. Segundo Cario et al (2008), esta atividade foi intensificada nos anos de 1990 como medida de redução de custos por meio da subcontratação, sendo pertinente ao setor estudado no município. Esta etapa diz respeito à facção, ou seja, à costura e à montagem das peças terceirizadas, pois o corte e o acabamento são realizados pelas empresas contratantes.

Todos os entrevistados realizam alguma atividade de subcontratação, em sua maioria terceirizam parte da produção na etapa da costura. As empresas de facções contratadas são informais. Um entrevistado estima que existam cerca de 500 empresas informais no setor, em sua maioria realizam estas atividades em suas residências. É um número bastante expressivo em relação ao pouco mais de 100 de empresas registradas. A elaboração de políticas públicas para a promoção destas atividades é de grande contribuição para o desenvolvimento local.

As empresas E e G realizam facções para outras empresas. No caso da empresa E para a *Wall-Mart* em São Paulo e a empresa G para uma indústria de Sombrio para atender à sazonalidade das vendas. Essas atividades consistem, em maior parte, em mão de obra intensiva. As atividades de gestão ou especializadas não foram observadas, sendo que empresa E, além da etapa produtiva, realiza a pesquisa e o desenvolvimento de produtos (tabela 21).

Tabela 21 - Empresas que são subcontratadas e tipo de atividade realizada

Número de Empresas do Arranjo que são Subcontratadas				
Tipo de Atividade Subcontratada	Subcontratada por empresa do arranjo	Subcontratada por empresa fora do arranjo	Total Subcontratadas	Subcontratadas / Total Empresas
1. Fornecimentos de insumos e componentes	0	0	0	0,0%
2. Etapas do processo produtivo (montagem, embalagem, etc)	0	2	2	20,0%
3. Serviços especializados na produção (laboratoriais, engenharia, manutenção,	0	0	0	0,0%
4. Administrativas (gestão, processamento de dados, contabilidade, recursos humanos)	0	0	0	0,0%
5. Desenvolvimento de produto (design, projeto, etc)	0	2	2	20,0%
6. Comercialização	0	0	0	0,0%
7. Serviços gerais (limpeza, refeições, transporte, etc)	0	0	0	0,0%

Fonte: pesquisa de campo

As vantagens comparativas podem ser fortalecidas por meio de uma estrutura de governança atuante e fomentadora de ações cooperativas. Este movimento sinaliza a existência de condições estruturantes, porém, desarticuladas.

#### 4.4.2 Governança

O termo governança tem sido empregado com muita propriedade nos estudos de arranjo produtivo local por sua força de atuação entre os diversos agentes que o compõem. Neste sentido, busca tratar sobre as relações existentes no território que coordenam tais vínculos. Assim, o desenvolvimento local sustentável é permeado pelas interações entre os atores e as instituições locais criadas por eles. (VILLELA e PINTO, 2009; CARIO et al, 2008)

Esta introdução é suficiente para destacar que na abordagem de governança, considerando o setor vestuarista de Araranguá, existem diversos tipos de atores locais. Este fato, entretanto, está longe de significar uma coordenação de esforços para lograr a atuação no desenvolvimento local demandados pela simples existência desse conjunto de atores. Portanto, mais que a presença é fundamental a coordenação de esforços.

No presente estudo o perfil de governança foi avaliado, de maneira geral, como baixo. A maior dificuldade revelada na pesquisa de campo é a falta de confiança estabelecida entre os empresários do setor em estudo. Segundo pesquisas realizadas por Cario et al (2008), o individualismo potencializado e o espírito de rivalidade observado dificultam as interações. Este cenário cabe ao setor em Araranguá.

A importância da criação de um grupo gestor para atuações conjuntas e cooperativas foi apontada como necessária, porém, os entrevistados mostraram pouca disposição realizar tal intento. Na maioria dos casos, aguardam por um coordenador local que realize tal tarefa. A falta de cooperação por parte dos empresários, segundo Cario et al (2008) é decorrente da própria condição de competitividade. No setor de confecção, a diferenciação dos produtos é o que confere sua capacidade auto generativa, chegando ao nível de segredo industrial, conforme observado na participação de um evento em conjunto realizado entre a associação de lojistas do Center Fábricas do município e o IF-SC.

Neste item, a atuação da prefeitura local foi considerada fraca no estabelecimento de políticas de desenvolvimento local para o setor. O maior agente de representação de classe foi indicado a CDL, embora seja uma instituição de apoio ao comércio. Algumas empresas entrevistadas são associadas a esta instituição, usufruindo de suas vantagens como palestras e treinamento em vendas.

A terceirização da costura trata-se de relações pautadas no interesse de reduzir custos e solucionar problemas sazonais de maior demanda que, propriamente, de “representar formação de teias de relações efetivamente densas e, por assim dizer, estruturais”. (CARIO et al, 2008, p. 366)

As empresas que contratam as facções exigem qualidade no acabamento das peças, muitas vezes, premiando com percentuais maiores de pagamento os índices mínimos de defeitos. Assim, o aprendizado é compartilhado tacitamente na etapa produtiva.

A tabela 22 revela a percepção dos entrevistados sobre a contribuição dos representantes de classes.

Tabela 22 - Avaliação da contribuição de sindicatos, associações, cooperativas locais

Número de Empresas do Arranjo que são Subcontratadas				
Tipo de Atividade Subcontratada	Subcontratada por empresa do arranjo	Subcontratada por empresa fora do arranjo	Total Subcontratadas	Subcontratadas/ Total Empresas
1. Fornecimentos de insumos e componentes	0	0	0	0,0%
2. Etapas do processo produtivo (montagem, embalagem, etc)	0	2	2	20,0%
3. Serviços especializados na produção (laboratoriais, engenharia, manutenção,	0	0	0	0,0%
4. Administrativas (gestão, processamento de dados, contabilidade, recursos humanos)	0	0	0	0,0%
5. Desenvolvimento de produto (design, projeto, etc)	0	2	2	20,0%
6. Comercialização	0	0	0	0,0%
7. Serviços gerais (limpeza, refeições, transporte, etc)	0	0	0	0,0%

Fonte: pesquisa de campo

Na perspectiva dos empresários a contribuição das associações empresariais para a definição dos objetivos comuns, embora considerado de baixa importância (0,35), foi o item melhor avaliado dentre o restante. Algumas empresas já participaram do núcleo de confeccionistas de Araranguá, entidade que está inoperante no momento. Outros disseram que desconheciam sua existência ou que nunca foram contatados. O grau de importância observado pelos entrevistados revela a inexistência percebida de governança local.

Como se observa, o setor de confecção em Araranguá possui uma fraca interação entre os agentes potencializados pela competitividade acirrada, reiterando os argumentos apresentados anteriormente. A ausência de ações coletivas protagonizadas, portanto, não desconsidera a importância de um canal de ações e de promoção de atividades locais.

A fundamentação teórica apontou que, por meio da coordenação de esforços, as pequenas empresas são mais eficazes para atuar no mercado em redes de cooperação. O que se observou na realidade das confecções pesquisadas é que a competição afasta a possibilidade da cooperação entre as firmas. Mesmo havendo atividades de subcontratação, no entorno dessas relações não há a difusão de conhecimentos e tecnologias. Esta desverticalização produtiva possui

como objetivos principais a redução de custos e a solução da sazonalidade da produção.

#### 4.5 RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

A questão da sustentabilidade ganha sentido na promoção do desenvolvimento local como um meio de corrigir as distorções sociais agravadas pelo modelo econômico vigente. As ações dirigidas neste caminho, têm a responsabilidade como ponto alto das políticas públicas, das estruturas produtivas e sociais para a governança territorial local. (MANTOVANELI JR; SAMPAIO, 2010)

Internacionalmente, a globalização dos mercados impulsionou grandes economias e disponibilizou produtos e serviços bem como informações em tempo real. Neste processo, as questões ecológicas foram negligenciadas e os impactos ambientais mais aprofundados. Paralelo a isso, uma parte da sociedade não acompanhou as mudanças da economia crescentemente globalizada, no que diz respeito à capacitação profissional e inserção no mercado de trabalho, ficando, assim, às margens do processo o que elevou o nível de pobreza e diferença entre as classes sociais.

A promoção da sustentabilidade deve permear os processos decisórios dos órgãos públicos no sentido de mitigar os problemas sociais e promover o desenvolvimento local. O Vale do Araranguá apresenta impactos ambientais, reconhecidamente o problema das cheias do rio inundando as áreas urbanas e rurais. Adicionalmente a isso, a degradação ocasionada pelo depósito dos rejeitos de carvão na bacia do rio que acidificam as águas fluviais prejudicando a agricultura. Também, contribuem com os problemas ambientais o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras de arroz. (DANTAS et al, 2005)

A preocupação com o meio ambiente ganhou força com o aumento da produção e do consumo, sendo que as indústrias têxteis estão inseridas neste contexto. A adoção de boas práticas de produção levou à redução de custos e do impacto negativo da imagem, bem como à melhoria da competitividade das empresas. (PADILHA et al, 2009)

A Norma NBR 10004:2004 dispõe sobre resíduos sólidos e sua classificação em resíduos perigosos e não perigosos, sendo que estes últimos podem ser de natureza inerte e não-inerte. A identificação do processo que deu origem aos resíduos sólidos inclui a classificação de insumos, matérias primas e do processo produtivo, indicando o

manuseio e a destinação correta dos mesmos. No que tange às atividades das indústrias de confecção, os resíduos têxteis são agrupados na Classe II como Não Perigosos. A destinação inadequada desses resíduos, por exemplo em lixões, nas margens das estradas, ou terrenos baldios, comprometem a qualidade ambiental agravando os problemas socioeconômicos. (SENGER et al, 2010)

A atividade da confecção não apresenta impactos ambientais graves, vale destacar que o montante de resíduos de tecidos são doados, vendidos pelas empresas, separados em lixo para catadores ou encaminhados para empresa especializada em recolhimento de produtos tóxicos, no caso do poliéster, conforme apontado na pesquisa de campo.

A preocupação com os aspectos ambientais nas questões relacionadas ao lixo foram observadas nas indústrias de confecção pesquisadas. Apesar de considerarem importante, não possuem um programa de gestão ambiental. A prática da separação do lixo é comum nas empresas (90%), em sua maioria são destinados aos catadores, de 18 respostas, 14 afirmaram destinar os resíduos para os catadores (figura 16).

Figura 16 - Destino de resíduos sólidos



Fonte: pesquisa de campo

Dentre os pesquisados, a utilização de tecidos com serigrafia é média, apenas 4 entre os 10. Este dado revela que o impacto que pode ser produzido pelos corantes químicos é baixo. Os restos de tecidos sem



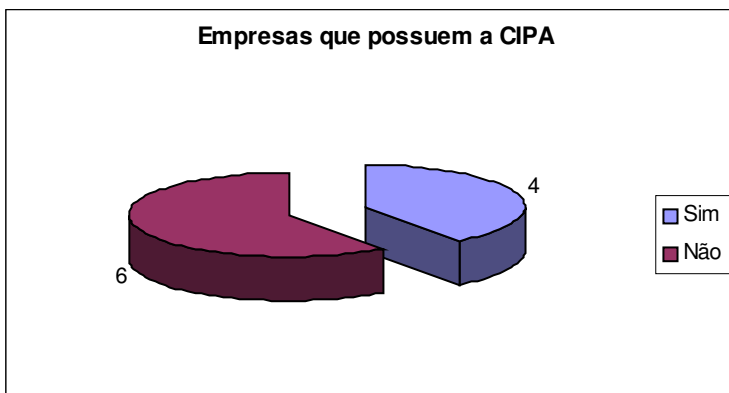
serigrafia são deixados em separado em lixo para serem recolhidos por cooperativas (9 respostas) ou destinados a clubes de mães e pessoas que confeccionam artigos para atividades de limpeza, as estopas, e descartáveis (4 respostas). Os papelões e plásticos são igualmente separados para os catadores recolher.

O gerenciamento dos resíduos sólidos pode trazer resultados satisfatórios economicamente para as empresas, desde o processo de estocagem até redução dos materiais, a reciclagem e o reaproveitamento. (SENGER et al, 2010). O destino desses resíduos tem potencial de geração de renda por meio do reaproveitamento e da promoção da responsabilidade social.

O emprego da gestão do *design* no desenvolvimento de produtos com os resíduos das indústrias agrega valor aos produtos fabricados, além de sugerir a criação de um conjunto de benefícios à comunidade relativos à pobreza, ao impacto ambiental e à sustentabilidade econômica. Por meio do incentivo às relações comerciais na venda dos produtos, haverá a tendência de ocorrer a diminuição do nível de pobreza. O reaproveitamento dos materiais reduz os impactos ambientais provenientes do acúmulo de lixo. As empresas têm a possibilidade de utilizar como insumos os artigos produzidos com os resíduos por um valor inferior aos de seus fornecedores, ao mesmo tempo que fortalecem os vínculos locais e tornam-se menos dependentes dos nacionais.

Os aspectos da sustentabilidade social são relativos às condições de trabalho, práticas trabalhistas, segurança e higiene no ambiente colaborativo, impactos sobre a comunidade e responsabilidade sobre os produtos (SAVITZ, 2007). Na presente pesquisa, abordou-se sobre as condições de trabalho adequadas nas indústrias representadas pela Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA). Segundo a legislação brasileira, as indústrias de confecção de acordo com o dimensionamento previsto na portaria, aquelas que possuem mais do que 30 funcionários, são obrigadas a instalar tal comissão. (BRASIL, 1999)

Figura 17 - Empresas que possuem a CIPA



Fonte: pesquisa de campo

Na consulta sobre este tópico, apenas duas empresas são enquadradas no critério do Ministério do Trabalho e Emprego. Do total pesquisado, entretanto, quatro delas revelaram que possuem a comissão interna. No tocante à ocorrência de acidentes de trabalho, a empresa G revelou que houve um acidente sem afastamento do funcionário e a empresa I registrou acidente com afastamento, ambas possuem a CIPA, conforme a figura 17.

No que tange à assistência à saúde, a metade das empresas possui algum tipo de convênio médico para os funcionários. Estes benefícios são concedidos em forma de planos de saúde com participação do empregado, convênio com farmácias para a compra e posterior desconto em folha de pagamento, além dos exames médicos periódicos exigidos pelo Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO).

O nível de escolaridade do pessoal conforme apresentado na tabela 8, é relativamente baixo, cerca de 50% dos colaboradores possuem abaixo do Ensino Médio incompleto. Considerando os fatores competitivos apontados pelas empresas, os mais relevantes são aqueles que necessitam de maior conhecimento técnico ou gerencial. A tecnologia empregada no setor demanda conhecimentos técnicos para sua utilização, assim como, o desenho e o estilo nos produtos e as estratégias de comercialização, apontados como fatores competitivos de alta importância (tabela 9).

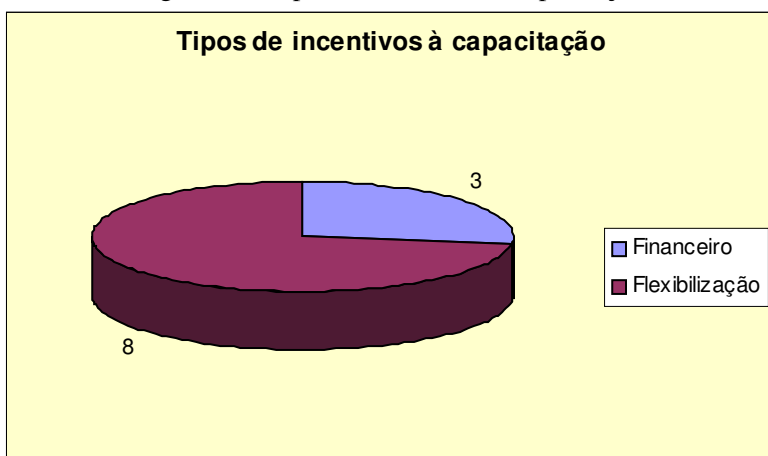
Esta retomada adianta a discussão sobre a necessidade e importância da capacitação e do nível de escolaridade dos colaboradores contrapondo-se às práticas comuns nas empresas. A figura 19 apresenta

11 respostas quanto ao incentivo de capacitação ocorrida nas indústrias de confecção pesquisadas. Uma delas revelou não incentivar os funcionários a melhorar seu conhecimento ou qualificação.

O tipo de incentivo mais comum é a flexibilização de horário e de ajuste de gozo de férias para o indivíduo conciliar o estudo com o emprego. O benefício financeiro concedido por três empresas auxilia o colaborador nas despesas escolares.

Segundo o estudo realizado, as empresas reconhecem a importância de atuar com responsabilidade socioambiental, porém, pouco movimento neste sentido foi observado durante a pesquisa de campo.

Figura 18 - Tipos de incentivos à capacitação



Fonte: pesquisa de campo

O baixo interesse por qualificação profissional no setor ocorre em dois sentidos: a centralização da gestão familiar e o desconhecimento da aplicabilidade da formação técnica ou gerencial. A gestão das empresas pesquisadas é predominantemente familiar, propõe uma tendência à valorização da administração familiar e pouca possibilidade de ascensão profissional no interior das firmas. As funções mais valorizadas são em primeiro lugar, costureira e em segundo modelista, as quais constituem-se como mão de obra semi-qualificada. A contratação de engenheiros têxteis ou de produção não foi observada nas empresas. Essas funções promovem uma disseminação de técnicas e conhecimentos para promover a produtividade e a competitividade da empresa.

As indústrias têxteis mais competitivas são as que se destacam em termos de *design* e conhecimento de mercado (AVELAR, 2009). A gestão das indústrias de Araranguá, por meio de observações diretas e indiretas, são carentes de conhecimento profissional para promover sua sustentabilidade mercadológica e a qualificação do pessoal, fator crucial para atenuar esta lacuna.

Os resultados da pesquisa confirmaram a importância de atuação das empresas de pequeno porte na economia de Araranguá, de acordo com Julien (2010). A contribuição da inovação e do aprendizado coletivo são os principais fatores competitivos no mercado, conforme Johnson e Lundval, 2005; Keller, 2005; Casarotto e Pires, 2002.

Keller (2005) aduz que a competição com as exportações têxteis pode ser minimizada por meio da cooperação e da formação de arranjos de empresas. No caso das confecções pesquisadas, o sistema de governança mostrou-se extremamente frágil.

De maneira geral, em relação à estrutura produtiva e às vantagens da localização, o setor em atuação no município apresenta algumas similaridades. A produção dos artigos do vestuário é bastante heterogênea, não se caracterizando em uma especialização produtiva, diferentemente do que acontece em alguns arranjos produtivos no país, por exemplo a produção de bonés em Apucarana-PR e da linha lar no vale do Itajaí-SC.

A equidade social passa a ser o ponto fundamental para o desenvolvimento de uma cidade, de um estado a até mesmo de um país. Na medida em que as oportunidades não estão disponíveis para todos os indivíduos, o fomento de políticas públicas para essas questões emergenciais tornam-se cruciais.

A colaboração entre empresas deve ser intensificada por meio da formação de redes para o desenvolvimento do aprendizado coletivo e transformar as vantagens competitivas em comparativas. É necessário um compromisso real por parte das organizações em favorecer o aprendizado, considerado como uma vantagem competitiva, em ofertas regulares e, nesse momento, tornar-se uma vantagem comparativa. Caso contrário, a competição via capital intelectual torna-se dispendioso no momento em que apenas uma parcela das indústrias promove treinamento para os funcionários e as outras empresas aproveitam-se da mobilidade da força de trabalho para contratar funcionários treinados pelos concorrentes. Essas medidas isoladas respondem positivamente às demandas atuais, porém, no longo prazo não são duradouras.

As instituições de ensino e pesquisa da região, ao promover relacionamentos com o setor produtor por meio de parcerias, possibilita

o desenvolvimento de inovações subsidiadas pelas indústrias. As universidades são capazes de promover treinamento dos trabalhadores fortalecendo as relações com o mercado de trabalho. No presente estudo foi detectada a fraca absorção dos formandos de cursos universitários e técnicos da região.

Quanto à política de desenvolvimento local, observa-se que a educação formal deve ser incentivada para promover capacitações específicas e gerais em torno da atividade da confecção, como formação de costureiras, cortadores e acabamento, bem como de gerências, empreendedorismo e cooperativismo. Ao tornar o aprendizado uma política constante e integrante das atividades profissionais tanto dos empregadores quanto dos empregados, as empresas tendem a inovar e aumentar sua produtividade.

Os principais problemas encontrados no presente estudo foram:

1. O impacto da globalização na concorrência com os produtos importados de baixo valor aquisitivo;
2. A expressiva informalidade do setor têxtil de confecção;
3. Redução da competência produtiva e tecnológica decorrente do fraco investimento em tecnologias de informação;
4. Baixa qualificação da mão de obra;
5. Desvalorização da remuneração da mão de obra;
6. Produção de artigos com baixo valor agregado;
7. Falta de integração entre os agentes da mesma cadeia produtiva;
8. Ausência de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável;
9. Deficiência no gerenciamento da concepção dos produtos até o artigo final;
10. Ausência de programas de qualificação profissional de curta duração.

Segundo os dados obtidos no referencial teórico e nas entrevistas sobre o setor em estudo, propõem-se algumas alternativas para o desenvolvimento econômico sustentado:

1. Formação de alianças estratégicas no setor de confecção para desenvolver ações conjuntas de capacitação da mão de obra, tanto no nível operacional quanto gerencial;
2. Formação de uma associação para a melhoria da atuação mercadológica, compras em conjunto, investimento em tecnologia e participação em viagens internacionais de negócio;

3. Fortalecimento do relacionamento entre os agentes públicos e privados;
4. Elaboração de projetos conjuntos entre os atores para o desenvolvimento sustentável e à promoção de identidades locais, culturais e diversidade étnica e de gênero;
5. Promoção de incentivos à formalização das empresas;
6. Promoção de projetos de apoio institucional financeiro para empresas formalizadas;
7. Fortalecimento de setores complementares por meio das relações horizontais e verticais da cadeia produtiva;
8. Fiscalização das condições de trabalho, saúde e segurança do trabalhador;
9. Destinação correta dos resíduos têxteis não reaproveitáveis pela coleta de lixo municipal;
10. Mobilização e consenso quanto às vantagens do cooperativismo e associativismo;
11. Retorno do SEBRAE ao município.

Diante disso, é lícito pressupor que a formação de um arranjo produtivo local atenderá às demandas do setor de confecção com o objetivo de torná-lo competitivo no mercado promovendo a sustentabilidade socioambiental e econômica e o desenvolvimento da região.

## 5. CONCLUSÃO

O presente estudo mostrou que o setor têxtil de confecção de Araranguá apresenta os elementos necessários para a configuração de um arranjo produtivo local dentro de um contexto regional. A análise dos dados obtidos por meio da metodologia do estudo de caso aplicada à presente pesquisa, desenvolve algumas considerações sobre o setor. Para tanto, buscou-se responder sobre as condições necessárias e existentes para a formação de um arranjo produtivo local em Araranguá.

De acordo com os estudos realizados e nas informações coletadas foi constatado que a infra-estrutura produtiva e comercial local possui potencialidades para o desenvolvimento do setor. A cadeia produtiva têxtil na região da associação dos municípios, apresenta condições de verticalidade e horizontalidade, isto é, relações entre fornecedores de matéria-prima e insumos, produtores e fornecedores de tecnologias. Além disso, na região há agentes públicos e políticos para o fomento de um arranjo produtivo local.

Inicialmente, foi analisado o reflexo da globalização no setor de confecção em Araranguá e suas implicações no contexto econômico, social e ambiental. A abertura comercial brasileira proporcionou maiores investimentos tecnológicos no setor em questão. Foram observadas iniciativas incipientes de investimento em tecnologia, exceto em gestão organizacional nas empresas do município.

O aprendizado formal e tácito não ficou à disposição de todas as camadas sociais, conforme o referencial teórico consultado. No setor de confecção pesquisado, o nível de escolaridade é relativamente baixo se comparado à média do município. Este fator indica que os processos mais intensivos em conhecimento, como a gestão e a inovação, ficam prejudicados.

O ponto de partida da análise foi a globalização e seus impactos na sociedade e na produção de mercadorias, o que revelou maiores vantagens do ponto de vista técnico e desvantagens nas questões sociais e nas condições ambientais. Arelado a esse acontecimento, entretanto, formas de regionalização econômica e social, descentralização política apontaram para a promoção do desenvolvimento local.

O segundo objetivo da pesquisa delineou as condições existentes e as que são necessárias para a configuração de um arranjo produtivo no setor da confecção. Os autores consultados revelaram que a análise de *cluster* apresenta-se como ponto de partida para a formação de arranjos produtivos, na medida em que não se necessita possuir todos os elos da cadeia dentro do mesmo aglomerado competitivo. Assim, Araranguá

apresenta potencial de formação de *cluster*, sendo que, à jusante, formou-se um comércio estruturado de produtos da região para venda principalmente ao Rio Grande do Sul. A maior deficiência encontra-se no outro extremo da cadeia de valor como os fornecedores de tecidos, pois a região conta com malharias em Tubarão (de médio porte) e Içara (de pequeno porte). Além do fornecimento de matéria-prima, as empresas do município dependem de Criciúma para a realização de serviços terceirizados de conserto de máquinas do setor produtivo. A maior dificuldade, entretanto, encontra-se na disposição de mão de obra qualificada.

Para o equacionamento dos problemas estruturais no setor da confecção, Araranguá necessita, ainda, de uma integração entre firmas produtoras, comércio, fornecedores, consumidores, instituições de ensino e pesquisa, financeiras e agências de apoio à atividade comercial e industrial. O poder público tem o papel de fomentar essas parcerias por meio da criação de programas de apoio institucional, tais como incentivos fiscais, capacitação, apoio tecnológico e financeiro. Na visão do desenvolvimento local, os fornecedores de matéria-prima, de máquinas e equipamentos poderiam fazer parte do mesmo *cluster* para, assim, aprimorar os conhecimentos por meio da aproximação geográfica.

O setor do vestuário apresenta forte potencial de impacto social por meio da exploração da mão de obra. Este problema resulta da verticalização da cadeia produtiva, por meio das atividades faccionistas utilizadas pelas pequenas e médias empresas. As atividades de *design e marketing* tornam-se fatores ausentes na dinâmica das empresas de Araranguá. As empresas pesquisadas trabalham com o desenvolvimento de marcas próprias e no atendimento a todas as etapas da cadeia de produtiva, o que enfraquece a possibilidade da cooperação. Soma-se a isso, a estrutura do setor de desenvolvimento de produtos pouco formalizada, além disso, as fontes de pesquisas são praticamente as mesmas dificultando a diferenciação dos artigos e fomentando a atividade imitativa das grandes marcas.

Os dados obtidos indicam que a fraca interação entre as empresas reduz a possibilidade de realizar ações cooperadas como compra conjunta, qualificação da mão de obra e participação em eventos de moda. Não foi relatada pelas empresas a realização de ações em conjunto, todas elas atuam isoladamente.

De acordo com os dados analisados, observa-se que a região dos municípios possui condições de formação de um APL, entretanto, isoladamente, Araranguá não comporta um arranjo, pois estrutura



produtiva e comercial se apresenta parcialmente consolidada. Já o ativo social aparece isolado, não havendo sinergia com os fatores de produção ou de transferência tecnológica, demonstrando apenas a rotatividade dos funcionários. Para solucionar essas limitações é fundamental a atuação da estrutura de governança local, conforme analisado no terceiro objetivo.

Para o desenvolvimento de um arranjo produtivo local é necessária a atuação e desempenho de ações coletivas entre os atores e instituições locais, por meio da estrutura de governança. Apesar de serem enumerados os atores necessários ao desenvolvimento local e sua confrontação com os existentes, seria prudente concluir que há um sistema de governança. Ao analisar as relações dos agentes, verifica-se que, apesar da sua existência, estas se apresentam de forma desarticulada, cada um atuando isoladamente na busca de objetivos comuns. Neste tipo de relacionamento a presença das instituições políticas e privadas não garante a transferência de conhecimento. No longo prazo, a articulação dos atores no desenvolvimento local pode ser efetivada por meio de operações conjuntas para a redução das dificuldades. Dentre elas, a melhoria da qualificação, da produtividade e da inserção da inovação na gestão organizacional.

O estímulo ao associativismo torna-se necessário para reduzir a desconfiança entre os agentes e promover um ambiente colaborativo. Este fato requer um estudo mais aprofundado sobre a dinâmica e o comportamento organizacional das empresas de Araranguá e da região.

O município, no qual estão inseridas as empresas estudadas, tem como potencial o turismo por sua vocação de paisagens naturais como o Morro dos Conventos, a comunidade de Ilhas, atividades de lazer, museu e o turismo de compras voltado aos produtos de vestuário. A maior preocupação ambiental dos empresários entrevistados é relativa ao destino dos resíduos de tecidos da produção. A atividade da confecção não desenvolve impactos ambientais graves, visto que os resíduos são classificados como não perigosos. Entretanto, a sustentabilidade social pode ser promovida por meio de projetos para o fomento do trabalho e renda com a utilização das sobras de tecidos.

Apesar deste trabalho tratar sobre a área do vestuário, o desenvolvimento de competências para os outros setores é de fundamental importância no desenvolvimento econômico e social da região. A formação de um núcleo organizado para gerir políticas e metas institucionais voltadas ao aprendizado e no estudo de tendências de mercado, é importante para a construção de uma visão comum de promoção do bem-estar e do crescimento econômico sustentado.

Diversos atores como representantes políticos, empresários e gerentes de diversos setores, associações de classe, universidades, serviços de apoio institucional, agências de financiamento e bancos, integrantes da sociedade civil e de organizações não governamentais como sindicatos, grupos de direitos ambientais e familiares, poderiam ser integrantes deste núcleo. O raciocínio para essa conclusão foi desenvolvido ao longo deste trabalho acerca do papel dos agentes políticos como elemento catalisador ou mediador.

No geral, conclui-se que a atividade vestuarista de Araranguá é concebida como uma aglomeração informal em função da fraca interação entre os agentes que a compõem e da estrutura de apoio deficiente. Devido à facilidade de implantação de uma confecção em termos de investimento inicial, mão de obra e tecnologia, ocorreu um efeito de transbordamento inicialmente em Criciúma, propagando-se para as regiões periféricas do sul do estado. Essa atividade é geradora de muitos postos de trabalho, com grande contingente de trabalhadores informais bastante expressivo. O caráter exploratório da presente pesquisa restringiu-se a considerar alguns elementos importantes para a configuração de um APL inovativo e sustentável no setor. Outros elementos em novos trabalhos deverão ser considerados e analisados, além de aprofundar os mencionados, para subsidiar com segurança a ação de políticas públicas e outras visando à consolidação da atividade.

A dificuldade de se empregar um cálculo estatístico confiável para determinar uma amostra de pesquisa foi decorrente das complexas faces e muitas variáveis que compõem a população. O estudo aplicado não pretende generalizar os resultados de um grupo observado com a realidade expressa no setor.

No decorrer do trabalho foi verificada uma fragilidade na gestão das empresas no que tange à implementação de técnicas avançadas de gestão, emprego de tecnologia, relação com o mercado e desenvolvimento de produtos com valor agregado em diferenciação, inovação e utilização de práticas de gestão socioambiental.

Se por um lado a gestão das empresas apresentou deficiências, por outro, constatou-se que não existe políticas de apoio bem delineadas voltadas ao desenvolvimento das micro e pequenas empresas do setor de confecção. O baixo índice de interação entre as empresas, governo, instituições de apoio e de crédito impossibilita o estabelecimento de relações cooperativas. Isso contribui para dificultar o compartilhamento de informações, a difusão de conhecimento e de inovação e, por conseguinte, o desenvolvimento sustentável do setor.

Os estudos relacionados aos APLs enfatizam o desenvolvimento econômico prevendo impactos ambientais relacionados a esse crescimento. A qualidade dos padrões socioambientais de um arranjo é a chave para o desenvolvimento sustentável. O cumprimento das leis trabalhistas, ambientais, o respeito à saúde e à segurança dos colaboradores e a formalização das empresas não trazem externalidades negativas para o município.

É fundamental que se conceba a estrutura das micro e pequenas empresas como fortalecedora da economia regional e local e não como mera absorvedora de mão de obra de baixa qualificação e geradora de emprego e renda. Assim, entende-se que apoiar a formação de um arranjo produtivo local no setor do vestuário proporcionará geração de riqueza e promoverá o desenvolvimento local permanente em um contexto favorável de sustentabilidade social, ambiental e econômica, produtividade e acesso aos mercados.

## 6. REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **Disjunção e diferença na economia cultural global**. In: FEATHERSTONE, M. (Org.) *Cultura Global*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ARARANGUÁ. Plano Diretor Municipal. Disponível em <http://www.ararangua.net/>. Acesso em 10 mar. 2012.

AVELAR, S. **Moda: Globalização e novas tecnologias**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora. 2009.

BERNETT, D. et al. A formação de indicadores de capital social por meio de organizações intensivas em conhecimento como potencializadores de desenvolvimento local sustentável. In: **Congresso Internacional de Administração**, 2010, Ponta Grossa. ADM 2010. Ponta Grossa:ADM, 2010.

BNDES. **Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão da inovação**. Rio de Janeiro: BNDES, março 2009, n.29. p.159-202.

BRANDENBURG, Alfio. **Modernidade, meio ambiente e desenvolvimento**. Caderno de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 96, n. 03, p.49-59, 1996. Anual.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria n.º 08 de 23 de fev. 1999. Dispõe sobre a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Brasília-DF: Diário Oficial da União, 1999.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação anual de informações sociais (RAIS)**. Brasília- DF: Ministério do Trabalho e Emprego, 2010.

BRDE. Convênio de cooperação técnica e financeira: n.º 25. Disponível em:

<[http://www.brde.com.br/media/brde.com.br/doc/convenioSEBRAE/Convenio%20de%20Cooperacao%20Tecnica%20e%20Financeira%20n%2025\\_2011.pdf](http://www.brde.com.br/media/brde.com.br/doc/convenioSEBRAE/Convenio%20de%20Cooperacao%20Tecnica%20e%20Financeira%20n%2025_2011.pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2012.

BRITTO, Jorge. Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 2000.

CAMPOS, Antônio Carlos. Do aglomerado industrial ao APL: uma análise da indústria de confecções de Cianorte (PR). **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.147-176, 2008. Semestral.

CAMPOS, Antônio Carlos; PAULA, Nilson Maciel. Do Aglomerado Industrial ao APL: uma análise da indústria de confecções de Cianorte (PR). **RBI**, Rio de Janeiro, v. 7 nº 1, p.147-176, janeiro/ junho 2008.

CAMPOS, Renato et al (Org). **Políticas estaduais para arranjos produtivos locais no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

CAMPOS, Renato; NICOLAU, José Antônio; CÁRIO, Sílvio Antônio Ferraz. **Sistemas locais de inovação : um estudo preliminar de casos selecionados no estado de santa catarina**. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Ie/ufrj, 1998. Disponível em: <[www.ie.ufrj.br/redesist/P1/texto/NT10.PDF](http://www.ie.ufrj.br/redesist/P1/texto/NT10.PDF)>. Acesso em: 16 nov. 2011.

CAMPOS, Renato; NICOLAU, José Antônio; CÁRIO, Sílvio Antônio Ferraz. **Arranjo Produtivo Têxtil-Vestuário do Vale do Itajaí/SC**. Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IE/UFRJ. Rio de Janeiro, Dezembro de 2000.

CAPORALI, Renato; VOLKER, Paulo R. M. **Metodologia de desenvolvimento de arranjos produtivos locais: Projeto Promos/Sebrae/BID : versão 2.0**. Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

CARIO, Sílvio A. F. et al (Org.). **Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva**. Blumenau: Nova Letra, 2008.

CARVALHO, Edgard de Assis. Complexidade e ética planetária. In: PENA-VEGA, Alfredo e NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (Orgs.). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

CASAROTO F. Nelson.; PIRES, Luís Henrique. **Redes de pequenas e médias empresas: desenvolvimento local**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

CASSIOLATO, José Eduard; LASTRES, Helena Maria Martins. Sistemas de inovação e desenvolvimento: as implicações de política. **São Paulo em Perspectiva**. v. 19, n. 1, p. 34-45, jan./mar. 2005.

CASTELLS. M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESARA, M. Que moda é essa ? **Revista Observatório Social**, São Paulo, n. 10, p.4-15, 10 maio 2006. Semestral.

COBRA, Marcos. **Marketing e moda**. São Paulo: Senac, 2007.

CROCCO, Marco Aurélio et al. Metodologia de identificação de aglomerações produtivas locais. **Nova Economia**, Belo Horizonte, maio/agosto 2006.

DANTAS, Marcelo Eduardo; et al. **Geomorfologia aplicada à Gestão Integrada de Bacias de Drenagem: Bacia do Rio Araranguá (SC), Zona Carbonífera Sul-Catarinense.** In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS, 16., 20 - 24 nov. 2005, João Pessoa, PB., Anais... João Pessoa, PB: ABRH, 2005. 74 p. Disponível em: <[www.cprm.gov.br/rehi/simposio/dehid/Marcelo%20Dantas.pdf](http://www.cprm.gov.br/rehi/simposio/dehid/Marcelo%20Dantas.pdf)> Acesso em: 30 abr. 2012.

DE MASI, D. **O futuro da moda de Santa Catarina: previsões para o período 2008-2012.** Tubarão: Unisul, 2008.

FEATHERSTONE, M. (Org.) *Cultura Global*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FEGHALI, M. DWYER, D. **As engrenagens da moda.** Rio de Janeiro: Senac, 2006.

FIALHO, Francisco A. Pereira et al. **Gestão da sustentabilidade na era do conhecimento: o desenvolvimento sustentável na sociedade pós-industrial.** Florianópolis: Visual Books, 2008.

FRIEDMAN, J. Ser no mundo: globalização e localização. In: FEATHERSTONE, M. (Org.) **Cultura Global**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GAZZONI, Marina. **Fábrica mais antiga de Brusque vai comprar tecido pronto da China: Tecidos Carlos Renaux, criada em 1892, suspendeu produção de fio e começará a distribuir tecidos chineses.** Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/empresas/industria/fabrica+mais+antiga+de+brusque+vai+comprar+tecido+pronto+da+china/n1238085205689.html>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIUSTI, N. A indústria da moda nos estudos organizacionais. In: SORCINELLI, P. (Org.). **Estudar a moda:** corpos, vestuário e estratégias. São Paulo: Senac, 2008.

GOLDENBER, Mirian. **A arte de pesquisar.** Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Ensaio sobre pesquisa qualitativa.** Criciúma: UNESC, 2006.

GONÇALVES, Teresinha Maria. Habitação e sustentabilidade urbana. **Revista Invi**, Chile, v. 24, n. 65, p.113-136, maio 2009.

GOULARTI FILHO, A., JENOVEVA NETO, R. **A indústria do vestuário:** economia, estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

HANNERZ, U. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, M. (Org.) **Cultura Global.** Petrópolis: Vozes, 1999.

IACONO, A.; NAGANO, M. S. Uma análise e reflexão sobre os principais instrumentos para o desenvolvimento sustentável dos Arranjos Produtivos Locais no Brasil. **Revista Gestão Industrial**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 37-51, 2007.

IEMI. **Brasil têxtil 2011.** IEMI: São Paulo, 2011.

JOHNSON B. LUNDEVALL B. Promovendo sistemas de inovação como resposta á economia do aprendizado crescentemente globalizada. In: LASTRES, Helena Maria; CASSIOLATO, Jose Eduardo; ARROIO, Ana (Org.). **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.



JULIEN, Pierre-André. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

KAULING, Graziela B. **A inserção da gestão do design no processo de desenvolvimento de produtos em empresas de confecção de Araranguá**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de arquitetura, Programa de Pós-graduação em design, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

KELLER, P. F. Globalização e novas estratégias empresariais na cadeia têxtil brasileira: uma discussão sobre a via alta para uma inserção competitiva. **Revista ADM.MADE**. Rio de Janeiro, v. 8, n.9, p.93-124, jan/jun 2005.

KRUGMAN, Paul. **Geography and trade**. Palatino: The Mit Press, 1993.

LASTRES, H. CASSIOLATO, J. E., ARROIO, A. **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José E.. Questionário para arranjos produtivos locais. Disponível em: <[http://www.redesist.ie.ufrj.br/nt\\_count.php?projeto=ar2&cod=1](http://www.redesist.ie.ufrj.br/nt_count.php?projeto=ar2&cod=1)>. Acesso em: 10 nov. 2011.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 343 p.

LEMOS, C. Inovação para arranjos e sistema produtivo de MPes. In: SEBRAE; LASTRES, Helena Maria Martins; VILLASCHI FILHO, Arlindo. **Interagir para competir: promoção de arranjos produtivos e inovativos no Brasil**. Brasília, DF: SEBRAE, 2002.

LEMOS, C. **Micro, pequenas e médias empresas no Brasil**: novos requerimentos de políticas para a promoção de sistemas produtivos locais, Tese (doutorado) – Curso de Ciências, Departamento COPPE, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

LINS, H. **Reestruturação industrial em Santa Catarina**: pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios do anos 90. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

MANTOVANELI JR, Oklinger. SAMPAIO, Carlos. A.Cioce. Governança para o desenvolvimento territorial sustentável. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**. n. 18, p77-88, dezembro 2010.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**: tratado introdutório. São Paulo: Nova Cultural, v.I, p.231-238, 1985.

MARTINS, Humberto. Inovação e Território Local: um estudo sobre capacitação tecnológica em cidades selecionadas. **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.153-190, janeiro/junho 2007. Semestral.

MASCIO, A. Moda e meios de comunicação de massa.In: SORCINELLI, P. Promovendo sistemas de inovação como resposta á economia do aprendizado (Org.). **Estudar a moda**:corpos, vestuário e estratégias. São Paulo: Senac, 2008.

MITELKA, Lynn, FARINELLI, Fulvia. De aglomerados locais a sistemas de inovação. In: LASTRES, Helena Maria; CASSIOLATO, Jose Eduardo; ARROIO, Ana (Org.). **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

MONTIBELLER, Gilberto F. Desenvolvimento e economicidade socioambiental. In: PHILIPPI JR, A. (org.). **Curso de Gestão Ambiental**. São Paulo: Manole, 2010 (prelo).

MONTIBELLER, Gilberto F. **O mito do desenvolvimento sustentável**. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.

MUNICIPIO, Jornal O. **Schlösser**: Há um novo investidor. Disponível em:  
<<http://www.omunicipio.com.br/Website/Noticias/?CodigoNoticia=3428>>. Acesso em: 28 fev. 2011.

NOVIK, L; BLANCH A. Design de moda e negócios politicamente corretos. In: PIRES, D. B. (org.). **Design de moda: olhares diversos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

OCDE (United Estates). **Competitive regional cluster: national policy aproachs**. Disponível em:  
<<http://www.oecd.org/dataoecd/34/22/38653705.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

OLIVEIRA, José Antônio Puppim de (Org.). **Pequenas empresas, arranjos produtivos e sustentabilidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

PAULA, Daniel Farias. A indústria de confecção do vestuário na região metropolitana de Belém - Pará. 2008. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento, Ufp, Belém, 2008.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. Reestruturação produtiva e espaço regional no sul do Brasil. Disponível em:  
[http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografi asocioeconomica/Geografiaregional/03.pdf](http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografi%20asocioeconomica/Geografiaregional/03.pdf). Acesso em: 19 out. 2011.

PIRES, Dorotéia B. (org.). **Design de moda: olhares diversos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

Portal HSM. **John Elkington**: os executivos sabem qual compromisso estão assumindo? Disponível em: <http://www.hsm.com.br/artigos/john-elkington-os-executivos-sabem-qual-compromisso-estao-assumindo>. Acessado em: 18 nov. 2010.

PORTER, M. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

RAUEN, André Tortato; MONTIBELLER, Gilberto. Eficiência coletiva em clusters industriais: análise do setor químico da Microrregião de Criciúma em SC. **Ensaio Fee**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p.262-292, 2008. Mensal.

REDELAT. **As relações econômicas e geopolíticas entre a china e a América latina** : aliança estratégica ou interdependência assimétrica? Disponível em [http://issuu.com/observatorio\\_social/docs/chinaxal\\_por](http://issuu.com/observatorio_social/docs/chinaxal_por). Acesso em 06 ago. 2011.

REDESIST. **Arranjos produtivos locais**: uma estratégia de ação para o Sebrae. Rio de Janeiro, UFRJ: 2003. Disponível em: : <[http://www.redesist.ie.ufrj.br/nt\\_count.php?projeto=ar2&cod=1](http://www.redesist.ie.ufrj.br/nt_count.php?projeto=ar2&cod=1)>. Acesso em: 10 nov. 2011.

RODRIGUES, Marco Aurélio. Identificação e análise espacial das aglomerações produtivas do setor de confecções na região Sul. In: **37 Encontro Nacional de Economia**, 2009, Foz do Iguaçu. 37 ANPEC. Foz do Iguaçu : ANPEC, 2009

SACHS, Ignany. **Rumo à ecossocioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTA CATARINA. Lei nº 14.328, de 15 de janeiro de 2008. Dispõe sobre incentivos à pesquisa científica e tecnológica e à inovação no ambiente produtivo do Estado de Santa Catarina. **Fapesc: Lei Catarinense de Inovação**, 2009.

SANTOS, F.; CROCCO, M.; LEMOS, M. B. Arranjos e sistemas produtivos locais em "espaços industriais" periféricos: estudo comparativo de dois casos brasileiros. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 147-180, 2002.

SAVITZ, Andrew W. **A empresa sustentável: o verdadeiro sucesso é o lucro com responsabilidade social e ambiental**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SCHIMITZ, Hubert. Aglomerações produtivas locais e cadeias de valor. In: LASTRES, Helena Maria; CASSIOLATO, José E; ARROIO, Ana (Org.) **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

SCHIMITZ, Hubert. Collective efficiency and increasing returns. **Journal of development studies**. Vol 31 n.4, april 1995.

SEBRAE. **Termo de referência para atuação do sistema Sebrae em arranjos produtivos**. Brasília- DF: Sebrae, 2003.

SEBRAE; LASTRES, H.; VILLASCHI FILHO, A. **Interagir para competir: promoção de arranjos produtivos e inovativos no Brasil**. Brasília, DF: SEBRAE, 2002.

SENGER, Carina Maria et al. CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINSITRAÇÃO, 2010, Ponta Grossa. **Conscientização Empresarial Quanto ao Acondicionamento Final de Resíduos Sólidos da Confeção de Bonés na Cidade de Apucarana.** Ponta Grossa: Admpg, 2010. Disponível em: <<http://www.admpg.com.br/2010/selecionados.php>>. Acesso em: 24 set. 2011.

SHIMITZ, H. Aglomerações produtivas locais e cadeias de valor. In: LASTRES, Helena Maria; CASSIOLATO, Jose Eduardo; ARROIO, Ana (Org.). **Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

SORATTO, Rafela B. OLIVEIRA, Aline H. P. de. **Apostila de Tecnologia da Confeção.** IFSC: Araranguá, 2010.

TEIXEIRA, Keuler Hissa et al. Território, cooperação e inovação: um estudo sobre o Arranjo Produtivo Pingo D'água. **Rer**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 03, p.573-594, 2006. Jul/set.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 9 ed. Atlas. São Paulo: 2007.

VILLELA, L. E. PINTO, M. C. S. Governança e gestão social em redes empresariais: análise de três arranjos produtivos locais (APLs) de confecções no estado do Rio de Janeiro. **Revista de administração pública.** Rio de Janeiro, p.1067-1089, set/out 2009.

VILPOUX, Olivier F.; OLIVEIRA, Eule José de. Instituições informais e governanças em arranjos produtivos locais. **Rev. econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2010.

WAL-MART. **Cadeias Produtivas.** Disponível em:  
[http://www.walmartsustentabilidade.com.br/\\_pdf/relatorios/walmart-relatorio-cadeias-produtivas.pdf](http://www.walmartsustentabilidade.com.br/_pdf/relatorios/walmart-relatorio-cadeias-produtivas.pdf). Acesso em: 16 jun. 2009.

**APÊNDICE**



## Apêndice A – Questionário Aplicado Aos Empresários

### AS EMPRESAS NO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL

Código de identificação: Número do arranjo \_\_\_\_\_ Número do questionário \_\_\_\_\_

#### I – IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

1. Razão Social: \_\_\_\_\_  
 2. Endereço: \_\_\_\_\_  
 3. Município de Localização: \_\_\_\_\_ (Código IBGE) \_\_\_\_\_

#### 4 Tamanho.

<input type="checkbox"/> 1.	Micro
<input type="checkbox"/> 2.	Pequena
<input type="checkbox"/> 3.	Média
<input type="checkbox"/> 4.	Grande

5. Segmento de atividade principal (Classificação CNAE): \_\_\_\_\_  
 6. Pessoal ocupado atual: \_\_\_\_\_  
 7. Ano de fundação \_\_\_\_\_  
 8. Origem do capital controlador da empresa:  

<input type="checkbox"/> 1.	Nacional
<input type="checkbox"/> 2.	Estrangeiro
<input type="checkbox"/> 3.	Nacional e Estrangeiro

#### 9. Informe o número de pessoas que trabalham na empresa, segundo características das relações de trabalho:

Tipo de relação de trabalho	Número de pessoal ocupado
Sócio proprietário	
Contratos formais	
Estagiário	
Serviço temporário	
Terceirizados	
Familiares sem contrato formal	
Total	

#### 2. Escolaridade do pessoal ocupado (situação atual):

Ensino	Número de pessoal ocupado
Analfabeto	
Ensino fundamental incompleto	
Ensino fundamental completo	
Ensino médio incompleto	
Ensino médio completo	
Superior incompleto	
Superior completo	
Pós-Graduação	
Total	

#### 3. Quais fatores são determinantes para manter a capacidade competitiva na principal linha de produto? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para sua empresa.

Fatores	Grau de Importância			
Qualidade da matéria-prima e outros insumos	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Qualidade da mão-de-obra	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Custo da mão-de-obra	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Nível tecnológico dos equipamentos	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Capacidade de introdução de novos produtos/processos	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Desenho e estilo nos produtos	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Estratégias de comercialização	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Qualidade do produto	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Capacidade de atendimento (volume e prazo)	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Outra. Citar:	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )

### III – INOVAÇÃO, COOPERAÇÃO E APRENDIZADO

1. Qual a ação de sua empresa **no período de 2005 a 2010**, quanto à **introdução de inovações**? Informe as principais características conforme listado abaixo. (Observe no Box 1 os conceitos de produto/processos **novos** ou produtos/processos **significativamente** melhorados de forma a auxiliá-lo na identificação do tipo de inovação introduzida)

Descrição	1. Sim	2. Não
<b>Inovações de produto</b>		
Produto novo para sua empresa, mas já existe no mercado?	( 1 )	( 2 )
Produto novo para o mercado nacional?	( 1 )	( 2 )
Produto novo para o mercado internacional?	( 1 )	( 2 )
<b>Inovações de processo</b>		
Processos tecnológicos novos para sua empresa, mas já existe no setor?	( 1 )	( 2 )
Processos tecnológicos novos para o setor de atuação?	( 1 )	( 2 )
<b>Outros tipos de inovação</b>		
Criação ou melhoria substancial, do ponto de vista tecnológico, de modo de acondicionamento de produto (embalagem)?	( 1 )	( 2 )
Inovações no desenho dos produtos?	( 1 )	( 2 )
<b>Realização de mudança organizacionais (inovações organizacionais)</b>		
Implementação de técnicas avançadas de gestão?	( 1 )	( 2 )
Implementação de significativas mudanças na estrutura organizacional?	( 1 )	( 2 )
Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de marketing?	( 1 )	( 2 )
Mudanças significativas nos conceitos e/ou práticas de comercialização?	( 1 )	( 2 )
Implementação de novos métodos e gerenciamento, visando atender normas de Certificação (ISO 9000, ISO 14000, etc.)?	( 1 )	( 2 )

2. Se sua empresa **introduziu algum produto novo ou significativamente melhorado durante os últimos anos, 2005 a 2010**, favor assinalar a participação destes produtos nas vendas em 2010, de acordo com os seguintes intervalos: ( 1 ) equivalente de 1% a 5%; ( 2 ) de 6% a 15%; ( 3 ) de 16% a 25%; ( 4 ) de 26% a 50%; ( 5 ) de 51% a 75%; ( 6 ) de 76% a 100%.

Descrição	Intervalo
Vendas internas em 2010 de novos produtos (bens ou serviços) introduzidos entre <b>2005 e 2010</b> .	( 0 )   ( 1 )   ( 2 )   ( 3 )   ( 4 )   ( 5 )   ( 6 )
Vendas internas em 2010 de significativos aperfeiçoamentos de produtos (bens ou serviços) introduzidos entre <b>2005 e 2010</b> .	( 0 )   ( 1 )   ( 2 )   ( 3 )   ( 4 )   ( 5 )   ( 6 )
Exportações em 2010 de novos produtos (bens ou serviços) introduzidos entre <b>2005 e 2010</b> .	( 0 )   ( 1 )   ( 2 )   ( 3 )   ( 4 )   ( 5 )   ( 6 )
Exportações em 2010 de significativos aperfeiçoamentos de produtos (bens ou serviços) introduzidos entre <b>2005 e 2010</b> .	( 0 )   ( 1 )   ( 2 )   ( 3 )   ( 4 )   ( 5 )   ( 6 )

3. Sua empresa efetuou atividades de **treinamento e capacitação** de recursos humanos **durante os últimos três anos, 2008 a 2010**? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância.

Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Descrição	Grau de Importância			
Treinamento na empresa	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Treinamento em cursos técnicos realizados no arranjo	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Treinamento em cursos técnicos fora do arranjo	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Estágios em empresas fornecedoras ou clientes	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Estágios em empresas do grupo	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Contratação de técnicos/engenheiros de outras empresas do arranjo	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Contratação de técnicos/engenheiros de empresas fora do arranjo	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Absorção de formados dos cursos universitários localizados no arranjo ou próximos	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )
Absorção de formados dos cursos técnicos localizados no arranjo ou próximo	( 0 )	( 1 )	( 2 )	( 3 )

#### IV – ESTRUTURA, GOVERNANÇA E VANTAGENS ASSOCIADAS AO AMBIENTE LOCAL

1. Quais são as principais **vantagens que a empresa tem por estar localizada no arranjo**? Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para sua empresa.

Externalidades	Grau de Importância			
	(0)	(1)	(2)	(3)
Disponibilidade de mão-de-obra qualificada	(0)	(1)	(2)	(3)
Baixo custo da mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com os fornecedores de insumos e matéria-prima	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com clientes/consumidores	(0)	(1)	(2)	(3)
Infra-estrutura física (energia, transporte, comunicações)	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com produtores de equipamentos	(0)	(1)	(2)	(3)
Disponibilidade de serviços técnicos especializados	(0)	(1)	(2)	(3)
Existência de programas de apoio e promoção	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com universidades e centros de pesquisa	(0)	(1)	(2)	(3)
Outra. Citar:	(0)	(1)	(2)	(3)

4. A empresa atua como **subcontratada ou subcontratante** de outras empresas, através de contrato ou acordo de fornecimento regular e continuado de peças, componentes, materiais ou serviços? Identifique o porte das empresas envolvidas assinalando 1 para Micro e Pequenas Empresas e 2 para Grandes e Médias Empresas.

4.1 Sua empresa mantém relações de subcontratação com outras empresas?

(1) Sim	(2) Não
---------	---------

Caso sua resposta seja negativa passe para a questão 6.

4.2 Caso a resposta anterior seja positiva, identifique:

Sua empresa é:	Porte da empresa subcontratante	
Subcontratada de empresa local	(1)	(2)
Subcontratada de empresa localizadas fora do arranjo	(1)	(2)
	Porte da empresa subcontratante	
Subcontratante de empresa local	(1)	(2)
Subcontratante de empresa localizadas fora do arranjo	(1)	(2)

5. Caso sua empresa seja **subcontratada**, indique o **tipo de atividade** que realiza e a **localização** da empresa subcontratante:

1 significa que empresa não realiza esse tipo de atividade, 2 significa que a empresa realiza a atividade para um subcontratante localizada dentro do arranjo, 3 significa que a empresa realiza a atividade para uma subcontratante fora do arranjo.

Tipo de atividade	Localização		
Fornecimento de insumos e componentes	(1)	(2)	(3)
Etapas do processo produtivo (montagem, embalagem, etc.)	(1)	(2)	(3)
Serviços especializados na produção (laboratoriais, engenharia, manutenção, certificação, etc)	(1)	(2)	(3)
Administrativas (gestão, processamento de dados, contabilidade, recursos humanos)	(1)	(2)	(3)
Desenvolvimento de produto ( <i>design</i> , projeto, etc.)	(1)	(2)	(3)
Comercialização	(1)	(2)	(3)
Serviços gerais (limpeza, refeições, transporte, etc.)	(1)	(2)	(3)

6. Como a sua empresa **avalia a contribuição de sindicatos, associações, cooperativas locais**, no tocante às seguintes atividades:

Favor indicar o grau de importância utilizando a escala, onde 1 é baixa importância, 2 é média importância e 3 é alta importância. Coloque 0 se não for relevante para a sua empresa.

Tipo de contribuição	Grau de Importância			
Auxílio na definição de objetivos comuns para o arranjo produtivo	(0)	(1)	(2)	(3)
Estímulo na percepção de visões de futuro para ação estratégica	(0)	(1)	(2)	(3)
Disponibilização de informações sobre matérias-primas, equipamentos, assistência técnica, consultoria, etc.	(0)	(1)	(2)	(3)
Identificação de fontes e formas de financiamentos	(0)	(1)	(2)	(3)
Promoção de ações cooperativas	(0)	(1)	(2)	(3)
Apresentação de reivindicações comuns	(0)	(1)	(2)	(3)
Criação de fóruns e ambientes de discussão	(0)	(1)	(2)	(3)
Promoção de ações dirigidas a capacitação tecnológica de empresas	(0)	(1)	(2)	(3)
Estímulo ao desenvolvimento do sistema de ensino e pesquisa local	(0)	(1)	(2)	(3)
Organização de eventos técnicos e comerciais	(0)	(1)	(2)	(3)

**V- RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL**

## 1. Práticas de gestão ambiental

( 1 ) Sim

( 2 ) Não

	1. Sim	2. Não
Sua empresa possui um programa de gestão ambiental?	( 1 )	( 2 )

Caso sua resposta seja não, passe para a pergunta 2.

Qual?		
1.2 Sua empresa faz separação do lixo?	( 1 )	( 2 )

## 1.2. Qual a destinação dos resíduos industriais?

1 significa que os resíduos industriais são depositados no aterro controlado. 2 significa que o lixo é destinado à um aterro sanitário. 3 para um vazadouro à céu aberto. 4 destinado à cooperativas . 5 para triagem e 6 para outros.

Descrição	Intervalo
Tecidos sem serigrafia	( 0 )   ( 1 )   ( 2 )   ( 3 )   ( 4 )   ( 5 )   ( 6 )
Tecidos com serigrafia	( 0 )   ( 1 )   ( 2 )   ( 3 )   ( 4 )   ( 5 )   ( 6 )
Papelão e plásticos?	( 0 )   ( 1 )   ( 2 )   ( 3 )   ( 4 )   ( 5 )   ( 6 )

## 2. Relações de trabalho

	1. Sim	2. Não
2.1 Sua empresa possui a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA)?	( 1 )	( 2 )
2.2 Na sua empresa ocorreram acidentes de trabalho nos últimos 3 anos? Quantos?	( 1 )	( 2 )

Com afastamento

Sem afastamento

2.3 Sua empresa possui algum tipo de convênio médico para os funcionários?

2.4 Sua empresa incentiva a capacitação formal dos funcionários?

2.5 Se sim, qual o tipo? 1 para financeiro, 2 para flexibilidade contratual (horário, férias, etc)

1. Sim	2. Não
( 1 )	( 2 )
( 1 )	( 2 )
( 1 )	( 2 )

Comente sobre o questionário

Obrigada por sua colaboração. Seus dados serão mantidos em sigilo.